



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

(Re)Conciliação entre trabalho e
vida pessoal – impactos nas
escolhas no processo durante a
transição para o mercado de
trabalho

Trabalho Final na modalidade de Dissertação
apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Gestão

por

Diogo Luís Marques Batista de Carvalho

sob orientação de
Professora Doutora Isabel Guimarães e Professora Doutora Sandra Coelho

Católica Porto Business School
Março, 2018

Agradecimentos

No momento em que escrevo estas linhas ocupa-me sobretudo uma sensação de alívio. Escrever esta tese enquanto trabalho, e prolongá-la por quase quatro anos, foi um enorme desafio que agora concluo. E por isso, não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que me acompanharam neste percurso.

À Doutora Isabel Guimarães e à Doutora Sandra Lima Coelho, obrigado pelas inúmeras revisões, correções e sugestões.

Aos entrevistados, obrigado pela disponibilidade, paciência e colaboração.

Aos meus amigos de sempre, obrigado pelas horas que me ouvirem a falar da tese.

Aos que são o meu suporte de sempre, obrigado por tudo o que todos sabem. À Tia Cândida, ao Avô Zé, à Mãe, ao Pai, à Mana e ao André, e à minha namorada Patrícia.

E por fim, à Avó Pina, quem de todos nós mais gostaria de poder viver este momento. Nenhum é o médico que tu tanto querias, mas sei que estás orgulhosa de nós.

Resumo

A presente dissertação aborda o tema da (re)conciliação entre trabalho e vida pessoal. Concretamente e partindo do pressuposto de que o tema reflete um problema real, foi realizado um estudo com um duplo objetivo. Primeiro, compreender se as preocupações com conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar influenciaram as opções de carreira durante a transição para o trabalho. Depois, que outros factores estiveram presentes nessas escolhas. O tema da conciliação tem vindo a ser desenvolvido, fundamentalmente, desde a década de 1980 e cedo se afirmou como uma área de investigação transdisciplinar. Isto porque, para além de afetar significativamente a vida de muitos indivíduos, pode igualmente influenciar as atitudes e o rendimento dos indivíduos no trabalho. Se o desenvolvimento do tema se relacionou originalmente com alterações provocados pela incorporação das mulheres na população trabalhadora, atualmente respeita a ambos os géneros. Todavia, as políticas de conciliação que empresas e estados têm implementado, estão frequentemente associadas às medidas mais gerais no âmbito da igualdade de género. Isso acontece, fundamentalmente, porque as responsabilidades familiares estão ainda desigualmente distribuídas. São as mulheres que, em geral, acumulam o trabalho doméstico com o trabalho assalariado.

Se o tema está estabelecido na literatura, mais recentemente tem incluído as gerações mais novas. Por outras palavras, mais recentemente têm surgido estudos que escrutinam até que ponto as preocupações com a conciliação entre vida de trabalho influenciam escolhas na fase de transição da Universidade para o mercado de trabalho. Neste contexto, este é um estudo exploratório que estudou jovens licenciados na área da economia. O estudo recorreu, assim, a métodos qualitativos de recolha e tratamento de informação, nomeadamente entrevistas e histórias de

vida. O estudo revelou que as questões da conciliação não afetaram as escolhas na fase de transição para o mercado de trabalho dos jovens entrevistados. Estes mostraram-se interessados em consolidar a situação profissional, considerando que mais tarde seria mais fácil conciliar trabalho e vida pessoal e familiar. O resultado deste estudo poderá, eventualmente, refletir a área de formação dos entrevistados. Futuras investigações deveriam, por isso, incorporar licenciados noutras áreas.

Palavras-chave: (re)conciliação, vida profissional, vida familiar, transições

Abstract

The present thesis work is based on the analysis of the (re)conciliation between work and personal life. Specifically, and assuming that the theme reflects a real problem, a study was carried out with a double aim. First, understanding whether concerns about reconciling work and personal and family life have influenced career choices during the transition to work. Then, which other factors influenced the choice. The theme of conciliation has been mainly developed since the 1980s becoming soon an established transdisciplinary area of research. Since in addition to significantly affecting the lives of many individuals, it can also influence individuals' attitudes and performance at work. If the theme development was originally related to changes due to the women integration into the working population, it currently concerns both genders. However, the reconciliation policies that companies and states have implemented are often associated with more general steps in gender equality area. This is mainly because family responsibilities are still unevenly distributed. Women in general, accumulate domestic work with wage labour.

If the theme is established in the literature, more recently has included the younger generations. In other words, more recently there have been studies that scrutinize to which extent concerns with conciliation between work life balance influence choices in the transition from university to the labor market. In this context, this is an exploratory study targetting young graduates in the area of economics. The study used qualitative methods of collecting and processing information, namely interviews and life stories. It revealed that the matters of conciliation did not affect the choices of the young people interviewed in the transitory phase to the labour market. They were interested in consolidating the professional situation, considering that later it would be easier to reconcile work

and personal and family life. The result of this study may possibly reflect the training area of the interviewees. Future investigations should therefore include graduates in other areas.

Keywords: (re)conciliation, professional life, family life, transitions

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	v
Siglas	1
1. Introdução.....	3
2. Revisão da Literatura	7
2.1. O Problema da Conciliação.....	7
2.2. Conciliação no Feminino	9
2.3. Expectativas das Gerações mais Jovens	13
2.4. Atitudes Perante o Trabalho	15
2.5. Diferentes Formas de Transitar para a Vida Adulta.....	16
2.6. Transições e Conciliação.....	18
3. Metodologia.....	23
3.1. Escolha do Método de Investigação	23
3.2. Histórias de Vida.....	27
3.3. Amostra	29
3.4. Realização das Entrevistas	34
4. Resultados e Discussão	37
4.1. Histórias de Vida:.....	37
4.1.1. António: O Empreendedor	39
4.1.2. Artur: O <i>Workaholic</i>	45

4.1.3.Filipe: Da Economia à Gestão	50
4.1.4.Guilherme: A Segurança.....	54
4.1.5.Luísa: Percursos no Feminino.....	60
4.1.6.Manuel: O Matemático	65
4.1.7.Matilde: A Emigrante.....	73
4.1.8.Pedro: O Associativismo Académico.....	78
4.1.9.Sara: Conflitos Geracionais	84
4.1.10. Vanessa: Liberdade para Escolher	88
4.2. Histórias de Vida: Discussão	93
4.2.1.Conciliação – Relevante, mas não Determinante	93
4.2.2.Outros Fatores	94
4.2.3.A Discussão	95
5. Conclusão.....	98
6. Referências Bibliográficas.....	102
Anexo A – Declarações de Confidencialidade dos Entrevistados.....	A-1
Anexo B – Guião das Entrevistas Realizadas	B-1
Anexo C – Transcrição das Entrevistas Realizadas	C-1
C.1. António	C-1
C.1.1. Dados Referentes ao Sujeito António	C-1
C.1.2. Entrevista.....	C-1
C.2. Artur.....	C-12
C.2.1. Dados Referentes ao Sujeito Artur.....	C-12
C.2.2. Entrevista.....	C-12
C.3. Filipe.....	C-21
C.3.1. Dados Referentes ao Sujeito Filipe.....	C-21
C.3.2. Entrevista.....	C-21

C.4. Guilherme.....	C-33
C.4.1. Dados Referentes ao Sujeito Guilherme.....	C-33
C.4.2. Entrevista.....	C-33
C.5. Luísa.....	C-41
C.5.1. Dados Referentes ao Sujeito Luísa.....	C-41
C.5.2. Entrevista.....	C-41
C.6. Manuel.....	C-49
C.6.1. Dados Referentes ao Sujeito Manuel.....	C-49
C.6.2. Entrevista.....	C-49
C.7. Matilde.....	C-70
C.7.1. Dados Referentes ao Sujeito Matilde.....	C-70
C.7.2. Entrevista.....	C-70
C.8. Pedro.....	C-76
C.8.1. Dados Referentes ao Sujeito Pedro.....	C-76
C.8.2. Entrevista.....	C-76
C.9. Sara.....	C-87
C.9.1. Dados Referentes ao Sujeito Sara.....	C-87
C.9.2. Entrevista.....	C-87
C.10. Vanessa.....	C-92
C.10.1. Dados Referentes ao Sujeito Vanessa.....	C-92
C.10.2. Entrevista.....	C-92

Siglas

CEE	Comunidade Económica Europeia
EUA	Estados Unidos da América
IEFP	Instituto do Emprego e Formação Profissional
UE	União Europeia

1. Introdução

O presente Trabalho Final de Mestrado em gestão explora a influência que problemática da “(Re)Conciliação entre trabalho e vida pessoal” poderá exercer nas diferentes escolhas que se oferecem à saída da Universidade. Mais concretamente, o estudo procurou responder às seguintes questões de investigação:

1. Até que ponto as preocupações com questões decorrentes da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar influenciaram as opções de carreira no contexto da transição para o emprego;

2. Admitindo que a conciliação possa influenciar as opções de carreira, que outros factores estiveram presentes nas escolhas possíveis na fase de transição para o emprego.

Para o efeito, o estudo centrou-se numa amostra de jovens de classe média com formação na área de economia. O usufruto de tempo para a vida pessoal e os projetos familiares são aspetos que podem afetar o modo como os mais jovens decidem sobre as suas carreiras profissionais durante o processo de transição para o mercado de trabalho e, desse modo, para a vida adulta. Todavia, a articulação entre a vida profissional e a vida pessoal e familiar parece cada vez mais complexa nas sociedades contemporâneas, dadas as frequentes alterações que ocorrem no mercado de trabalho e que, reconhecidamente, afetam fundamentalmente os mais jovens. Tais alterações refletem-se, por exemplo, no crescimento das taxas de desemprego jovem na UE, bem como a incidência do risco de pobreza neste grupo demográfico. Os dados do Eurostat revelam que em 2015, 31,3% dos jovens com idades entre os 18 e os 24 anos estavam em risco de pobreza ou mesmo de exclusão social (“Europe 2020 indicators”, 2017). Ainda que estes dados não contemplem exclusivamente licenciados, a verdade é que estes se incluem na população em causa.

A literatura tem evidenciado a crescente complexidade das transições para o mercado de trabalho. Um dos aspetos envolvidos neste processo é o do prolongamento das transições, o que habitualmente se associa a um prolongamento da dependência económica (Biggart, 2006). Uma forma de assegurar o prolongamento das transições é o que se concretiza na opção pelas pós-graduações, ou seja, a realização de mestrados e, eventualmente, doutoramentos, antes da entrada para o mercado de trabalho. Porém, todos estes processos mostram que as transições, sendo embora decorrentes de decisões que podem ser consideradas individuais, não deixam de refletir influências sociais. Por exemplo, tais influências ajudam a moldar as crenças e os valores (Mauritti, 2002; Guerreiro, 2007; Andrade, 2010). Por outro lado, se a dependência financeira mais prolongada acentua o papel e a contribuição da família, o Estado surge como outro elemento fundamental. Para além das políticas europeias que procuram promover o emprego dos mais novos, o Estado tem tido um papel relevante.

A dependência dos mais jovens não se manifesta apenas em relação à família, mas igualmente ao poder político. Desde meados da década de 1990 que têm existido programas de apoio ao emprego dos mais jovens. Os estágios proporcionados pelo InovContacto, por exemplo, procuram promover a empregabilidade de jovens licenciados. Não obstante, esta dependência mais prolongada poderá ter consequências ao nível individual, tudo dependendo do que a dependência significar para cada indivíduo. Nesse contexto, as decisões sobre a carreira profissional poderão ser encaradas como uma estratégia para solucionar a questão da dependência financeira e assegurar a autonomia individual. Isto tenderá a ser particularmente importante em sociedades nas quais o patriarcado parece ser ainda relevante, como acontece em Portugal (Estanque, 2004). Mas para além do rendimento, o reconhecimento social pode ser outro fator relevante a considerar.

As ramificações da questão da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal são vastas. São igualmente uma decorrência das alterações que se começaram a desenhar a partir das duas guerras mundiais. Esses factos históricos

proporcionaram às mulheres de todas as classes sociais oportunidades para participação no esforço de guerra, assegurando grande parte das tarefas produtivas. Tais transformações viriam a culminar na chamada 'revolução social' da década de 1960, uma revolução que abrangeu múltiplos domínios e que também ficou marcada pela generalização da entrada das mulheres no mercado de trabalho. Porém, como notou Hochschild este facto não alterou imediatamente a anterior ordem doméstica herdada da Revolução Industrial (Hochschild, 1989). Por isso, as mulheres acabaram por ter de assegurar dois turnos de trabalho, em casa e fora dela. Esta desigual distribuição de responsabilidades familiares explicará o motivo pelo qual a conciliação tende a ser integrada na problemática da igualdade de género, como acontece com a Comissão Europeia (Tovella, 2009). A questão da conciliação é, no fundamental, encarada a partir dos problemas que afetam as famílias. Porém, como se viu, a vida familiar não deixa de influenciar os mais jovens e é nesse contexto que este trabalho se inscreve.

Após a Introdução, o segundo capítulo da presente dissertação enquadra a problemática teórica, a partir da revisão da literatura. O trabalho é aqui assumido como um conceito central, na medida em que está no centro dos problemas aqui equacionados, nomeadamente as transições, a dependência prolongada dos mais novos e, certamente, da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar. No terceiro capítulo são as opções metodológicas que se apresentam, acompanhadas pela reflexão sobre as vantagens e as dificuldades que o trabalho de campo suscitou. O método das histórias de vida (Poirier, 1983) permite chegar a informação detalhada sobre os processos em estudo, mas consome tempo e deve, por isso, ser ponderado. A amostra integrou 10 jovens de ambos os sexos. A informação foi recolhida através de entrevistas semidiretivas, as quais foram posteriormente analisadas a partir do método das histórias de vida. Os constrangimentos colocados pelo tempo e pelas exigências de um início de carreira profissional exigente explicam, pelo menos em parte, que a amostra tenha sido construída a partir de dois métodos. Inicialmente, os cinco entrevistados foram

incorporados a partir do método de amostragem por conveniência e os cinco restantes pelo método de bola de neve (Biernacki, 1981). Tal facto estará, indelevelmente, associado às limitações do trabalho, que deve ser entendido como um estudo exploratório, principalmente porque não existem trabalhos especificamente orientados para o cruzamento destes dois temas, transições e conciliação entre trabalho e vida pessoal e familiar.

O quarto capítulo apresenta as histórias de vida e discute a informação, à luz da problemática teórica e das questões de investigação. O presente trabalho equaciona um conjunto de variáveis com as escolhas dos jovens que participaram no estudo. A discussão foi estribada pela relação entre a origem social dos entrevistados, a sua área de formação e eventuais influências que ambas poderão ter exercido sobre os projetos profissionais que decidiram abraçar e mesmo sobre as suas expectativas para o futuro. Um dos aspetos fundamentais foi o de saber se tais expectativas se associavam a projetos de construção de vida familiar. Tais resultados serão depois reiterados nas conclusões, o quinto e último capítulo do presente trabalho. Nele se incluem, igualmente, algumas reflexões sobre as limitações da pesquisa, sugestões para futuros trabalhos de investigação nesta área, bem como para a gestão das organizações.

2. Revisão da Literatura

2.1. O Problema da Conciliação

O novo milénio manteve as características que se vinham desenhando desde as últimas duas décadas do século XX, no que toca à problemática da conciliação entre a vida de trabalho e vida pessoal e familiar. Esta dicotomia que opõe o trabalho às restantes dimensões da existência evidencia o peso que o trabalho exerce na vida dos indivíduos. O mercado de trabalho altamente competitivo, a par das alterações demográficas (Beauregard, 2009) contribui para as alterações que se desenham há, pelo menos, duas décadas nas sociedades ocidentais. Acresce o ritmo da inovação que caracteriza as tecnologias de informação, em particular devido ao acesso à Internet e à Web. Todos estes aspetos parecem acentuar os conflitos que os indivíduos sentem, no exercício de múltiplos papéis sociais, nomeadamente perante a pressão colocada pelo trabalho. Por exemplo, se as tecnologias de informação possibilitam, pelo menos em tese, uma flexibilização dos modos de trabalhar, a verdade é que muitos indivíduos passam a maior parte do seu tempo no trabalho. E esta é uma circunstância que parece estar naturalizada entre alguns profissionais, especificamente, entre os gestores.

Muitos profissionais não consideram irrazoável que o trabalho se sobreponha à sua vida pessoal e familiar. Em 2009, Guillaume e Pochic entrevistaram cerca de 60 gestores intermédios e de topo (Guillaume, 2009). As entrevistas revelaram que estes profissionais estavam disponíveis para trabalharem para além do horário contratado. Os autores consideraram que é a ambição profissional e a vontade de ganhar destaque na organização que fundamenta esta disposição. Para os entrevistados, a disponibilidade total perante as solicitações da empresa parecia ser uma condição para o sucesso (Guillaume, 2009). Mais de uma década antes,

Hochschild realizou uma pesquisa numa empresa seguradora norte-americana e encontrou nos funcionários a crença na ideia de que o trabalho para além das horas contratadas, era uma condição necessária para o sucesso e as promoções (Hochschild, 1997). Esta crença também parecia explicar porque motivo os funcionários da organização não beneficiavam das políticas “amigas da família” existentes na organização. A vontade de conciliar trabalho com a vida pessoal parecia ser menos relevante do que o sucesso.

A adesão das pessoas ao trabalho e às suas exigências pode derivar do sistema de valores que domina as sociedades de capitalismo avançado. Isto é, neste modelo de sociedade, a economia e os seus valores acabam por prevalecer entre os valores que guiam o comportamento dos indivíduos. Essa foi a interpretação de Parsons e Smelser quando procuraram explicar algumas características da sociedade norte-americana da primeira metade do século anterior (Parsons, 1956). Em seu entender, o trabalho, o sucesso e a realização transformaram-se em valores morais. Esses valores, tendo origem no campo económico e na racionalidade económica, disseminaram-se pela sociedade porque numa sociedade industrial a atividade económica seria prevalecte. Sendo assim, os seus valores passariam igualmente para o topo do sistema de valores sociais. Numa sociedade onde o sistema económico domina, sendo o seu objetivo fundamental a produção, o trabalho assume-se como valor fundamental. A adesão aos valores da racionalidade económica explicaria, deste modo, a dedicação da generalidade dos indivíduos ao trabalho. Parsons e Smelser consideraram os Estados Unidos da América (EUA) como o paradigma da institucionalização destes valores por ser, na época, a sociedade que maior importância atribuía à atividade económica (Parsons, 1956).

Numa sociedade onde o trabalho, o sucesso e a realização se afirmem como valores fundamentais, é de esperar que a atividade profissional ganhe precedência sobre as demais. Por outras palavras, os indivíduos tenderão a guiar o seu comportamento em função dos valores, já que estes também estruturam as expectativas que os indivíduos nutrem, uns em relação aos outros. Em consonância,

são as dimensões pessoal e familiar da existência que acabam sacrificadas (Parsons, 1956; Hochschild, 1989; Hochschild, 1997). Em geral, a literatura equaciona a problemática da conciliação entre trabalho e vida pessoal e familiar, com a família e o exercício da parentalidade (cf. Evans, 2001). Noutras perspectivas, a atenção recai, sobretudo, nas mulheres. Isto porque, frequentemente, conjugam a atividade profissional com uma participação mais ativa nas atividades de assistência à família (Hochschild, 1989; Hochschild, 2003; Hochschild, 2012). E essa é também uma das fragilidades da produção teórica sobre o tema da conciliação e mesmo das políticas que procuram facilitar a conciliação entre as exigências do trabalho e as da vida pessoal e familiar. Em concreto, porque parecem partir do pressuposto de serem as mulheres quem assegura a vida familiar, tais críticas assentam, como notam Cooper e Lewis, no facto de as políticas favorecerem, em geral, as mulheres (Cooper, 1995).

2.2. Conciliação no Feminino

As mulheres contribuíram decisivamente para problematizar as exigências decorrentes do trabalho. Quer dizer, enquanto a estrutura familiar foi patriarcal, cabendo aos homens o papel de ganhar a vida fora de casa, a separação entre a vida de trabalho e a vida pessoal e familiar não constituiu um problema. Como recordam Near, Rice e Hunt, as transformações que o capitalismo industrial ocasionaram no trabalho e na sua organização refletiam-se noutras instituições sociais (Near, 1980). A família foi uma delas, uma vez que a universalização do trabalho assalariado contribuiu para a separação entre os dois campos, do trabalho e da família que assim são entendidos como domínios separados da existência (Tovella, 2009). O trabalho situa-se no domínio público, dominado pelos homens, cujo papel era o de assegurar o bem-estar económico das respetivas famílias. Na família, isto é, no domínio privado, pontificavam as mulheres, cujo papel era fundamentalmente o de assegurar o trabalho doméstico e os cuidados com as crianças. Este modelo dicotómico poderá ajudar a compreender que, por exemplo, o domínio público seja

considerado produtivo e o trabalho remunerado aquele que a teoria económica reconhece como tal. O trabalho doméstico, caso não seja parte do mercado de trabalho e permaneça situado no domínio privado, não possui significado económico, ainda que tenha valor económico. Como referem Tovella e Masslot o modelo patriarcal dominou as sociedades ocidentais desde o século XIX até à primeira metade do século XX (Tovella, 2009). Consagrou a visão do ‘bom pai’ como o patriarca que ganhava a vida trabalhando fora de casa e da boa mãe como a cuidadora e a ‘dona de casa’.

O modelo patriarcal foi desafiado, para não dizer abalado aquando da entrada maciça das mulheres de classe média para o mercado de trabalho, que ocorre por alturas da década de 1960. Este facto fez parte de um conjunto mais vasto, de transformações, que ficaria associado ao movimento feminista e a uma verdadeira “revolução social” (Hochschild, 1989). Mas a participação das mulheres no mercado de trabalho e a sua contribuição para a economia havia sido testada nos períodos da I e II Grandes Guerras. Nessa altura, as mulheres substituíram os homens no esforço de guerra, demonstrando a sua capacidade e o seu valor económico. O modelo patriarcal começou a fragilizar-se a partir destas experiências e, depois da II Grande Guerra é a própria representação da ‘boa mãe’ que se transforma (Tovella, 2009). Ao papel privado da cuidadora e dona de casa, as mulheres acrescentam igualmente o papel de trabalhadoras produtivas, em sentido económico do termo. Seria este o contexto que abriria caminho para o fenómeno que marcou a década de 1960 e não mais deixou de se fazer sentir. Foi justamente a institucionalização da participação das mulheres no mercado de trabalho que fez emergir o problema da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar. Quer dizer, a partir do momento em que trabalhar fora de casa passou a ser um direito e uma expectativa de mulheres e homens, a vida familiar tornou-se problemática. As exigências do trabalho nem sempre se compatibilizaram com as necessidades da família.

A dificuldade em conciliar os dois campos da existência parece ser um problema teórico, mas é parte da história de muitas mulheres. O caso de Hochschild parece

exemplar, já que foi a sua própria experiência que originou o seu interesse pelas questões da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar. Depois do nascimento do primeiro filho, a vontade de continuar a amamentá-lo obrigou-a a levar a criança para a universidade, onde lecionava. Como diz a autora, “muitas estudantes de pós-graduação manifestavam desagrado, em parte porque no início dos anos 1970 os bebês estavam fora de moda e, em parte, porque receavam que eu me estivesse a desprofissionalizar, bem como às mulheres em geral e, simbolicamente, a elas também.” (Hochschild, 1989). Durante alguns meses, a autora conheceu a pressão que um filho exerce sobre uma mulher que trabalha. Os homens, incluindo o seu próprio cônjuge, também ele um académico, estavam libertos desse tipo de responsabilidade. Atualmente e para falar da União Europeia, grande parte dos países possui legislação que visa facilitar a conciliação entre ambos os domínios da existência, o trabalho e a vida pessoal e familiar.

A experiência de Hochschild não terá sido original. Porém, ajuda a compreender, por um lado, que se coloque o problema da conciliação entre o trabalho e as restantes áreas da vida. Por outro lado, também explica parcialmente que o problema da conciliação seja frequentemente pensado no feminino, associado à família e mesmo parte das políticas que visam promover a igualdade de género. Isto porque, apesar de todos os avanços legislativos, por exemplo, no que concerne às licenças de parentalidade, a ideologia patriarcal ainda não desapareceu completamente. A desigualdade salarial não é a única que subsiste entre homens e mulheres. Nem o acesso a cargos de direção nas organizações, ou cargos políticos. Existe ainda a desigualdade no seio da família e que levou Hochschild a sustentar que subsiste ainda alguma rigidez no que concerne à distribuição do trabalho doméstico, o que continua a empurrar as mulheres para a acumulação do trabalho remunerado com o “segundo turno” (Hochschild, 1989; Hochschild, 1997). Este refere-se ao trabalho doméstico. Há sinais de que esta poderá ser uma situação em mudança. Por exemplo, se a literatura tem procurado explicar a relutância dos homens em recorrer às licenças de parentalidade, aquando do nascimento dos

filhos, para não prejudicarem a carreira profissional (ver Fevre, 2003, para uma abordagem detalhada), em Portugal a situação tem-se alterado. Como o CITE dá conta (“Mulheres e Homens”, s.d.), na última década aumentou significativamente o número de homens que goza a licença de parentalidade exclusiva do pai.

O aumento do número de licenças de parentalidade de uso exclusivo do pai poderá assinalar uma alteração de comportamentos dos indivíduos na sociedade portuguesa. Também sugere uma maior vontade de participar nas atividades domésticas, nomeadamente, no que respeita aos cuidados com as crianças. Se em 2000, 10,7% dos homens receberam o subsídio por licença parental de uso exclusivo do pai em percentagem face ao número de nascimentos, em 2015 a proporção foi de 71,4%. Por outro lado, o número de homens que recebeu o subsídio por licença de parentalidade facultativa de uso exclusivo do pai foi em 2000 de 0,1% situando-se nos 62,6% em 2015. Mais significativo ainda, foi o aumento da percentagem de homens que aderiu à licença partilhada com a mãe, 0,5% em 2005 e 32,3% em 2015 (Cunha, 2015). A estatística sugere que as novas gerações estarão mais disponíveis para partilhar responsabilidades domésticas, nomeadamente, as que dizem respeito aos cuidados com as crianças. Não obstante, nada referem sobre a população envolvida, para além de que são homens ativos, a trabalhar tanto no sector privado como em organismos públicos. Não obstante, estas alterações ocorrem num contexto de mudança de instituições, como o casamento e a própria estrutura da família, que afeta a generalidade dos países ocidentais, como notam Tovalla e Masslot, onde se inclui Portugal (Tovella, 2009). Muito provavelmente, serão as gerações mais jovens as que mais diretamente poderão acelerar a equidade na distribuição das responsabilidades familiares.

2.3. Expectativas das Gerações mais Jovens

Até ao momento, a questão da conciliação tem sido conceptualizada opondo dois campos, o do trabalho, ao campo da família. Quer dizer, ainda que habitualmente se inclua a vida pessoal, grande parte da teoria foca, fundamentalmente, as dificuldades que subsistem quando, para além do trabalho, existe família. Porém, quando se aborda uma população mais jovem, recém-saída da Universidade e ainda no início da atividade profissional, será provavelmente a dimensão da vida pessoal a mais relevante. Brannen e Nilsen escrutinaram o modo como um conjunto de jovens britânicos e noruegueses, de várias origens sociais, perspetivava as diferentes etapas da vida, constatando que o ciclo de vida se alterou, tendo hoje mais formas e etapas possíveis (Brannen, 2002). A transição para a vida adulta é a fase do ciclo de vida que mais se tem alterado, tornando-se instável e repleta de dúvidas e projetos. Como refere Leccardi, a precariedade e a instabilidade caracterizam as sociedades ocidentais (Leccardi, 2006). Esta é uma tendência que se desenhou a partir da década de 1980 e se tem disseminado desde então. Uma consequência foi o prolongamento das transições para a vida adulta, habitualmente conotadas com a entrada no mercado de trabalho.

Uma transição mais prolongada para a vida adulta, ou seja, a independência económica, através da entrada no mercado de trabalho, acentua o papel das famílias. O mesmo acontece perante o aumento do desemprego entre as gerações mais jovens (Wepfer, 2015). Por outras palavras, ambos os fenómenos contribuem para aumentar o período de dependência económica dos adultos jovens. Quando a proteção social é fraca ou inexistente, como acontece em Portugal, a família é, muitas vezes, o único apoio. Leccardi *et al.* ressalta o papel da família, explicando que, num ambiente de grande instabilidade, a família afirma-se como um elemento que transmite constância temporal e estabilidade (Leccardi, 2006). Todavia, não há muito que a família possa fazer, quando o que está em causa é um mercado de trabalho caracterizado pela rigidez e que, simultaneamente, encoraja e promove a

flexibilidade. Quer dizer, as empresas têm a oportunidade para selecionar os candidatos que mais correspondem ao perfil exigido, operando de forma rígida e, desse modo, limitando as possibilidades de mobilidade. Simultaneamente, a flexibilidade das relações de trabalho são encorajadas, transformando o emprego numa realidade de elevada contingência. Todavia, como Wepfer *et al.* (Wepfer, 2015) afirmam, a “norma do trabalhador ideal compreende disponibilidade a tempo inteiro, mobilidade, qualificações elevadas, uma forte orientação para o trabalho e prontidão para pôr o trabalho em primeiro lugar”, características que Mescher, Benschop e Doorewaard também haviam identificado (Mescher, 2009). Esta norma constrange e condiciona as expectativas e os projetos dos mais jovens.

A pressão para a entrada no mercado de trabalho convida à conformidade com as exigências das organizações. Isso pode explicar que, para muitos adultos jovens, a vida familiar, sobretudo, a que pode envolver o exercício da parentalidade, fique adiada. Tais projetos dependem, no fundamental, de estabilidade no emprego (Kugelberg, 1998; Brannen, 2002). Existem, todavia, outros factores que contribuem para o adiamento de projetos dos mais jovens. Guerreiro e Abrantes identificam o número de anos de escolarização, a presença das mulheres no mercado de trabalho, as dificuldades em entrar no mercado de trabalho e o “experimentalismo amoroso” como possíveis razões para o adiamento da parentalidade (Guerreiro, 2007). A estabilidade económica, porém, assume preponderância na determinação do tempo certo para ter filhos. Aparentemente, esta não é uma realidade portuguesa, já que também, Kugelberg havia encontrado a ideia da estabilidade e a parentalidade, entre os jovens suecos (Kugelberg, 1998). A literatura sugere, assim, que os mais jovens estarão, mercê das dificuldades no acesso ao emprego, sobretudo interessados em assegurar as condições que lhes permitam construir uma carreira profissional e, por essa via, a independência e estabilidade. Todavia, a percepção das dificuldades também justifica que, em determinados grupos sociais, o adiamento da entrada no mercado de trabalho possa ser voluntária. Ações de voluntariado e

viagens são, habitualmente, as atividades realizadas por jovens de classe média durante o chamado *gap year*.

2.4. Atitudes Perante o Trabalho

A prorrogação voluntária da entrada no mercado de trabalho, associada aos constrangimentos que dificultam a entrada quando se decide fazê-lo, pode fazer coincidir a constituição de família com os anos iniciais de trabalho. Brannen e Moss (Brannen, 1998), por exemplo, consideram que, quando isso acontece, o trabalho e não a família, tende a prevalecer. Isto significa que a conformidade com a norma do “trabalhador ideal” (Mescher, 2009; Wepfer, 2015) justificará longas horas de trabalho, numa tentativa de assegurar a permanência no local de trabalho. Esta atitude de submissão às exigências das organizações visa, por isso, a segurança financeira e a estabilidade, dada a inconstância do mercado de trabalho e a possibilidade de perda de remuneração (Deven, 1998). Compreende-se, assim, que as dificuldades em conciliar o trabalho com o resto da vida terá de passar, no fundamental, por políticas das próprias empresas. Caso contrário, os indivíduos terão dificuldade em assegurá-la. Fevre afirma que as dificuldades de conciliação existentes não dependem, apenas, das alterações dos comportamentos dos homens, em especial no que respeita à partilha das responsabilidades domésticas e parentais (Fevre, 2003). Ao contrário, pensa que será essencial uma mudança cultural na sociedade que revalorize todo o tipo de trabalho, seja ou não remunerado. Por outras palavras, será essencial uma rutura com a noção estritamente económica do trabalho.

De um ponto de vista económico, só o trabalho remunerado é produtivo e valorizado. Esta concepção de trabalho tem várias consequências. Entre estas, está a possibilidade de os indivíduos desenvolverem uma relação instrumental com o trabalho. Neste caso, o trabalho é apenas um meio para um fim. Concretamente,

existe a crença de que se os indivíduos trabalham tanto e se sujeitam às exigências do trabalho, fundamentalmente, por valorizarem o consumo e o lazer. Portanto, o trabalho é um sacrifício que serve para pagar os prazeres da vida. Fevre escrutinou estes argumentos, chamando a atenção para o facto de haver agora mais tempo livre que pode ser dedicado aos diversos lazes (Fevre, 2003). O autor recordou que se trabalha agora menos do que no passado. Não porque as jornadas de trabalho não possam ser igualmente longas, mas porque existem períodos longos de férias, durante as quais se pode dar sequência aos interesses de lazer e de consumo. Do mesmo modo, o prolongamento das transições para o mercado de trabalho, diminui o tempo de atividade, mesmo que depois a idade de reforma seja prolongada. Não obstante, o trabalho constitui, para muitos, o principal interesse da vida. Quer dizer, há quem viva para trabalhar e as gerações mais jovens parecem mais suscetíveis a essa disposição, pelo menos na fase inicial da vida ativa. Todavia, Fevre sugere que para muitos indivíduos a motivação para o trabalho transcende a necessidade de garantir a subsistência (Fevre, 2003). Beder fala mesmo no trabalho como obrigação moral (Beder, 2000). Neste sentido, estaria justificada a atitude dos que se dedicam ao trabalho de forma compulsiva, prejudicando a vida pessoal e familiar.

2.5. Diferentes Formas de Transitar para a Vida Adulta

As sociedades ocidentais foram confrontadas nas últimas décadas com um desenvolvimento tecnológico sem precedentes que aumentou, exponencialmente, a qualidade de vida dos indivíduos (Guerreiro, 2007). Este aumento generalizado incidiu em vários aspetos da vida das populações: a facilidade de comunicação à distância, a maior mobilidade, os avanços na medicina ou a maior diversidade das atividades de lazer são apenas alguns exemplos. Através de *focus groups* e usando um guião semiestruturado, Guerreiro e Abrantes discutiram algumas questões sobre a conciliação entre a vida profissional e pessoal, com especial ênfase para a fase das transições para a vida adulta. Os dados recolhidos foram

complementados com entrevistas individuais que, à semelhança deste estudo, também incidiram numa amostra de jovens adultos. A finalidade foi estudar as “orientações para o emprego, a formação, a carreira e a família, entre os jovens portugueses de ambos os sexos” (Guerreiro, 2007). Este estudo levou os autores a definirem sete tipos de transição para a vida adulta: profissionais; lúdicas; experimentais; progressivas; antecipadas; precárias e desestruturantes.

As transições desestruturantes são típicas de classes mais baixas onde as famílias não têm recursos para sustentar o desemprego de jovens com pouca formação que se vão excluindo socialmente. As transições precárias acontecem em jovens de classe baixa com poucas qualificações que vivem em constantes situações de readaptação entre vínculos precários e fases de desemprego. As transições progressivas são revestidas de um certo apoio familiar e acontecem em jovens de classes baixas que conseguem progredir a pouco e pouco, conseguindo alcançar faseadamente alguns objetivos como seja o emprego, a saída de casa ou o casamento. Também as transições antecipadas acontecem, sobretudo, em classes baixas com destaque para jovens raparigas que têm filhos cedo. A constituição da família faz precipitar a emancipação destas jovens, mas também os trabalhos precários que são alternados com os cuidados dos filhos e a lide doméstica. As transições experimentais caracterizam-se por várias mudanças tanto na vida profissional com várias mudanças de emprego como na vida por via de várias experiências de coabitação com amigos ou em relação amorosa antes do casamento. As transições profissionais observam-se, fundamentalmente, em indivíduos altamente qualificados, com formação superior longa e bem-sucedida. A este dado alia-se “(...) um investimento quase exclusivo no trabalho, nos primeiros anos, relegando os projetos familiares ou de lazer para um futuro mais ou menos longínquo”, ressalvando-se, porém, que “a maioria pretende adquirir o ‘pacote familiar’ quando tiver assegurado um estatuto profissional que garanta mais estabilidade (Guerreiro, 2007).

O 'pacote familiar' atrás citado por Guerreiro e Abrantes é um conceito definido anteriormente por Kugelberg e resume o objetivo padrão de casar, comprar casa e ter filhos (Kugelberg, 1998; Guerreiro, 2007). As transições profissionais são ainda consideradas extenuantes devido aos horários e níveis de exigência no trabalho que forçam o adiamento de outros projetos. Nesta fase da sua vida, a realização profissional coincidirá, em larga medida, com a realização pessoal destes indivíduos (Arnett, 2006; Guerreiro, 2007). Já as transições lúdicas são caracterizadas por longos percursos escolares, mas nos quais a vivência académica se sobrepõe, frequentemente, ao bom aproveitamento escolar observado nas transições profissionais. As principais causas são indicadas por vários outros autores: o aumento da qualidade de vida em geral, a contração do mercado de trabalho, a crescente valorização da realização pessoal, a vontade de viajar, conhecer outras culturas, conviver e travar novas amizades (Kugelberg, 1998; Brannen, 2002; Nilsen, 2002) ou, resumidamente, à diversão na generalidade das inúmeras formas que assume na atualidade. Todavia, Guerreiro e Abrantes, à semelhança do que já haviam feito Nilsen *et al.* e Mauritti, ressaltam que as transições lúdicas são menos observadas em Portugal do que noutros países devido às mais baixas condições de vida médias da população (Mauritt, 2002; Nielsen, 2002; Guerreiro, 2007).

2.6. Transições e Conciliação

A forma de encarar e viver a transição para a vida adulta é, em larga medida, o produto do processo de socialização, quer dizer, o contexto sociocultural de origem possibilita desde a primeira-infância, a aprendizagem e interiorização, de valores, disposições e atitudes. Sendo certo que o processo de socialização acompanha os indivíduos ao longo de toda a sua vida, não deixará de afetar o modo como muitos jovens adultos encaram o seu processo de transição. Para além dos valores e das influências sociais e culturais existem, igualmente, constrangimentos de ordem

material. As dificuldades económicas das famílias condicionam a existência de muitos jovens adultos, afetando as possibilidades objetivas de concretização dos seus projetos. Isto porque diferentes origens sociais proporcionam volumes diferenciados de recursos, o que faz com que, na competição pelas oportunidades - entre as quais está o emprego - que o ponto de partida seja diferenciado (Nilsen, 2002).

Diferentes origens sociais originam problemas diversos. Por outras palavras, decorre do trabalho de Guerreiro e Abrantes que os jovens adultos com origens sociais privilegiadas, enfrentam problemas derivados da existência de escolhas plurais (Guerreiro, 2007). Nestes casos, a questão estará em escolher, em tomar uma decisão e não com a de oportunidades. Em geral, os estudos realizados centram-se nos grupos sociais com maiores problemas. Porém, este estudo visa escrutinar motivações e aspirações de jovens adultos oriundos da classe média, bem como a sua sensibilidade para a questão da conciliação entre a vida de trabalho e vida pessoal e familiar. Em geral, estes jovens adultos possuem maior poder de escolha e as suas transições incluem-se, predominantemente, nos tipos “lúdico” e “profissional” (Guerreiro, 2007). De um modo geral, os estudos sobre transições parecem indicar que quando a opção passa pelo adiamento da entrada no mercado de trabalho, as explicações encontradas se centram mais na rigidez do mesmo e na dificuldade de conciliar estudos e trabalho no mesmo período, do que nas opções dos indivíduos (Elejabeitia, 1997; Andrade, 2010). No caso português em particular, as etapas de estudo e trabalho são mesmo encaradas como sequenciais:

Contrariamente à experiência vivida pelos jovens de outros países da União Europeia, cujas experiências de formação e inserção social e profissional muitas vezes se intersectam num mesmo contínuo temporal, para a larga maioria dos estudantes portugueses que frequentam o ensino de licenciatura o “início da vida adulta” (pelo menos nas suas dimensões familiar e profissional) é um projeto adiado, condicionado pelo termo da própria escolarização (Mauritti, 2002, p.111).

A administração de inquérito a 2000 estudantes do ensino superior em Portugal, permitiu a Mauritti identificar o fator cultural e as baixas condições de vida da população como explicação da particularidade das transições dos jovens portugueses, concluindo que o modelo de aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*) está ainda distante (Mauritti, 2002). Este facto é transversal aos países do Sul da Europa na sua generalidade, cujos jovens enfrentam longos percursos escolares com pouco ou nenhum contacto com o mercado de trabalho (Cavalli, 1997). Esta tendência deve-se em parte a fatores culturais, mas também a fatores sociais. Por exemplo, os incentivos ao processo de aprendizagem ao longo da vida em Portugal são muito inferiores aos existentes, por exemplo, na Noruega:

A tendência atual do pensamento político da Europa ocidental contempla a ideia de "aprendizagem ao longo da vida". Isto implica que as pessoas entram e saem do sistema de ensino ao longo da vida. Os trabalhadores noruegueses têm direito a licenças sem vencimento até três anos para investir em qualquer tipo de educação, em qualquer altura, uma disposição que não está disponível em Portugal. As decisões de educação e qualificações básicas são, no entanto, ainda pensadas como uma aquisição a fazer na juventude. As escolhas feitas nesta fase estabelecem as bases de futuras oportunidades de emprego remunerado. (Nilsen, 2002, p. 166)

Mauritti concluiu ainda que os inquiridos consideram que a escolaridade só será verdadeiramente útil quando reconhecida pelos futuros empregadores, altura em que "começará a dar os seus frutos" (Mauritti, 2002). Esta ideia está em consonância com o competitivo mercado de trabalho português no qual uma formação superior já não dá garantias de empregabilidade, como refere Andrade, devido ao baixo número de oportunidades (Andrade, 2010).

Os jovens noruegueses tendem a adiar mais a entrada na vida adulta do que os portugueses para aproveitar melhor a juventude, o que é atribuído às melhores condições médias de vida (Nilsen, 2002). Esta pretensão de estender a fase de transição para a vida adulta também já tinha sido verificada nos jovens suecos estudados anteriormente por Kugelberg, mas não sem a ressalva da necessidade de uma base económica que possa sustentar esta liberdade enquanto jovem

(Kugelberg, 1998). Já os jovens portugueses envolvidos no estudo supramencionado de Nilsen, revelaram-se mais orientados para os valores familiares por questões culturais, mas também devido aos menores apoios públicos e consequente dependência das respetivas famílias (Nilsen, 2002). Nilsen considera que a necessidade de começar a trabalhar mais cedo em Portugal deriva, em boa parte, da maior necessidade financeira, justificando o facto de a pretensão de aproveitar os anos de juventude não se ter verificado na mesma escala em que se verificou nos países nórdicos (Nilsen, 2002).

O trabalho é um valor moral central nas sociedades ocidentais atuais (Fevre, 2003), ainda que as atitudes perante o trabalho não sejam nem unânimes, nem consensuais. Porém, a literatura é escassa quando se procura conhecer o modo como as questões da conciliação entre o trabalho e a vida pessoal e familiar influencia as opções dos adultos jovens no que respeita às transições para o emprego. Por outro lado, ainda que a designação do tema inclua a expressão 'vida pessoal', esta parece invisível, a não ser quando assimilada ao próprio trabalho, no caso dos indivíduos que o encaram com uma espécie de devoção. Em geral, é a vida familiar que assume preponderância na literatura, provavelmente porque, como verificou Hochschild, as exigências do trabalho e a adesão aos valores da racionalidade económica, têm contribuído para as transformações demográficas que se têm feito sentir desde a segunda metade do século passado (Hochschild, 1989). Mas a conciliação entre vida profissional e vida pessoal e familiar é tradicionalmente abordada na literatura como um problema de pessoas empregadas. No entanto, esse problema é antecipado pelos jovens quando equacionam a entrada no mercado de trabalho, tomando a vida dos seus pais como exemplo do que é ser adulto (Brannen, 2002). Considerando que esta já é uma preocupação dos jovens antes de ser a realidade do seu dia-a-dia, como lidarão eles com a pressão para a entrada no mercado de trabalho, sabendo que terão menos tempo para a realização dos seus legítimos projetos pessoais? E qual é a origem desta pressão se se estiver perante uma população cujas necessidades materiais são diminutas? Dada a pertinência destas

questões, um dos objetivos desta investigação passará por complementar a literatura existente com uma abordagem diferente, principalmente, devido ao tipo de amostra escolhida, das que estão mais em voga sobre as ideias e opções dos jovens adultos (Kugelberg, 1998; Brannen, 2002; Lewis, 2002; Nilsen, 2002; Mauritti, 2002).

Partindo da ideia generalizada de que ter um bom emprego é ser socialmente reconhecido (Kugelberg, 1998), o presente trabalho procurou responder às seguintes questões de investigação:

1. Até que ponto as preocupações com questões decorrentes da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar influenciaram as opções de carreira no contexto da transição para o emprego?;
2. Admitindo que a conciliação possa influenciar as opções de carreira, que outros factores estiveram presentes nas escolhas possíveis na fase de transição para o emprego?.

3. Metodologia

3.1. Escolha do Método de Investigação

O principal objetivo desta investigação consistiu em compreender como é que a conciliação influencia as escolhas e trajetórias de inserção no mercado de trabalho de uma amostra de adultos jovens licenciados em economia. Adicionalmente, o estudo visou averiguar que outros factores exerceram influência na definição dos projetos profissionais após a conclusão da licenciatura. Não havendo uma tradição significativa de investigação neste domínio e, menos ainda, estudos realizados com licenciados em economia, este estudo assumiu características exploratórias. Esse facto condicionou e justifica as opções metodológicas. O presente capítulo apresenta e discute tais opções, as quais pareceram as mais adequadas para responder não apenas às características do estudo e da amostra, mas sobretudo às questões de investigação.

A escolha dos métodos de recolha e análise de informação depende dos objetivos da investigação. Isto é, se o objetivo for a procura de regularidades, de padrões de comportamento, a teoria recomenda, nesses casos, a utilização de métodos extensivos de recolha de informação (Silva, 1986). O inquérito por questionário e amostragem é o instrumento de recolha de informação prescrito em tais casos. Trata-se, de um método associado à tradição positivista nas ciências sociais. Por outras palavras, responde bem aos propósitos de matematização e, assim, simplificação da realidade proposta por Comte (Bourdeau, 2015). A filosofia positivista foi incorporada na epistemologia das ciências sociais, o que explica que os métodos quantitativos sejam considerados mais fiáveis devido ao seu alegado rigor matemático. Como dizem Poirier *et al.* “parece que, nas ciências humanas atuais, o termo inquérito está imperativamente ligado, sob pena de exclusão e

opróbrio, ao conceito de amostra estatisticamente representativa.” (Poirier, 2003). Bessa advertia, por exemplo, para o modo como as estatísticas são utilizadas na economia (Bessa, 1986). Os dados quantitativos não são objetivos nem rigorosos em si mesmos e, por isso, também refletem a subjetividade de quem os produz.

A subjetividade é uma característica da ação humana. Por outras palavras, os indivíduos agem em função da subjetividade da sua interpretação sobre os contextos e a realidade em que se inserem. Quando a subjetividade é um elemento importante na própria investigação, então os métodos quantitativos revelam-se pouco adequados. Nesse sentido, Creswell esclarece:

A pesquisa qualitativa parte de suposições, de uma visão global, do possível uso de uma lente teórica e do estudo dos problemas de pesquisa que investigam o significado que indivíduos ou grupos atribuem a um dado problema social ou humano. Para estudar este problema, os investigadores qualitativos usam uma abordagem qualitativa emergente para inquirir, recolhendo os dados num ambiente natural e sensível às pessoas e lugares em estudo, analisando os dados de forma indutiva e estabelecendo padrões ou temas. O relatório final escrito ou apresentação inclui as vozes dos participantes, a reflexão do investigador, e uma descrição complexa e interpretação do problema, complementando a literatura ou fazendo uma chamada de atenção. (Creswell, 2007, p. 37).

A opção pelos métodos qualitativos permite obter informação mais detalhada e aprofundada sobre os fenómenos em estudo. Não se trata, portanto, de uma questão de superioridade, mas de diferentes objetivos associados à investigação. Ademais, o presente estudo tem uma natureza exploratória. Isto porque não existe um repositório significativo de investigação que associe o tema da conciliação com as transições de adultos jovens para o mercado de trabalho. Menos ainda quando estes adultos jovens são licenciados em economia. A opção por esta área justifica-se, essencialmente, por dois motivos. O primeiro, a conveniência. O segundo, a pertinência. No primeiro caso, o tempo disponível para a realização da pesquisa dificultaria a construção de uma amostra que incluísse participantes muito distantes do investigador. Por outro lado, a formação em economia promove a construção de

disposições favoráveis ao trabalho. Seria, por isso, interessante verificar a eventual influência da formação acadêmica nas disposições dos participantes.

Para obter informação aprofundada, as entrevistas semidiretivas são a opção adequada. Quer dizer, a entrevista semidiretiva dá aos entrevistados liberdade para se expressarem sobre os temas propostos. Como refere Seidman: “A raiz da entrevista é o interesse em compreender a experiência vivida por outras pessoas e o significado que atribuem a essa experiência.” (Seidman, 2006). A existência de um guião previamente preparado proporciona ao entrevistador a possibilidade de controlar o rumo da conversa, de modo a garantir que, no final, recolheu toda a informação necessária. Todavia, esta é apenas uma das possibilidades e a que pareceu adequada ao tipo de investigação em causa. Os diversos tipos de entrevista aparecem classificados de formas muito diversas, consoante os diversos manuais de metodologia (Cohen, 2007). Por exemplo, Patton propõe a seguinte classificação: entrevistas informais ou conversacionais; guiadas; as estandardizadas abertas e as quantitativas fechadas (Patton, 1980). Estas últimas dizem respeito ao questionário e, tipicamente, são utilizadas no inquérito. Contudo, por vezes os investigadores também as utilizam em contexto de entrevista conversacional. A entrevista informal comporta riscos, o principal é o de se terminar a entrevista sem a informação necessária. A flexibilidade deste tipo de entrevistas também introduz variação no conteúdo das diversas entrevistas o que, a menos que esse seja um dos objetivos da pesquisa, pode invalidar a sistematicidade do tratamento da informação.

O carácter sistemático do tratamento da informação é um imperativo da pesquisa. Isto é, os objetivos da pesquisa solicitam que, no final, seja possível comparar como indivíduos diferentes encararam uma mesma realidade. Tal objetivo reforçou a opção pela entrevista semidiretiva ou, para usar a terminologia de Patton entrevista guiada (Patto, 1980). Não obstante, a realização deste tipo de entrevista coloca alguns desafios. Um deles é a possibilidade de descontrolo temático por parte dos entrevistados. Tal como foi dito anteriormente, isso introduziria diversidade nas respostas e, em resultado, ficaria diminuída a

comparabilidade das respostas (Cohen, 2007). Todavia, os entrevistados têm de se sentir com liberdade para se expressarem de acordo com o que pensam, cabendo ao entrevistador o papel de controlar o rumo da conversa para que os itens do guião sejam todos contemplados. O principal desafio, a este respeito, é não quebrar o raciocínio dos entrevistados, evitando interrupções bruscas. Por outro lado, é igualmente importante não deixar que os entrevistados se calem, quando consideram que nada mais têm para dizer. Estas dificuldades e estes desafios resolvem-se com a prática, nomeadamente, através da realização de uma ou duas entrevistas a título experimental. Para Judith Bell a adaptabilidade é mesmo uma das principais vantagens deste método de recolha de informação (Bell, 2005). Isto porque um bom entrevistador consegue, pelo menos em tese, seguir ideias, avaliar as respostas e captar motivações e sentimentos.

As decisões sobre os métodos de recolha de informação são cruciais. Quer dizer, o sucesso de qualquer estudo depende da adequação de tais métodos aos objetivos da investigação. A decisão pelo tipo de entrevista fica completa quando se decide igualmente pelo método de realização. Nesse sentido, as entrevistas podem ser presenciais ou individuais, telefónicas e de grupo (Creswell, 2007). As entrevistas telefónicas são vantajosas quando os entrevistados se encontram geograficamente distantes. As fragilidades deste método, todavia, não devem ser descuradas. Em primeiro lugar, nunca há certeza de que o interlocutor é o próprio entrevistado. Por outro lado, não é possível observar as formas de comunicação não-verbal. Estas formas de comunicação podem ajudar a gerir o processo da entrevista, porque permitem dar conta da disposição dos entrevistados. A realização de entrevistas por videoconferência constitui uma alternativa mais atual e menos arriscada, quando não é possível estar na presença dos entrevistados. Todavia, parte da comunicação não-verbal fica inacessível. O *focus group* é a modalidade de entrevista coletiva, portanto, em grupo. As vantagens associadas a este tipo de entrevista são, usualmente, a economia de meios e de uma eventual expansão da amostra (Creswell, 2007). Porém, nem sempre é possível reunir todos os participantes num

mesmo local. Adicionalmente, nem todos os indivíduos se sentem à vontade para falar publicamente de aspetos da sua vida pessoal, mesmo que se trate das suas perspectivas sobre a conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal. Assim, a opção pela realização de entrevistas semidiretivas e presenciais pareceu a mais adequada dentro do contexto e dos propósitos do presente estudo. O passo seguinte foi a escolha do modo de tratar a informação recolhida através das entrevistas.

3.2. Histórias de Vida

Histórias de vida é uma expressão compósita. Por outras palavras, designa, a um tempo, um método de tratamento de informação e, por outro, exprimem o conteúdo de textos construídos sobre o discurso, tantas vezes caótico, dos entrevistados. As histórias de vida relatam história de uma pessoa no que pode aproximar de um relato intimista como um diário, ganhando características autobiográficas que atingem as práticas, encadeamentos e contradições dos entrevistados (Poirier, 1983). As histórias de vida inscrevem-se na tradição dos registos escritos que se substituíram à tradição oral. No passado, o conhecimento era, sobretudo, transmitido oralmente de geração em geração. As histórias de vida constituem um método etnográfico, frequentemente associado com estudos antropológicos e cuja popularidade é atualmente transversal às ciências sociais. Constitui, igualmente, uma forma de transmitir informação que, de outra forma, poderia perder-se. Nas palavras de Poirier:

As sociedades da era pós-industrial apresentam, enfim, uma característica cuja importância é geralmente menosprezada e que interessa diretamente ao problema das histórias de vida: a correia de transmissão dos saberes tradicionais, das gerações ascendentes para as gerações descendentes, está daqui por diante rompida. (Poirier, 2003)

Particularmente, adaptado para a captação de informação detalhada e pessoal sobre os fenómenos em estudo, o método das histórias de vida constitui uma forma de análise de conteúdo das entrevistas que não está isento de problemas.

A utilização das histórias de vida enquanto método de tratamento de informação pode ser problemática. Por outras palavras, metodólogos e investigadores assinalam alguns aspetos que obrigam a uma reflexão séria, antes de decidir sobre a utilização das histórias de vida. Por exemplo, Poirier *et al.* mencionam alguns problemas com os quais, inevitavelmente, os investigadores acabam por ser confrontados. Um deles é decidir entre a exaustividade ou especialização temática (Poirier, 1983). Nestes casos, o investigador tem de decidir se pretende um relato exaustivo sobre a vida do entrevistado ou se, ao contrário, o seu objetivo é incidir sobre um determinado tema, explorando-o tanto quanto possível. Um outro problema será o de decidir entre a diretividade ou a completa liberdade discursiva. A diretividade assegura ao entrevistador o controlo da informação obtida, mas pode criar resistências no entrevistado. A liberdade completa pode, como se imagina, levar o entrevistado para áreas cujo interesse é alheio à investigação. Deste modo, o entrevistador pode obter longas entrevistas, cujo tempo de transcrição será longo e, tantas vezes caro, para aproveitar apenas uma pequena proporção. Entre os problemas identificados, o que mais se relaciona com este trabalho é o que se relaciona com a decisão entre a reprodução integral da entrevista ou a sua reconstrução.

A reprodução integral responde a objetivos de pesquisa para os quais a biografia do entrevistado é fundamental. Quer dizer, para alguns tipos de estudo, por exemplo, a reconstrução de trajetórias escolares, a linearidade do tema permite que seja o entrevistado a estruturar o relato biográfico. Deste modo, o resultado final será uma biografia direta. O tema do presente estudo não é linear. Procura, ao contrário, relacionar dois fenómenos. Por tal motivo, a opção recaiu pela biografia indireta. Neste caso, foi necessário reconstruir a entrevista, de modo a ordenar o relato de acordo com o contexto. Assim, as entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente reconstruídas sob a forma de histórias de vida. O próprio processo de reconstrução implicou a análise do conteúdo, decorrente da interpretação das palavras dos entrevistados. A interpretação foi informada, tanto pela teoria, como

pelos objetivos da investigação, sumariados nas questões que orientaram toda a pesquisa. A interpretação e análise das entrevistas revelaram alguns elementos por vezes contraditórios. Porém, e como referem Poirier *et al.*, o facto de não existirem respostas certas ou erradas, já que as contradições podem tornar-se complementaridades (Poirier, 1983).

3.3. Amostra

A construção de uma amostra, mesmo no âmbito de métodos qualitativos, é uma fase fundamental da pesquisa. Por outras palavras, o que se decide nesta fase é quem serão os indivíduos que possuem a informação que interessa recolher. Tais indivíduos terão de apresentar um conjunto de características que os tornam relevantes. Por exemplo, para a presente investigação duas características eram incontornáveis: a área de licenciatura e a idade. No primeiro caso, a área de economia foi selecionada para se avaliar até que ponto a área de estudos influencia disposições individuais. A idade é outra variável relevante porque se pretendia estudar adultos jovens licenciados a entrar ou já no mercado de trabalho. Outras dimensões da pesquisa, tal como foi concebida, requeria igualmente que os participantes fossem solteiros, sem filhos. A sua origem social era igualmente relevante, para existir alguma homogeneidade nas condições de existência originais. No caso, a opção recaiu sobre jovens de classe média, cujo agregado familiar possuísse um rendimento igual ou superior a dois mil euros por elemento.

O intervalo de idades integra-se em estudos sobre transições para o mercado de trabalho. Uma das tendências observadas em diversos estudos sobre transições (e.g. Nunes, 1998; Nilsen, 2002; Guerreiro, 2007) é a do adiamento progressivo da transição para a vida adulta. Em geral a literatura usa um intervalo de idades entre os 22 e os 30 anos. A realização de mestrados e doutoramentos, por exemplo, justificam, em alguns casos, a idade mais tardia com que muitos adultos jovens transitam para a vida adulta. Tal transição corresponde à inserção no mercado de

trabalho. O intervalo de idades considerado no presente estudo também evita a inclusão na amostra de participantes acabados de sair da universidade e que, por tal motivo, não possuem a experiência requerida para o presente estudo. Já o estado civil justifica-se pelo facto de ser relevante para a pesquisa que os participantes estejam distantes da conjugalidade ou da existência de filhos. A relevância decorre do facto de as escolhas dos participantes, bem como as suas representações sobre a conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar não estar condicionada.

O método de construção da amostra depende das características da população considerada. Quer dizer, quando as características da população são recorrentes, o método de construção de amostra ideal é probabilístico. A escolha reside entre a amostra aleatória simples ou sistemática. A diferença entre ambas reside no método de extração, o qual obedece a um intervalo de amostragem. No primeiro caso, todos os participantes têm a mesma probabilidade de serem selecionados. A extração pode ocorrer, por exemplo, através de um sorteio. No caso da amostra aleatória sistemática, estabelece-se um intervalo de amostragem. O intervalo $k=N/n$, em que N = população e n = a dimensão da amostra. A amostra é extraída construindo-se uma lista e retirando os indivíduos localizados de acordo com o intervalo estabelecido. Mas a amostra aleatória sistemática pode refletir o efeito de periodicidade. Isto é, um efeito que acontece quando os nomes da lista apresentam um padrão que coincide com o intervalo de amostragem (Babbie, 2001). Embora a amostra aleatória simples seja a mais utilizada, existe ainda a possibilidade de optar pela amostra estratificada. Este tipo de amostra extrai-se através da divisão da população em subgrupos homogêneos e, de seguida, extrai-se de cada um deles, uma amostra aleatória simples. Das três, será porventura a mais fiável, mas igualmente a que mais dificuldade de operacionalização oferece. Estes procedimentos de amostragem são particularmente adequados para a investigação quantitativa, já que admitem inferência e generalização dos resultados. Neste caso, o problema maior a considerar é o número de respostas, uma vez que nível baixo

de respostas gera enviesamentos numa amostra (Kerlinger 1973; Babbie 2001) anulando a sua representatividade.

A realização de investigação qualitativa é compatível com a construção de amostras probabilísticas. Ou seja, mesmo que a inferência e generalização não estejam, necessariamente relacionadas com a opção por métodos qualitativos, nada impede o uso de técnicas de amostragem consideradas mais robustas. Porém, as entrevistas são habitualmente longas, consomem tempo e são frequentemente intrusivas. Será, por isso, irrealista pensar na construção de amostras probabilísticas. Conseguir um grande número de participantes para um estudo baseado em entrevistas, de modo a obter informação que se prestasse a generalização posterior significaria o prolongamento da investigação para além dos prazos. Implicaria igualmente o consumo de vastos recursos, nomeadamente na angariação de entrevistadores e posterior transcrição das entrevistas. Estas poderão ser algumas das razões pelas quais é usual o recurso a amostragem não probabilística quando a pesquisa assenta apenas em entrevistas como é o caso deste estudo. Acresce ainda o facto de, com frequência, os estudos qualitativos se justificarem por abordarem populações com características pouco frequentes e, por isso, difíceis de identificar. As amostras não probabilísticas facilitam este processo. Por esse motivo, o presente estudo utilizou uma combinação de dois métodos de amostragem não probabilística: a amostra por conveniência e a amostra por bola de neve.

O problema maior das amostras não probabilísticas é a sua falta de representatividade. Isto é, os indivíduos incluídos na amostra não são representativos de uma população, quer pelas suas características específicas, quer pelo modo como foram recrutados para a pesquisa. A amostra por conveniência constrói-se de acordo com o critério que também lhe dá o nome. A conveniência para o investigador costuma ser o critério mais importante, dados os habituais constrangimentos de tempo e de recursos, ainda que outros tenham de existir e sejam definidos previamente (Almeida, 2007). Os amigos, os estudantes, os colegas

de trabalho, são potenciais participantes em estudos que recorram à amostra por conveniência. Portanto, o método utilizado depende da avaliação que o investigador faz do contexto e das contingências. O aspeto mais problemático deste método de amostragem é o rigor, ou a falta dele e o risco associado é o de gerar informação de fraca qualidade. Assim, a amostra por conveniência assegurou os primeiros cinco entrevistados. Os restantes cinco foram angariados através de outro método de amostragem não probabilística, a amostragem em bola de neve (Biernacki, 1981). Este método permite a construção de uma amostra através das referências feitas pelas pessoas que têm, ou conheçam alguém que tenha, as características definidas como fundamentais para a investigação (Biernacki, 1981). Trata-se de um método particularmente adequado em estudos com populações muito específicas.

A maior crítica dirigida aos métodos não probabilísticos é, como se disse, a sua falta de representatividade. Quer dizer, se uma amostra for muito específica, dificilmente os resultados podem ser alargados à população em geral. Porém, esse não é o objetivo dos estudos qualitativos, os quais visam, fundamentalmente, ou compreender melhor determinados aspetos da realidade, ou explorar um determinado aspeto da realidade que é ainda pouco conhecido. O presente estudo corresponde ao segundo objetivo. De facto, a generalização não seria relevante. Mas, são os próprios especialistas em metodologia quem discute a pertinência das críticas dirigidas aos métodos não probabilísticos:

É de tradição definir e escolher uma amostra, tendo o cuidado de estabelecer a sua representatividade, para poder fundamentar estatisticamente a generalização dos resultados ao conjunto da população. Nada impede, de resto, que as técnicas clássicas da amostragem sejam utilizadas para determinar à partida, em número, a população que interessa interrogar com a ajuda da técnica das histórias de vida. Mas não será isto confundir inquérito e sondagem e revestir esta de um pseudo-rigor matemático – utensílio indispensável da sondagem – pensando dar-lhe desta maneira, e só desta maneira, rigor e seriedade? (Poirier, 1983:101).

Todavia, ainda que as palavras de Poirer *et al.* (Poirier, 1983) relativizem as críticas dirigidas a amostras não probabilísticas, a verdade é que colocam alguns desafios,

em especial a amostra em bola de neve. Neste sentido, Biernacki e Waldorf definiram os cinco pontos-chave em que o processo de constituição da amostra por bola de neve apresenta problemas: 1) encontrar potenciais entrevistados e começar as cadeias de referência; 2) a elegibilidade dos potenciais entrevistados (cumprimento critérios da amostra previamente definidos); 3) garantir o interesse dos entrevistados em ser assistentes na investigação; 4) controlar os tipos de correntes e o número de casos em cada cadeia de referência e, finalmente, 5) estimular e acompanhar as cadeias de referência correntes e qualidade de dados (Biernacki, 1981). No caso do presente estudo, o processo da bola de neve foi curto e beneficiou dos contactos previamente estabelecidos com os participantes angariados através da amostra por conveniência. Provavelmente, a combinação destes dois métodos poderá mesmo ajudar a solucionar o problema inicial colocado por Biernacki e Waldorf, o de identificar as pessoas que eventualmente poderão integrar a amostra (Biernacki, 1981).

As redes de contactos dos investigadores podem constituir uma vantagem. Por outras palavras, os investigadores envolvidos em estudos que envolvam amostras não probabilísticas, poderão mobilizar as suas redes de contacto para encontrarem participantes. Os primeiros cinco participantes deste estudo foram recrutados através da rede de contactos do autor. Deste modo, foi possível assegurar o interesse dos participantes, nomeadamente durante a fase da amostra em bola de neve, já que cada um dos participantes se comprometeu na angariação do participante seguinte. O rendimento do agregado familiar revelou-se o critério mais rígido e problemático na seleção dos participantes. Dois foram mesmo excluídos, por não serem capazes de apurar os referidos rendimentos. Nas histórias de vida os participantes aparecem identificados com nomes fictícios que eles próprios escolheram. No total, foram entrevistados 10 indivíduos, quatro do género masculino e seis do género feminino. Oito entrevistados eram licenciados em economia, um em gestão e outro em matemática aplicada.

3.4. Realização das Entrevistas

A entrevista é um método de recolha de informação trabalhoso. São muitos os procedimentos e os cuidados necessários para a realização de entrevistas que produzam os resultados desejados, isto é, a informação necessária. Assim, as entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2014 e abril de 2015. Todas as entrevistas foram gravadas com um *smartphone* usando a aplicação “Smart Voice Recorder”. Posteriormente, cada entrevista foi depositada numa *Dropbox* por razões de segurança e salvaguarda dos dados recolhidos. Poirier *et al.* recomendam a escolha de gravadores fiáveis e a manutenção de várias cópias e registos. As tecnologias de informação atualmente disponíveis facilitam o processo e proporcionam gravações com grande qualidade o que acabaria por facilitar o processo de transcrição das entrevistas (Poirier, 1983). Antes do início de cada entrevista, o entrevistador fez uma pequena introdução para explicar o âmbito do estudo. Os entrevistados ficaram, nessa altura, a saber qual o tema da entrevista. Cada entrevistado assinou o formulário de consentimento informado e a todos foi assegurado o anonimato e confidencialidade da informação, que apenas pode ser utilizada para fins estritamente académicos. As entrevistas definitivas foram precedidas por duas entrevista-teste, cujo objetivo foi testar os procedimentos, o tema e as próprias capacidades do entrevistador. As entrevistas realizaram-se nos locais propostos pelos entrevistados.

A realização das entrevistas é um processo exigente. O contexto de entrevista, especialmente face-a-face, requer grande concentração e, sobretudo, um conhecimento profundo do tema ou temas sobre os quais a entrevista incide. Por outro lado, é um processo caracterizado por um grau de indiscrição que pode constranger, tanto o entrevistado como o entrevistador. Este será, porventura, um dos aspetos mais relevantes da entrevista, porquanto a inabilidade do entrevistador pode destruir a qualidade da informação. A introdução inicial pode, por isso, servir para melhorar o ambiente, esclarecendo o entrevistado sobre o tema ou temas sobre

os quais as questões irão incidir. Os minutos essenciais servem para clarificar expectativas de ambas as partes e permitir que o entrevistado esclareça todas as dúvidas que subsistirem. O aspeto mais trabalhoso da entrevista é, todavia, o da transcrição, dada a complexidade técnica e aspetos relacionados com a fidelidade da transcrição (Poirier, 1983). As tecnologias existentes não são, neste caso, de grande utilidade. A transcrição obriga a tomar decisões que podem alterar o conteúdo das entrevistas. A pronuncia das palavras, os ruídos que eventualmente podem dificultar a compreensão das palavras, os sons, são aspetos que concorrem para dificultar a transcrição e para a tornar um processo muito exigente.

A análise de informação constitui a fase mais sensível da pesquisa. A informação retida nas transcrições das entrevistas contem as respostas para as questões de investigação que guiam os estudos. No caso, a opção recaiu sobre as histórias de vida, todavia, como lembram Poirier: “(...) não existe um método único, codificado e verificado das histórias de vida: há várias maneiras de agir, conforme a pesquisa a que se procede e o uso que se quer fazer das histórias autobiográficas” (Poirier, 1983). Assim, o próximo capítulo apresenta e discute os resultados do presente estudo.

4. Resultados e Discussão

4.1. Histórias de Vida:

Este capítulo apresenta e discute um conjunto de dez histórias de vida que resultam das dez entrevistas biográficas realizadas no âmbito do presente estudo. A análise e interpretação das narrativas revelou as trajetórias biográficas dos entrevistados. Tais trajetórias contribuíram para encontrar respostas para as questões de investigação que orientaram o trabalho:

1. Até que ponto as preocupações com questões decorrentes da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar influenciaram as opções de carreira no contexto da transição para o emprego?;

2. Admitindo que a conciliação possa influenciar as opções de carreira, que outros factores estiveram presentes nas escolhas possíveis na fase de transição para o emprego?

A Tabela 1 sumaria as características sociodemográficas dos participantes no estudo. Será, assim, mais fácil compreender o conteúdo das histórias de vida. Os nomes dos participantes são fictícios.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica dos participantes no estudo.

Nome do entrevistado	Género	Idade	Licenciatura	Data da Entrevista
António	Masculino	26	Gestão	Janeiro 2015
Artur	Masculino	23	Economia	Janeiro 2015
Filipe	Masculino	24	Economia	Dezembro 2014
Guilherme	Masculino	24	Economia	Abril 2015
Luísa	Feminino	23	Economia	Abril 2015
Manuel	Masculino	22	Matemática Aplicada	Março 2015
Matilde	Feminino	24	Economia	Dezembro 2014

Pedro	Masculino	23	Economia	Dezembro 2014
Sara	Feminino	23	Economia	Fevereiro 2015
Vanessa	Feminino	22	Economia	Fevereiro 2015

4.1.1. António: O Empreendedor

“A minha veia empreendedora já nasceu comigo. Tenho gostado daquilo que faço e tenho vindo a fazer aquilo que eu gosto”

António, 26 anos, é solteiro e atualmente não tem namorada. Natural de Coimbra, onde sempre residiu, vive com os seus pais e é filho único. Os pais de António são ambos licenciados, a mãe é professora de Português numa escola secundária. O pai é licenciado em Engenharia Mecânica e é reformado de um alto cargo na administração de uma empresa privada. Como António refere, o nível de escolarização dos seus pais justifica que tenham sido bem-sucedidos profissionalmente. António teve sempre uma vida confortável, distante de necessidades materiais: “(...) os meus pais, como sempre tiveram bons empregos, nunca tiveram falta de dinheiro (...)”. Aos 18 anos iniciou a licenciatura em gestão na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Inicialmente foi bem-sucedido, mas a partir do segundo ano desmotivou:

O primeiro ano correu bastante bem, no segundo ano perdi-me um bocadinho nos estudos porque me interessou mais uma oportunidade de negócio que me surgiu (...); “(...) as disciplinas teóricas do curso acabavam por me maçar muito, com muitas aulas teóricas (...) sempre gostei mais da parte dinâmica da vida (...).

A possibilidade de iniciar uma atividade empresarial foi mais atrativa do que as disciplinas que o curso oferecia e, assim, no verão de 2007 António deu os primeiros passos no que seria uma loja online que comercializa produtos de polimento de automóveis e presta serviços nesta mesma área. Esta atividade foi central na vida de António, que ainda mantém este projeto empresarial. Inicialmente, o negócio consistiu mais na prestação dos serviços de polimento de automóveis, mas depois limitou-se à comercialização dos produtos usados na atividade. António assegura toda a atividade administrativa da loja. Começou com uma encomenda pequena e os seus amigos foram os primeiros clientes, mas com o tempo, o negócio foi

ganhando volume e o valor da loja foi aumentando. O sucesso da loja online refletiu-se na avaliação que António faz de si:

(...) essa veia empreendedora já nasceu comigo (...) desde muito, muito novo que tenho sempre esta mania de querer fazer dinheiro. (...) daí eu também ter escolhido um bocado a gestão como carreira a prosseguir. (...) a loja, de facto não foi por ser influenciado, quer dizer, tinha um amigo que gostava muito da parte de produtos para carros e, entretanto, comecei a ter contacto com este mundo, comecei a gostar dos produtos, comecei também a tentar ver alguns contactos que eu pudesse ter com algumas empresas.

A distância face à necessidade permitiu-lhe dar corpo ao negócio sem o conhecimento dos pais. António só lhes deu conhecimento quando a loja estava a funcionar. Para os pais, o curso era fundamental e por isso, António não sabia como iriam reagir:

(...) eles não ficaram muito satisfeitos com a brincadeira, mas em todo o caso apoiaram (...) depois de já ter tomado a decisão”. Posteriormente deram-lhe “(...) a liberdade de lhes pedir dinheiro emprestado para investir na loja (...) numa fase mais adiantada (...).

Entretanto, António encontrou trabalho, que conciliou sempre com o negócio que criou. Em março de 2009, começou a trabalhar em Aveiro, numa loja de informática. Exercia a função de gestor do produto, ainda que possuísse poucos conhecimentos técnicos nessa área. Mas ainda na mesma empresa, ocupou a função de gestor da página *Web* da empresa e, posteriormente, foi supervisor do centro de atendimento de clientes. Permaneceu nessa função até à sua saída da empresa, que sucedeu em julho de 2011. De seguida, António aproveitou “(...) para tirar um bocadinho de férias e recuperar forças para acabar o curso.”

Ainda antes de ter decidido concluir a licenciatura, António regressou ao mercado de trabalho e em setembro de 2012 começou a trabalhar como gestor logístico numa empresa do ramo da metalomecânica. Nessa empresa, onde ainda se encontra a trabalhar, ocupa-se de várias tarefas, desde as compras ao contacto com fornecedores para aprovisionamento de matérias-primas. Também faz o planeamento de produção, bem como a realização e envio de orçamentos a clientes.

Pertence aos quadros da empresa, trabalha a tempo integral e sente-se realizado, gostando do trabalho que faz. Afirma que é um trabalho dinâmico e que lhe ocupa muito tempo, dizendo mesmo que pode ser considerado um pouco *stressante*. Todavia, António parece apreciar a agitação proporcionada pelo trabalho:

Acabo por preferir trabalhos mais stressantes, com mais coisas a fazer do que propriamente um trabalho em que é só estar parado, às vezes sem fazer nada. Pronto, isso de facto isso põe-me muito nervoso e acaba por não ser uma opção de vida para mim.

Regressando à universidade, António concluiu a licenciatura e, posteriormente, ingressou no mestrado, que concluiria em 2013. Com uma licenciatura ainda pré-Bolonha, as equivalências permitiram que António fizesse disciplinas de mestrado e da licenciatura quase simultaneamente: “(...) fiz tudo de seguida, como era tudo em gestão, ainda não tinha acabado a licenciatura e já estava a fazer disciplinas do mestrado. Na prática, acabei-os com pouco tempo de diferença.”

Apesar da falta de motivação que sentiu na faculdade, António sabia que iria concluir a sua formação superior, como era desejo dos pais até porque a formação apenas tem valor quando certificada: “(...) um mestrado não é o mesmo que um mestrado inacabado, que não se pode chamar mestrado.”

António acumula uma atividade empresarial com o emprego assalariado. Gere a sua loja online sozinho e o rendimento que obtém complementa o salário que recebe como gestor logístico. No caso de António, a questão de conciliação coloca-se em relação ao trabalho. A loja online assegura-lhe satisfação pessoal, ao passo que o emprego assalariado lhe dá segurança financeira. O rendimento proporcionado pela loja online: “(...) é uma salvaguarda, também, porque é um dinheiro que não é fixo, ao contrário de um vencimento dado por outrem, mas, em contrapartida, de facto ajuda a que o cheque ao final do mês (...) seja mais gordo”.

A dedicação ao trabalho limita o tempo que António dispõe para si. Aparentemente, essa é uma circunstância que António não aprecia, pois tem *hobbies* que gostaria de continuar a cultivar e amigos com os quais gostaria de conviver com mais regularidade. António coleciona filmes, possui cerca de 2500, e gosta de ir ao

cinema, preferindo filmes de ação e de ficção científica. Vai ao cinema, em média, duas vezes por mês, e gosta de ver o filme logo na estreia. Prefere o cinema aos filmes visionados na televisão: “(...) ir ao cinema não é como ver na televisão, o ecrã é maior e a qualidade de imagem e som melhores.”

António ainda vive com os pais, ainda que gostasse de ser independente. Acabou por adiar a saída para mais tarde. Viver com os pais proporciona-lhe a oportunidade para economizar, uma vez que não tem de assumir os custos com a habitação: “(...) ainda vivo com eles por uma questão de salvaguarda (...) nesta altura, o mercado de trabalho não está propriamente simpático (...) e acabo por preferir poupar um bocado de dinheiro, porque nunca se sabe o dia de amanhã.”

Considerando-se uma pessoa poupada e afirma poupar muito dinheiro por ainda estar a viver com os meus pais. Porém, também gosta de consumir, ainda que as suas preferências sejam limitadas:

(...) acabo por gastar dinheiro em poucas coisas. Para já sempre fui uma pessoa poupada (...) mas em todo o caso gosto de gastar dinheiro naquilo que me é importante, seja em comprar alguns filmes como disse há pouco, seja em ir ao cinema ou estar com os amigos (...)

Os projetos de vida de António não incluem a independência no curto prazo. Confortável com a sua situação atual, os projetos de uma vida autónoma foram adiados para o futuro. As palavras de António sugerem uma antecipação de incompatibilidade entre o tempo que teria de dedicar ao trabalho e aquele que o trabalho exige. A sua prioridade é ainda a consolidação da sua situação profissional:

(...) a nível de mais longo prazo, obviamente constituir família, arranjar tempo para isso porque, obviamente, constituir família é sempre algo que ocupa muito tempo. Algo de muito bom, mas que ocupa muito tempo e se para quem tem um trabalho já é muito complicado, então para quem tem dois trabalhos é algo, que não é irrealista, mas de facto é muito complicado (...)

Aparentemente, a prioridade de António é o negócio online. O emprego assalariado parece ser um instrumento para a concretização de um fim, o desenvolvimento do seu próprio negócio. Por enquanto, António não antevê

projetos familiares. A prioridade é o crescimento do negócio, para que possa ter o tempo necessário para dedicar à família: “(...) obviamente que é assim, quando a loja começar a aumentar bastante, poderei também contratar alguém para tomar conta da loja e aí sim, começar então a pensar em ter família.”

Contando com o apoio dos pais, António sente-se realizado e a sua ambição é o desenvolvimento e mesmo a internacionalização do seu negócio online. O trabalho constitui o seu projeto e a principal fonte de satisfação nesta fase da sua vida: “(...) felizmente, até ao dia de hoje, tenho sempre sentido esse sentimento. Tenho gostado daquilo que faço e tenho vindo a fazer aquilo que eu gosto”.

António faz parte da população de adultos jovens que adiaram a entrada na idade adulta, permanecendo na dependência dos pais. Dos pais recebeu ajuda financeira para o negócio que desenvolveu e são os pais que lhe proporcionam os recursos materiais que lhe permitem efetuar poupanças. O trabalho constitui o valor e a realidade em torno da qual a vida de António decorre. O negócio online que iniciou e o levou a desistir da faculdade, transitoriamente, o trabalho assalariado que arranjou e que lhe garante segurança material, dominam a sua existência. António queixa-se de ver a sua vida pessoal prejudicada pelo tempo que dedica ao trabalho – os filmes e os amigos – os seus maiores interesses de lazer, terão de esperar por melhores dias.

António antevê dificuldades em conciliar a vida de trabalho com a sua vida familiar. Considera que o trabalho absorve grande parte do seu tempo e gostaria de estar mais liberto para dar corpo a um projeto de vida familiar, com autonomia e independência. Curiosamente, porém, António não corresponde, inteiramente, aos adultos jovens que adiam a transição, permanecendo na dependência dos pais durante um tempo prolongado (e.g. Biggart, 2006). Isto porque a sua trajetória de vida ficou marcada pela rutura, ainda que temporária, com o projeto de formação, para iniciar um negócio próprio. É mesmo provável que a escolha do curso, gestão, manifestasse já o seu interesse pelos negócios. Deste modo, António parece refletir a tendência revelada no estudo internacional realizado em finais da década de 1990

(Lewis, 1999). Este trabalho revelou que os jovens que então participaram no estudo, manifestavam a intenção de adiar os projetos familiares, não os excluindo. Todavia, ao contrário de António, a sua relação com o trabalho parecia muito mais distante e instrumental. Em qualquer caso, recusavam a ideia de um compromisso de longo prazo com o trabalho.

4.1.2. Artur: O *Workaholic*

“Eu sou uma pessoa que me considero um *workaholic*, trabalho e gosto disso, mas também preciso do outro lado para me equilibrar, estabilizar o mais depressa possível para poder ter filhos relativamente cedo e ter uma vida despreocupada mais para a frente e poder fazer sempre as coisas que gosto”

Filho de pais divorciados, ambos licenciados em economia, Artur nasceu em Coimbra, tem 23 anos e um irmão três anos mais novo. Até ao início do mestrado, viveu com o irmão e a mãe. A mãe ocupa uma posição de gestão num banco privado em Coimbra. O relacionamento distante com o pai não lhe permite identificar a sua profissão, sabendo apenas que “(...) ele muda muitas vezes de emprego (...)”. Considera que foi por influência dos pais que escolheu o curso de economia. Todavia, no ensino secundário, Artur não estava seguro da opção formativa estando “(...) a ponderar o curso que queria, estava no agrupamento de economia, e como não sabia o que queria em concreto vim para uma área mais abrangente, para o curso de economia.” A ajuda dos pais foi importante, porque “(...) e para eles foi uma opção mais segura. É um curso que dá uma abrangência quando... depois quando se vai para o mercado de trabalho.” Deste modo, iniciou a licenciatura na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra em setembro de 2009 e terminou em junho de 2013. O curso não confirmou as suas expectativas e, por isso, dedicou-se a outras atividades da academia, as quais também o deixaram frustrado: “(...) integrei as praxes que me ajudou muito a integrar e a conhecer pessoas novas, mas não me identifiquei porque acho que prejudiquei os meus estudos.” Tentou ainda o associativismo: “(...) a organização de uma festa académica, a qual acho que foi uma experiência enriquecedora, mas que não gostei.” O que Artur menos gostou nas festas académicas são experiências foi o que considera ser a dimensão política: “(...) ao invés de ser um evento do género de um festival de música ou algo do género, tem uma vertente política por trás com a qual não me identifico.”

A falta de motivação para abraçar o curso afetou o rendimento acadêmico, mas também incentivou Artur a procurar alternativas: “(...) mudei o rumo e decidi começar a fazer outras coisas”. Em simultâneo com a licenciatura fez um curso de Comunicação Estratégica, porque “(...) era uma área que me suscitava interesse”. Também se candidatou ao programa *Erasmus* e em julho de 2011, no início do seu terceiro ano, Artur foi para o Brasil. Sendo um país que já conhecia e onde, de resto, Artur tem família a residir, gostou da experiência considerando que a faculdade que frequentou era boa e oferecia várias disciplinas opcionais na área de marketing “(...) e o marketing era uma área que eu gostava e sobre a qual via programas na televisão e pesquisava coisas na *net*”. Apesar de ter preferido ir sozinho para o Brasil, porque: “(...) gosto de conhecer pessoas diferentes, pessoas novas porque acho que é assim que aprendo e vejo outras maneiras de ver o mundo”, acabou por ter a companhia de dois colegas, devido à alteração do destino. inicialmente pretendia ir para o Rio de Janeiro, mas: “(...) não consegui, e fui para Santa Catarina no sul do Brasil”. Embora apoiasse a decisão, a mãe de Artur: “(...) claro que ficou um pouco reticente e preocupada (...) era a primeira vez que saía de casa, mas apoiou-me a 100%”. Não obteve o mesmo apoio da parte do pai devido a divergências anteriores. A estada no Brasil “(...) correu muito bem, cumpri os meus objetivos, porque eu nisso aí focome, e quando... tenho sempre a noção que os meus pais estão a investir, neste caso que a minha mãe estava a investir em mim e... e fiz tudo o que me tinha comprometido”.

Quando terminou o semestre no Brasil Artur foi viajar, tendo andado “(...) um mês de mochila às costas em que conheci pessoas super diferentes, dos 18 aos 50, 60 anos.” Viajou pelo Chile, o Perú e a Bolívia e considera que esta foi uma experiência notável, porque conheceu realidades muito diferentes. Regressou em fevereiro de 2012, e no verão seguinte viveu dois meses em Londres para fazer um curso de inglês. Viria a terminar a licenciatura em junho de 2013, após o que realizou um estágio de verão no departamento de contabilidade de uma empresa de construção civil. Durante o estágio Artur pensou no que fazer a seguir. As alternativas eram o

mestrado ou a entrada no mercado de trabalho. A experiência de estágio foi reveladora e Artur compreendeu: “que não tinha as bases necessárias para entrar no mercado de trabalho e os rendimentos que iria auferir com uma licenciatura (...) tendo por base a proposta que me apresentaram não seriam os melhores, e optei por desistir... terminei o estágio de verão e não quis ficar na empresa, inscrevi-me no mestrado”. Ainda com o apoio da mãe, Artur fez o Mestrado em Marketing no Instituto Superior de Economia e Gestão, em Lisboa. O balanço foi positivo:

“(...) identifiquei-me a 100%, foi... foi um mestrado em que as aulas tinham uma componente mais prática que era o que eu procurava para depois integrar o mercado. O primeiro ano correu bem, gostei muito de estudar *social media* que era uma área que já me despertava interessava, e que eu sentia que não tinha bases, só como utilizador, e por isso integrei um outro curso extracurricular numa escola de marketing digital para aprender mais sobre esta área.”

Porém, o curso de *social media* acabou por não corresponder às expectativas iniciais, pelo que Artur descobriu que gosta da área “(...) como utilizador, mas não para trabalhar... mas foi enriquecedor, valeu a pena.” Interrompeu o mestrado no final do primeiro ano do mestrado para fazer um programa de voluntariado durante cinco semanas, porque: “(...) seria o meu último verão que teria livre (...)”. Escolheu um projeto de voluntariado em Istambul e escolheu porque envolvia pessoas de 40 nacionalidades. A sua ida coincidiu com o período de Ramadão. Partilhou casa com dois turcos e com um paquistanês, e ficou a conhecer as tradições do mês do Ramadão. Também ficou a conhecer melhor a Turquia, onde deu aulas sobre cultura portuguesa. Trabalhou num grupo “muito diversificado” com Indianos, Tailandeses, Brasileiros, Húngaros.

O pai acabaria por contribuir para a sua permanência na Turquia, embora, tal como a mãe, não tivessem gostado da interrupção do mestrado. Na opinião dos seus pais o voluntariado também pode ser feito no próprio país, mas Artur “(...) queria uma experiência diferente, queria... além de fazer voluntariado, queria crescer como pessoa e acho que para nós crescermos temos de contactar com pessoas super

diferentes (...)”. Artur destaca que “(...) foi muito enriquecedor a nível pessoal, poder partilhar a cultura, ajudar a organizar um campo de férias de miúdos que davam esse valor e que demonstravam o agrado pelo que estavam a fazer diariamente.” Foi depois do regresso a Portugal que Artur se dispôs a terminar o mestrado, ao mesmo tempo que começou a trabalhar na área do marketing. Na altura da entrevista, Artur tinha sido selecionado para um estágio profissional durante o qual irá trabalhar como *media planner* e auferir cerca de EUR 700. Ainda assim, Artur mantém a dependência financeira em relação aos pais, uma vez que o seu salário será complementado por uma mesada de EUR 300 para o ajudar nas suas despesas. Continua a aprender línguas estrangeiras, estando neste momento a frequentar aulas de Castelhana. Tem projetos para Francês e afirma que com os rendimentos do seu trabalho “(...) se uma pessoa quiser investir em línguas, pagar casa e... transportes, se quiser vir à minha cidade, onde nasci ao fim-de-semana e tudo isso, é praticamente impossível.”

O trabalho vai-lhe permitir “(...) trabalhar com algumas marcas e vou gerir a sua integração em certos meios, ou seja, se vão entrar em TV, em rádio, se vão aparecer em *muppies*, *err...* Vou contactar com as entidades, as televisões e as rádios, fazer orçamentação p’ra saber quanto custa uma publicidade de tamanho X àquela hora.”

O facto de ser em Lisboa, apresenta várias vantagens. Por um lado, é onde Artur está a acabar o mestrado e, por outro lado, será igualmente o destino da sua namorada. As experiências de vida afetaram o modo como Artur goza os tempos de lazer e, no presente, prefere ir ao cinema, tomar um café ou jantar com amigos, ir ao ginásio, dar um passeio, ficar em casa a ouvir música e viajar.

Quanto ao futuro, o casamento não está nos seus planos futuros, embora isso não signifique que recuse um projeto familiar. Ao contrário, “(...) quero ter filhos até aos 29, 30 anos no máximo (...)”. O seu primordial é trabalhar e ter um emprego estável dentro de quatro ou cinco anos, auferindo um bom ordenado: “(...) para viver em Lisboa e ter uma boa qualidade de vida (...)” Artur pretende “(...) conseguir receber 1800, 2000, 2200 euros, limpos (...)”. Um valor deste género é o que na sua opinião lhe permitiria “(...) ter filhos até aos 29, 30 anos e... p’ra poder viver com a minha namorada numa casa que goste, poder viajar, (...), poder ter o

meu dinheiro de parte para se tiver algum problema de saúde (...)" . A longo prazo vê-se como diretor de marketing de uma empresa: "o meu objetivo é integrar uma empresa (...) com a qual me identifique em três sectores em específico, ou turístico ou alimentar ou têxtil. São essas três áreas que eu me vejo no futuro." Define-se como "um *workaholic*, trabalho e gosto disso, mas também preciso do outro lado para me equilibrar, e acho que é isto... estabilizar o mais depressa possível para poder ter filhos relativamente cedo e ter uma vida despreocupada mais para a frente e poder fazer sempre as coisas que gosto (...)" .

A trajetória de Artur parece marcada pela exploração de interesses e de atividades. Aparentemente, e até à data da entrevista, Artur sentia-se confortável com a dependência financeira em relação aos pais, mesmo estando a auferir um salário. O conforto material parece muito importante e ao contar a sua história, Artur parece considerar que tem direito a esse conforto, mesmo que para tanto, sejam os pais quem o assegure. Considerando a sua propensão para o trabalho, que valoriza, mas não coloca acima dos demais interesses, Artur não considera as questões da conciliação. Antes, vê um projeto familiar como uma forma de se equilibrar. Mas o projeto familiar depende da estabilidade profissional e financeira e, a esse respeito, Artur tem um objetivo delineado, a direção de um departamento de marketing. Atendendo à sua idade, essa posição corresponde a um projeto de médio-prazo, dado que Artur quer ser pai aos 29 anos.

4.1.3. Filipe: Da Economia à Gestão

“Coimbra é a minha cidade. A cidade do meu sucesso pessoal e profissional.”

Filipe tem 24 anos e é natural de Coimbra cidade onde cresceu e reside atualmente. Vive com os seus pais, ambos professores e é filho único. Economicamente a sua família apresenta uma situação financeira estável. Nas palavras de Filipe, a sua família “(...) não tem grandes luxos, mas temos uma vida boa. Vivemos os três numa vivenda em Coimbra”. Filipe relaciona-se bem com a família, nomeadamente com os primos. Mantém uma relação de proximidade com os pais, de resto, com quem ainda vive. Todavia, afirma que os pais não o influenciaram nas decisões que teve de tomar durante a sua vida, já que sempre lhe deram “total liberdade e independência para escolher o que quis”. Frequentou o ensino secundário na Escola Infanta D. Maria, na área de Ciências Tecnológicas. Segundo a sua opinião tinha uma grande apetência para a matemática. Por esse motivo, e após a conclusão do ensino secundário, entrou no curso de Economia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, em setembro de 2008.

Em julho de 2011 Filipe realizou um estágio curricular de verão no departamento de contabilidade numa empresa em Coimbra. Filipe pretendia apenas conhecer “(...) uma realidade organizacional (...)” e considerou a experiência enriquecedora. Estudou noutra país europeu, “(...) durante este meu percurso que tive a felicidade (...) de conseguir estudar no estrangeiro (...)” ao abrigo do programa *Erasmus* numa universidade que considera de referência. (O entrevistado preferiu não revelar o nome do país e respetiva universidade, por salvaguarda da sua identidade). O facto de ter estudado noutra escola foi benéfico, não apenas do ponto de vista académico, mas igualmente pelo contacto com métodos de ensino mais práticos, outras culturas e outra língua, nomeadamente o inglês. Concluiu a licenciatura em economia em julho de 2012, demorando mais um ano do que o curricularmente previsto. O ano perdido foi o ano do deslumbramento proporcionado pela vida académica “(...) o

facto de não haver horários (...) os meus pais deram-me a liberdade que nunca me tinham dado na vida, então eu talvez ingénuo aproveitei.”

Concluída a licenciatura, Filipe foi trabalhar no departamento de recursos humanos numa seguradora multinacional, na cidade do Porto. Seis meses foi o tempo que conseguiu permanecer na empresa porque: “(...) de facto não foi a experiência que eu idealizava e decidi abandonar (...) não era aquilo que eu pensava que ia ser... não correspondeu às minhas expectativas.”. A cidade do Porto não era Coimbra e a falta da rede de amigos apenas agravou o desconforto de Filipe, que “(...) não estava habituado a sair de Coimbra tanto tempo, não conhecia ninguém (...) não me sentia bem lá e teve consequências diretas no trabalho e de facto senti que não fui tão produtivo como poderia ter sido e isso também me deixou relativamente frustrado.” Regressado a Coimbra, Filipe foi de novo viver com os pais e em setembro desse mesmo ano, 2013, iniciou o Mestrado em Gestão, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. A escolha da área da gestão ficou a dever-se à vontade de obter uma especialização de âmbito mais prático, para contrabalançar o excesso de teoria que caracteriza a economia: “(...) decidi estudar gestão numa componente mais prática, mais virada para obra, (...) para as ferramentas práticas utilizadas no mercado de trabalho que de facto eu sentia que não dominava (...)” Aquando da entrevista, Filipe estava ainda a estudar e a viver em casa dos pais. Mas Filipe também é treinador de futebol. Adepto da Académica de Coimbra, assiste aos jogos com regularidade e também joga futebol com os amigos nos tempos livres. Ao mesmo tempo é treinador nas classes de formação de um clube local: “(...) ser treinador de futebol não é uma profissão, é uma coisa que me faz relaxar ao fim do dia quando tenho tempo (...)”. A atividade de treinador constitui uma forma de ocupar o tempo de lazer. Mas para além do futebol, o cinema e os amigos são constantes na vida de Filipe, que visita as salas de cinema com menos assiduidade do que no passado: “Agora não vamos tanto, mas ainda assim (...) vou com alguma regularidade.”. Após o primeiro ano de frequência do mestrado e com as disciplinas curriculares concluídas, Filipe optou por fazer a sua

tese em simultâneo com um estágio profissional como gestor de projetos numa empresa de Informática, lugar que ocupa atualmente. A referida empresa desenvolve software e Filipe é responsável pela divulgação, contacto com clientes e organização da equipa, sendo responsável pelos clientes do Reino Unido. A tese de mestrado ocupa todo o seu tempo livre, o que se traduz no sacrifício das suas atividades de lazer.

Filipe vive com os pais o que lhe permite tolerar o salário que auferir e que considera insuficiente. Ou que o seria, se tivesse de assegurar as despesas da casa. O salário destina-se aos seus gastos pessoais. Todavia, não seria compatível com qualquer projeto de autonomia. Também não lhe permite pensar em constituir família. Porém, Filipe contenta-se com o facto de o estágio que está a fazer ser em Coimbra, de onde Filipe não quer sair “(...) na minha cidade, da qual eu sou natural e não quero sair mesmo. Gosto muito de estar aqui. Os meus amigos vivem aqui, a minha família vive aqui.”. É onde considera que se vive melhor e desenvolve: “(...) eu quero imenso trabalhar em Coimbra no futuro e acho que começar agora tão cedo já a desenvolver uma *network*, por exemplo, acho que é importante também.”

Apesar de desejar mais tempo livre para a sua vida pessoal, Filipe entende que nesta altura tem de pensar no trabalho e na construção de uma carreira profissional. Considera que tem as capacidades e a formação necessárias para o mercado de trabalho e pensa mesmo que o seu currículo lhe assegura alguma vantagem. Espera poder ficar na empresa onde realiza o estágio, embora não esteja certo. Por isso, define como objetivos fundamentais:

(...) agradar no estágio que estou a fazer e ser contratado (...) como colaborador efetivo da organização e possivelmente estar lá uns anos, porque de facto é uma boa organização onde eu gosto de estar e, de facto, pode ser muito bom para a minha aprendizagem.

Considera que os seus projetos refletem a influência dos seus amigos, cuja trajetória académica é semelhante à sua. Admite, não obstante, que a influência foi recíproca:

(...) ou seja eu acabei por ser influenciado e por influenciar (...) amigos mais velhos (...) em quem tenho confiança tiveram o mesmo caminho e acabaram por ter sucesso, são felizes com a vida que têm e também é um bocado isso que eu procuro, o que pode também ter motivado estas minhas escolhas

Os filhos fazem parte dos projetos de Filipe, que diz: “(...) aos cinquenta anos espero ter dois filhos (...)”.

Ter uma situação financeira estável como os meus pais sempre me deram, não ambiciono grandes luxos sinceramente. Quero trabalhar durante o ano e no verão fazer uma viagem por ano. Quero que eles tenham uma formação igual à minha (...). Se não fosse essa formação se calhar não seria o que sou hoje e quero que eles sigam mais ou menos as minhas pisadas, dentro do que eles querem. A liberdade que os meus pais me deram, eu também quero dar aos meus filhos.

A lógica de reprodução da situação familiar que Filipe expressa, aproxima-se das constatações efetuadas por Fiona Devine (Devine, 2004). No seu estudo, a autora revelou como famílias de classe média se esforçam por assegurar que os filhos tenham condições para assegurar as condições materiais de existência da família. Os investimentos culturais são, nesse sentido, considerados fundamentais, mas requerem recursos materiais. Filipe quer ter filhos, mas não num futuro próximo. A sua prioridade vai para a consolidação da sua carreira profissional e, desse modo, para o trabalho. As questões da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar não aparecem na narrativa de Filipe. O modo como leu o problema da conciliação foi a partir da estabilidade financeira, indispensável para dar aos filhos o que os pais lhe deram a si. Também Filipe beneficia da ajuda dos pais, com quem continua a viver, apesar de se sentir financeiramente independente. O facto mais notável da história de Filipe será, porventura, o seu apego a Coimbra e de eleger a permanência na cidade como o valor determinante mesmo quando se tratem de escolhas profissionais.

4.1.4. Guilherme: A Segurança

“Vingar na área da economia e gestão, ter uma vida pessoal e uma situação patrimonial cada vez melhor”

Guilherme nasceu em Coimbra e tem 24 anos. Até à conclusão da sua licenciatura em economia residiu com os pais e a irmã, mais nova seis anos. Filho de uma advogada com um cargo de administração no setor público, e a terminar um mestrado em direito. O pai é mestre em ciências farmacêuticas e trabalha numa empresa da família. Guilherme valoriza a estabilidade da sua educação e da família, reconhecendo os benefícios que dela pôde colher: “(...) a nível científico, a nível cultural e a nível social também na interação que tive com os meus amigos e com as pessoas que me rodeavam na cidade de Coimbra”. Na família encontrou o apoio para todas as decisões eu tive de tomar “(...) sempre me aconselharam da melhor forma e sempre foram o meu sustento financeiro e humano (...)”, tendo influenciado “(...) todas as minhas tomadas de decisão durante a minha vida académica (...) com o reconhecimento da responsabilidade da minha parte e de como eu estava a gerir a minha vida e o que queria.”.

Mantém um relacionamento chegado com a irmã, ressaltando o modo como se influenciaram mutuamente, apesar da diferença de idades:

(...) os conselhos sejam muito mais de mim para ela pela diferença de idades que nós temos, seis anos... mas não pude deixar de aprender bastante com as vivências que ela me trouxe, de outras formas de pensar (...) os nossos colegas mais novos, como eles encaram o mundo e a sociedade (...)

Frequentou o ensino secundário na Escola Infanta Dona Maria, em Coimbra, na área das ciências e tecnologias, “com uma média bastante aceitável”. Escolheu a economia por gostar de conhecer melhor a realidade do seu país e pela possibilidade de, no futuro, vir a exercer a sua atividade profissional numa empresa: “O que é que eu queria fazer? (...) Eu sempre vi o setor privado da

economia e do mundo como aquele que pode ser o maior fomento de bem-estar e geração de valor (...) claro que quando bem liderado e não deixado ao desbarato.”. Licenciou-se em economia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra em janeiro de 2013, com média de 12 valores. Considera que a média se ficou a dever à intensidade com que abraçou a tradição académica coimbrã, envolvendo-se em diversos projetos nas estruturas estudantis, desenvolvendo atividades ligadas às saídas profissionais, nomeadamente, colaborando com o núcleo de estudantes da sua faculdade. Também participou na organização de festas académicas “que me acabaram por dar aquele cheirinho do trabalho prático (...) é um trabalho mais próximo dos estudantes”. Estas atividades de cariz prático seduziram Guilherme porque, disse, “(...) gosto de estar ocupado, gosto de olhar, gosto de ter objetivos e de os fixar a curto prazo e esse tipo de trabalho (...) ia muito nesse sentido.”.

Reconhecendo que, apesar de tudo, aprendeu alguma coisa com a licenciatura, reconhece tal se ficou a dever mais a “opções curriculares escolhidas acabando (...) por ser relativamente aceitáveis do ponto de vista teórico porque me permitiram conhecer a história da economia em si”. Considera que a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra é “um pouco retrógrada em muitos dos seus ensinamentos” e pouco ligada à “área empresarial” que considera “também ela pouco existente em Coimbra”. Mas apesar de tudo, Guilherme acredita que “(...) os conhecimentos sólidos que lá adquiri, são, continuam a ser hoje importantes na minha vida profissional e na minha vida pessoal e permitiram-me ter um conhecimento geral e uma carga intelectual bastante desenvolvida (...)”.

Um mês depois da conclusão da licenciatura teve a oportunidade de “(...) dar o salto para uma carreira profissional ativa, através dum estágio numa empresa do ramo do turismo, na cidade do Porto.”. Guilherme mudou-se para o Porto, onde também iniciou um mestrado com um projeto curricular que considerou do seu interesse. O desempenho no estágio profissional foi reconhecido na empresa, onde “(...) acabaram por me facilitar a entrada no mestrado, também ele na área das ciências económicas... e portanto, durante o ano que se seguiu tive aulas durante

esse período e continuei o meu percurso profissional (...)”. Guilherme tem conciliado o mestrado com o trabalho.

No estágio iniciou o trabalho na área de controlo de gestão, precisando: “(...) de facto um controlo financeiro e estava ligado também à tesouraria, a fazer pagamentos e planos de financiamento de curto e longo prazo (...)”. Este facto permitiu-lhe ter uma visão global sobre os negócios de todas as empresas do grupo e todas as suas valências operacionais e estruturais: “(...) e o modo como um grupo, um grande grupo económico pode da melhor forma persistir e que tipo de análise é que tem que efetuar aos seus funcionários e à sua atividade para que possa trilhar um caminho de sucesso.”

Da experiência de trabalho pensa que:

(...) acabou por me dar grandes, grandes conhecimentos na área financeira, na área de gestão e na área de estratégia e de pensamento de negócio global, ou seja eu tive acesso e construí dados financeiros e operacionais e analisava-os para posteriormente serem tomadas as decisões pela administração sobre os caminhos a seguir, que projetos iniciar, que projetos terminar, que áreas da empresa poder melhorar e que áreas da empresa estavam a funcionar bem e que poderiam ser alvo de uma intervenção (...)

O interesse pelo trabalho acabaria por se revelar absorvente: “(...) tudo isto contribuiu para a minha experiência ser tão diversificada quanto possível e isso acabou por me fazer querer ocupar tanto tempo com o meu trabalho (...)”. O estágio também lhe assegurou uma relativa autonomia financeira, embora continue a depender dos pais que: “(...) eles continuam a contribuir com uma pequena quantia para os meus gastos mensais”. Considera que a sua situação profissional é estável e segura, afirmando ter uma situação financeira bastante satisfatória e “as expectativas serão sempre de a melhorar (...) tanto pela evolução da situação profissional esperada como em termos de rendimento que previsivelmente irei ter num futuro próximo.”. Neste momento, o vencimento que auferir destina-se à renda do seu apartamento no Porto e à manutenção da sua vida, a qual inclui saídas com

amigos e pouco mais. Porém, o facto de ter um orçamento apertado não o preocupa porque:

(...) não sou uma pessoa de querer ter grandes bens materiais. Tenho um carro, que de facto me foi oferecido pelo meu avô, fora isso não tenho algo que diga, que possa dizer, que estou a trabalhar nesse objetivo, exceto eventualmente, quando e se me for possível, ter um sítio mais fixo para viver a longo prazo, o que neste momento não existe

É com o mesmo espírito que encara as atividades de lazer “(...) eu tenho uma velha máxima de que quem não tem dinheiro não tem vícios (...). Não posso ter grandes luxos, mas não deixo de fazer nada tanto com os meus amigos como com a minha família (...)”, sendo que “(...) o maior luxo acaba por ser as viagens. Ultimamente, sempre que tiro férias vou ao estrangeiro.”. A dedicação ao trabalho não interfere com a sua vida pessoal:

(...) jogar futebol, ir ver um filme, ver umas séries porque a minha situação profissional acaba por facilitar também a minha vida pessoal e isso é sempre também um valor que, para mim, não sendo traduzido financeiramente, não podendo ser traduzido financeiramente, acaba por ser dos mais importantes.

Também considera que a empresa facilita a conciliação entre a vida de trabalho e a vida pessoal, afirmando que “(...) e isso é um dado para mim extremamente relevante, e que me satisfaz, estar feliz com a vida e perceber que tenho tempo para tudo o que preciso e eu quero.”. Considera que a sua trajetória não é comum, pelo menos no que respeita a colegas e amigos com quem se relaciona e cujos percursos académicos foram idênticos:

(...) tenho noção (...) que não é frequente as pessoas terminarem a licenciatura e irem de imediato trabalhar e aí continuarem o seu mestrado”. Refere ter conhecimento de existirem jovens em Portugal que optam por uma atividade profissional no final da licenciatura pelos mais variados motivos: “(...) uns por necessidade outros por querer, tal como eu, por encetar por esse caminho, mas a maioria das pessoas opta por fasear um bocadinho mais. Terminar a licenciatura, seguir para o mestrado e só aí começar a procura de um emprego.

Guilherme pensa que o facto de ter entrado cedo no mercado de trabalho lhe proporcionou o desenvolvimento de capacidades e que também foi benéfica a sobreposição entre o trabalho e o mestrado, pensando que os seus colegas

(...) terão tido outras ocupações do seu tempo, seja com atividades cívicas, seja com atividades boémias (...) que os preparará de outra forma e para outras situações, mas para o que eu quero, que é vingar na área da economia, vingar na área da gestão, ter uma vida pessoal cada vez melhor, com uma situação patrimonial cada vez melhor, creio que a opção tomada foi a melhor.

Guilherme demonstra grande otimismo quanto ao seu futuro profissional, até porque iniciou “com o mesmo empregador um novo projeto que me abre portas a mais realidades (...) e abre-me portas para evoluir no futuro caso um dia pense em dar um passo em frente (...)”. No que respeita ao futuro, a estabilidade financeira e patrimonial é fundamental e, por isso,

(...) farei sempre depender a minha vida profissional de eventuais necessidades que a minha vida pessoal tenha. Isto para dizer que a manutenção do emprego que tenho e tudo porque estou a lutar *err...* permite-me, se tiver que mudar de cidade, se tiver que mudar de país, conseguir facilmente uma colocação a nível profissional *err...* noutra e em qualquer local e essa liberdade acaba por me permitir encarar a minha vida pessoal com outros olhos, e permitir-me pensar e pô-la como primeira prioridade relativamente à minha vida profissional.

Os projetos futuros incluem a constituição de família e estabilidade parece ser um valor importante na vida de Guilherme: “(...) pretendo ter uma vida pessoal estável, eventualmente constituir família, estou certo que eventualmente terei esse desejo, embora atualmente ainda não vá tão longe”. Assim, o seu futuro passa, essencialmente, por viver “(...) numa boa casa, com uma boa família e que possa estar perto da minha família e dos meus amigos, que é para isso que eu creio que cá estamos todos, para nos podermos sentir bem e realizados”.

Trabalhar e estudar em simultâneo foi a opção deste jovem, que realizou a transição para a vida adulta cedo, escapando, assim, à tendência que revela o adiamento crescente da entrada no mercado de trabalho e, por essa via, na adultez. As opções de Guilherme não foram ditadas pela proximidade face à necessidade,

mas por uma questão de oportunidade e, aparentemente, de princípios. Apesar de dedicado ao trabalho, Guilherme não explicitou qualquer dificuldade em conciliar a sua vida de trabalho com a vida pessoal. Antes, a vida pessoal, nomeadamente as atividades de lazer, são afetadas pelo facto de o salário auferido não lhe assegurar total autonomia. Depende, por isso, da ajuda financeira dos pais.

Também Guilherme faz depender os seus projetos futuros, como a constituição de família, da estabilidade financeira, que depende da segurança no emprego. A segurança parece ser um valor importante na sua vida. A narrativa inclui algumas contradições, como o facto de afirmar que não sente grande atração por bens materiais, mas posteriormente afirmou que pretende ter uma situação patrimonial cada vez melhor. Afirma, igualmente, que “quem não tem dinheiro não tem vícios”, mas não prescinde das atividades com os amigos e família, nem das viagens. Guilherme soma ao seu salário ajudas financeiras dos pais e um carro oferecido pelo seu avô, reconhecendo ser um privilegiado. A estes privilégios acrescenta ainda ter “uma educação e uma situação familiar extremamente estável” que lhe “(...) proporcionou uma vasta gama de conhecimentos a todos os níveis, a nível científico, a nível cultural e a nível social também na interação que tive com os meus amigos e com as pessoas que me rodeavam na cidade de Coimbra.”. Assim, apesar de algumas frases que indiciam uma vida despojada, Guilherme parece viver numa situação privilegiada, ainda que o não reconheça inteiramente.

4.1.5. Luísa: Percursos no Feminino

“Quero pensar fora da caixa: não quero viver para trabalhar, quero trabalhar para viver.”

Luísa tem 23 anos, é natural de Coimbra e tem uma irmã mais nova que frequenta o ensino secundário. Até terminar a licenciatura em Economia, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, em janeiro de 2014, residiu sempre com os pais. Demorou 3 anos e meio a concluir a licenciatura, iniciada em setembro de 2010. Filha de um professor da Universidade de Coimbra, doutorado em história e de uma advogada que exerce numa sociedade de advogados, considera-se uma pessoa responsável “(...) até porque tenho em casa um professor universitário e um advogado e que são duas pessoas [que] gostam muito de trabalhar (...)”. Luísa considera que os pais, orientados para o trabalho, exigiram muito das filhas, “(...) portanto, nunca tive grande margem para falhar muito ou desleixar-me muito nos meus estudos *err...* e isso nota-se, seis meses que demorei a mais, cinco meses *err...* para concluir o curso”. O semestre adicional ficou a dever-se à novidade da praxe académica: “(...) tive alguma vivência académica, conheci muitas pessoas, o que teve alguma influência em mim porque, sendo de Coimbra, e estando cá há muito tempo, é sempre diferente entrar para o meio universitário e ter contacto com algumas pessoas de várias partes do país.”. O envolvimento na praxe pesou entre as prioridades de Luísa, o que se refletiu no aproveitamento académico. Considerando a praxe como uma forma de conhecer pessoas novas e com elas se relacionar, a sua preocupação “(...) foi sempre dar-me o melhor possível com as pessoas, tentar ser um bom exemplo e uma pessoa prestável, dar conselhos quer em termos pessoais quer em termos académicos.”

Depois de terminar a licenciatura, Luísa realizou um estágio de três meses, não remunerado, numa entidade financeira. Essa experiência proporcionou-lhe a oportunidade para aprofundar conhecimentos e conhecer algumas dimensões da atividade profissional, da qual não gostou particularmente “(...) foi uma

experiência importante, tive um contacto com um meio não meramente académico, que todos sabemos como é que é a universidade e ainda para mais numa área tão teórica como é a economia.” Os seus pais ficaram agradados com esta experiência de Luísa, ao contrário do que viria a suceder com algumas das suas decisões ulteriores.

Depois do estágio, Luísa trabalhou como voluntária em Timor durante um mês e embarcou numa aventura de quatro semanas de *InterRail* pela Europa. Tem viajado por Portugal e, por vezes, visita amigos que estão no estrangeiro, no âmbito do programa *Erasmus*. Gosta de “Viajar e conhecer pessoas e culturas diferentes são os meus *hobbies*, se é que se podem considerar efetivamente como *hobbies*, mas é o que me dá prazer fazer.”.

Sem projetos bem definidos, Luísa procura ainda determinar os seus interesses profissionais. As idas ao estrangeiro servem para ver como se trabalha noutros países, onde tem amigos “(...) ir ter com colegas minhas e ver como é que elas se estão a dar lá fora (...)”. Considera que ainda não tem um rumo definido para si e que estas viagens lhe permitem ajudar a definir o que gostaria de fazer ou onde gostaria de estar: “(...) porque também, no fundo, ando há procura do meu rumo, do que é que eu quero fazer, onde é que eu me vou inserir, que profissão é que eu quero realmente encontrar (...)”. Esta indefinição, todavia, não é bem acolhida pelos pais, pessoas bem-sucedidas e orientadas para o trabalho, “são dois *workaholic*” e começam a pressioná-la no sentido de “(...) acharem que eu devia atalhar mais e começar já a trabalhar.”

Dependente dos pais, e apesar das pressões, à data da entrevista Luísa planeava adiar a transição para a vida adulta, propondo-se prosseguir os estudos “(...) assim uma fase mais descontraída, mas tenho sempre em segundo plano o que é que vou fazer em termos profissionais e também estive a recolher informação, digamos, para poder entrar no mestrado”. Beneficiando dos recursos disponibilizados pelos pais, Luísa parece valorizar o esforço e o sucesso dos pais, manifestando vontade de lhes seguir as pisadas “(...) tanto a minha mãe como o meu pai são duas pessoas *self-*

made que trabalharam, estudaram, sacrificaram-se e hoje conseguiram atingir um patamar e é também um pouco aquilo que eu ambiciono para mim. O mestrado é o próximo projeto, que quer concluir por antever dificuldades em conciliar a sua conclusão com o trabalho “(...) tenho um bocado aquela ideia que se começar a trabalhar, se gostar do que faço e se começar a autonomizar-me um pouco em termos de rendimentos, acho que já não vai ser tão fácil eu voltar a estudar (...)”. Das palavras de Luísa depreende-se que a autonomia financeira se pode afirmar como um fim em si, até porque, apesar de se declarar “numa fase mais descontraída”, sente que provavelmente os pais não apreciam “(...) a despesa de um filho que anda aí a gastar dinheiro sem fazer grandes coisas.”. No entanto, a opção pelo mestrado mereceu a aprovação parental, considerando que lhe “(...) trará mais benefícios e oportunidades em termos profissionais, mas por ser também um passo que convém que quanto mais cedo eu der melhor porque me vai permitir outro tipo de profissões e ter uma bagagem diferente.”. Por outro lado, Luísa quer “(...) dar o bom exemplo, apesar de eu já ter concluído a licenciatura no tempo normal, aceitável vá, *err...* acho que é uma coisa importante não me quero desleixar disso agora e espero que a minha irmã também ingresse num curso superior (...)”.

A dependência financeira dos pais de Luísa é total e a sua contabilidade simples: “(...) sou totalmente sustentada pelos meus pais. Tenho uma mesada de EUR 400,00 para gerir *err...* que é fixa, mas acaba por não ser, não é? Porque... Sabemos bem como é que é, uma pessoa pede, precisa disto, precisa daquilo e quando as pessoas gostam e têm sentem-se sempre na obrigação de dar o máximo possível (...)”. Portanto, à mesada somam-se os complementos associados a gastos extraordinários.

A sua trajetória de vida reflete as influências múltiplas que tem sofrido: “(...) fui influenciada por muitos fatores *err...* por coisas que via, por colegas, se bem que a maioria das minhas colegas não têm tantas facilidades, digamos, quanto eu e, portanto, quando eu saía para fora ou quando ia fazer viagens ou coisas desse género, era para ir ter com colegas nas mais variadas situações, desde colegas

minhas mais velhas que já acabaram e estão a trabalhar lá fora a colegas minhas que estão em *Erasmus*, toda a minha vivência influenciou-me (...)”. O seu projeto é, neste momento, a conclusão do mestrado em gestão a que se candidatou “(...) quero ver se me empenho um pouco mais do que me empenhei na licenciatura.”. A médio e longo prazo Luísa não refere objetivos muito definidos porque “(...) o mestrado também vai ajudar nisso”. A transição para a vida adulta ficará adiada até à conclusão deste segundo ciclo de estudos, altura em que tenciona arranjar emprego, desta feita, remunerado: “(...) a seguir ao mestrado é começar a trabalhar numa coisa que surja, pronto vou aproveitar as oportunidades que tiver e espero que sejam algumas.”. Futuramente

“(...) gostava muito, e acho que é uma coisa que está cada vez mais no nosso contexto global, permite-nos isso, gostava muito mesmo, imagine, de trabalhar à distância! Gostava de ter uma profissão à distância, em que pudesse trabalhar em casa ou a partir de outro país err... e daí o mestrado também irá ajudar, porque certamente precisarei de adquirir outro tipo de competências a nível académico e profissional, mas gostava muito de poder trabalhar à distância de... de poder viajar para um sítio qualquer, estando essa viagem relacionada com trabalho ou não, e poder trabalhar à distância no meu computador, sei lá, prestar serviços numa empresa, mas contratada como profissional liberal (...)”.

Luísa parece não querer seguir, necessariamente, o rumo dos pais. Não obstante valorizar o seu esforço e o facto de serem profissionais bem-sucedidos, deixa implícita a ideia de que a sua devoção pelo trabalho terá tido reflexos na vida familiar. Ao contrário do *stress* que tem testemunhado nos pais, Luísa afirma que “(...) eu quero trabalhar e conciliar isso com a minha vida pessoal, particularmente viver a vida. (...) hoje em dia somos pensados para trabalhar a vida inteira e ao fim usufruir a fortuna, mas quando esse momento chegar já não nos resta grande coisa verdadeiramente (...)”. Luísa quer aproveitar as oportunidades que tiver e conseguir “pensar fora da caixa” para conseguir fugir ao que considera ser a regra, até porque “(...) não é qualquer pessoa que consegue levar uma vida assim e é isto não quero viver para trabalhar, quero trabalhar para viver.”

Ao contrário dos entrevistados do gênero masculino, Luísa não parece valorizar o trabalho. O exemplo parental de dedicação ao trabalho parece tê-la levado a relativizar o trabalho. A independência financeira é igualmente vivida de uma forma mais confortável, o que faz recordar a tese de Estanque, segundo a qual a ideologia patriarcal acaba por beneficiar as mulheres (Estanque, 2004). Isto porque são menos pressionadas para se tornarem financeiramente independentes e podem, por isso, realizar outro tipo de investimentos, como a educação ou, no caso de Luísa, as experiências de viagens ou trabalho voluntário. Conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal parece ser um objetivo de vida para esta jovem adulta que se recusa a viver para o trabalho e deseja trabalhar de forma flexível. A segurança e a estabilidade financeiras não parecem preocupá-la e, nesta fase da sua existência, não explicitou qualquer projeto de vida familiar autónoma.

4.1.6. Manuel: O Matemático

“(...) apostar em mim mesmo, não só para a minha valorização, para a minha estabilidade emocional, financeira, tudo o mais, mas também para poder oferecer um futuro bom aos meus, e aos meus concidadãos (...)”

Nascido em Lisboa, há 22 anos, Manuel viveu em Coimbra dos 2 e aos 17 anos, após o que regressou a Lisboa para estudar Matemática Aplicada no Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa. Manuel é o mais velho de três irmãos, e até à ida para Lisboa, viveu sempre com os pais. No primeiro ano da faculdade viveu com familiares e, posteriormente, partilhou habitação com amigos. Considerando-se ambicioso, Manuel gosta de estudar, valoriza os seus conhecimentos e mérito académicos, aspirando a uma “carreira ambiciosa”. Este desejo por uma “carreira ambiciosa”, considerando que deve afirmar-se como modelo para os irmãos mais novos, dizendo: “que isso me coloca uma certa pressão, saudável” e “motivo de orgulho” para a sua família. Filho de um doutorado na área da filosofia e história contemporânea, é professor na Universidade de Coimbra e de uma licenciada em gestão, que ocupa um cargo de administração numa empresa privada, Manuel dá-se bem com os pais, ressaltando o modo como “(...) sempre tentaram levar a cabo um papel importante na vida, (...) não só na minha, como na dos meus dois irmãos mais novos”. Os pais procuraram incentivar a individualidade de cada filho o que: “(...) foi muito positivo porque deixou que nós seguíssemos o nosso próprio caminho individual e único com certeza, mas sendo que nunca fomos colocados em perigo, em situações de exposição social (...)”. As relações familiares são muito próximas, o que pode explicar que Manuel se queira afirmar como modelo, uma “uma força inspiradora e orientadora (...) dado que o filho que vai à frente deve fazer sempre o bom exemplo para os que se seguem.”

Durante o ensino secundário, em Coimbra, escolheu a área das ciências sócio económicas, tendo percebido “(...) que as duas matérias que mais me motivavam

eram (...) a matemática (...) e por outro lado uma ciência social diferente claramente, características diferentes, a história económica que tive a hipótese de estudar nesta área.”. As escolhas realizadas no âmbito da sua formação foram autónomas embora, possam ter refletido, pelo menos em parte, a influência de ambos os progenitores. Todavia, os pais não interferiram no processo de escolha, embora Manuel tenha consciência da existência de alguma influência “(...) o meu agregado familiar, as escolhas dos meus pais... me tenham feito, talvez de uma maneira inconsciente a levar o caminho que levei... a zona de estudos que estudei, que decidi ter para mim é próximo, a nível do secundário, da minha mãe e que as ciências sociais, talvez por influência do percurso do meu pai, sempre foram uma grande paixão minha (...)”. Mas apesar de qualquer tipo de influência que possa ter subsistido, Manuel reconhece que sempre lhe foram proporcionadas, e aos irmãos, “(...) todas as condições para que nós pudéssemos tomar as nossas decisões, desde cedo, e, portanto, sim, a influência dos meus pais existe, e a meu ver num nível alto, que eu agora vejo como correto.”.

A escolha do curso superior terá constituído o grande desafio que Manuel enfrentou, por se sentir atraído por áreas de estudo muito diversas. No entanto, “(...) estava condicionado pela escolha a nível de secundário e também não, não me apontou para uma só porta e, portanto, eu vi que tinha em mãos a seguinte escolha: ou avançava para o estudo da matemática, que tanto me agradava ou, talvez de (...) percorrendo metade da circunferência chegando à outra ponta do diâmetro, as ciências sociais e a filosofia talvez seria a minha maior paixão”. Considera que a escolha do curso foi ditada pelo seu pragmatismo, procurando uma formação com saída no mercado de trabalho. Embora tivesse preferido estudar filosofia ou história, considera que as ciências económicas seriam “(...) um caminho mais curto para um sucesso profissional no futuro e então (...) quase que deixei de lado, ou disse um até já, a um curso de filosofia, que tanto me agradaria, e escolhi estudar Matemática Aplicada, na Universidade de Lisboa, no Instituto Superior de Economia e Gestão, que era um curso que me proporcionava, novamente um adiar

de uma decisão final e continuava-me a manter em contacto com questões, com questões de política económica, de macroeconomia, a área que eu mais gostava dentro da economia, mas que me dava uma formação única em matemática pura, aquela que eu mais gostava e também em aplicações que (...) tanto que se mostraram úteis para a minha vida profissional no futuro.” Portanto, a escolha do curso foi instrumental. Manuel sacrificou as suas áreas de interesse por uma formação numa área que considerou ter maiores probabilidades de sucesso no mercado de trabalho.

O carácter instrumental da escolha de Manuel refletiu, também o peso de ter de realizar uma escolha numa idade tão precoce: “(...) enquanto gostava de áreas tão diferentes e que me colocaram uma questão tão difícil por querer pensar no meu futuro e me preocupar tanto com ele (...)”. Da passagem pela universidade destacou o corpo docente “(...) pelo contacto com os professores, o convívio próximo (...) o contacto com pessoas que podem não estar no mesmo nível de formação, mas que têm ambição de querer evoluir, querem produzir o seu trabalho científico, que gostam, que dão valor às matérias que estão a ser ensinadas (...) a formação foi de muita qualidade, e novamente abriu portas para aquilo que, seriam as minhas ambições no futuro enquanto, enquanto aluno (...)”. A influência do pai, também ele professor universitário pode refletir-se, não apenas nas disposições manifestadas no apreço pelos professores, mas também pelo estudo e pela própria universidade. Todavia, tais disposições não transformaram Manuel num académico. Quando regressou a Lisboa, o facto de viver com familiares facilitou a sua adaptação à cidade, a família agiu “(...) como um amortecedor ou como uma primeira almofada para a mudança de cidade”. Mas nos anos subsequentes tudo se alterou e Manuel viu-se no meio de “uma vida boémia” com “(...) os estudos, os livros, a ambição sem ser prejudicada, pronto, pela vontade de entrar em contacto com os meus amigos, por ter experiências de socialização tanto à noite, como à tarde, como de manhã e de tirar o máximo partido da cidade bonita que é Lisboa, que tanto tem para nos oferecer (...)”. Ainda assim, conseguiu disciplinar-se e gerir

os seus próprios horários. Aos 20 anos, no último ano da licenciatura que concluiu em junho de 2013, começou a equacionar se deveria entrar no mercado de trabalho ou prosseguir estudos. “(...) bem, e foi assim que eu (...) me deparei com a seguinte questão: o que é que eu deveria fazer? Será que deveria prosseguir os meus estudos? Será que devia (...) tentar ingressar no mercado de trabalho? E então (...) foi de facto um problema para mim (...) eu aos 20 anos tinha ambição, não é? (...)”. Manuel acabou por decidir-se, pragmaticamente, pelo mercado de trabalho.

Após a conclusão do curso, candidatou-se através do gabinete de saídas profissionais e recebeu várias ofertas de trabalho. Todavia, o pragmatismo colidiu com a sua orientação para o estudo e as suas áreas de interesse, embora também apreciase “(...) esta coisa do mesmo jovem, poder trabalhar, poder vestir um fato e uma gravata (...) decidi (...) jogar com as minhas possibilidades e tentar ter todas as opções em aberto”. Acabaria por fazer as duas coisas. Candidatou-se a um mestrado em política monetária na Holanda que se iniciaria no seguinte mês de setembro. Enquanto esperava, trabalho. O mestrado correspondia a um interesse que vinha do tempo de estudante: “(...) de uma faculdade de excelência nos assuntos económicos em Portugal, que era a política monetária”. O trabalho que realizou durante três meses foi na área da consultadoria e constituiu o seu primeiro contacto com a vida profissional. A entrada no mundo do trabalho como consultor significou uma mudança drástica no seu estilo de vida. As alterações manifestaram-se desde o vestuário até às atividades da sua vida, as quais ficaram reduzidas ao trabalho: “(...) do nada, a minha vida tinha mudado, porque se eu conseguia com facilidade articular, articular estas vivências sociais e com a minha ambição, com a vontade de tirar o máximo da vida universitária e dos estudos e de manter todas as portas abertas, tudo era diferente agora que tinha a tal rigidez que a gravata, que a gravata acentuava no meu pescoço, aquele aperto de quem tem de sair de casa de manhã, voltar tarde, (...) praticamente não ter tempo para a vida social que eu tanto prezava antigamente (...)”.

Da sua primeira experiência de trabalho, Manuel ressalta os aspetos mais penalizadores, como a rigidez do horário de trabalho e o facto de se sentir a viver para o trabalho. Acabou por concluir que “(...) não era assim tão bom ir trabalhar e, provavelmente, trabalhar tão cedo poderia ser um erro na minha vida (...)”. Ainda assim, encontrou alguns pontos positivos, nomeadamente, a importância do cumprimento dos prazos, o trabalho em equipa e a sensação de realização, ao “(...) chegar à meta e entregar o produto que era desejado pelo nosso superior hierárquico (...) não vou dizer que esta foi uma das piores experiências que já tive, mas sim, e tentando resumir, poderia dizer que soube ver aquela que é a parte negativa de uma vida profissional (...)”. Parece ter sido com algum alívio que Manuel foi estudar para a Holanda: “(...) percebi que de facto estudar é ótimo, mas que devia servir sempre para alimentar aquilo que são as minhas ambições profissionais, que eu sempre tive e que esta experiência profissional não fez com que eu as desarmasse (...)”. A relação instrumental com o trabalho deu alguns frutos, já que conseguiu juntar dinheiro, o que constituiu um marco na sua existência dado que: “(...) sempre vivi com a ajuda dos meus pais, nunca foi, nunca tinha tido um problema, nem de todo que trabalhar era uma obrigação para mim, uma necessidade por questões financeiras, mas sim, peguei nesse dinheiro, juntei, foi ótimo. Consegui até usá-lo para coisas, para coisas que me eram úteis, como por exemplo, desenvolver o culto de viajar e de ter acesso a espetáculos culturais, desportivos (...)”.

A vida académica apresenta mais atrativos que Manuel não deixou de mencionar. Por comparação com a vida de trabalho, a de estudante afigurava-se-lhe mais interessante. Isto “(...) porque uma vida de estudante é uma vida boa, que tantas, tantas saudades deixa a uma pessoa que depois ingressa no mercado profissional, e não é à toa. Um estudante (...) é (...) dono do seu tempo (...). Pode escolher os seus horários, pode determinar os seus objetivos de acordo com as suas características (...)”. Manuel gostou muito de ter estado na Holanda e manifestou apreço quer pela qualidade da formação recebida, quer pelo ambiente multicultural

em que mergulhou: “(...) conheci imensas pessoas dos quatro cantos do mundo (...) exatamente na mesma situação que eu, talvez (...) sem preocupações, focadas em estudar (...) com interesses em temas próximos aos meus ou até exatamente os mesmos que os meus, com vontade de fazer desporto, de conhecer a cidade, de conhecer países, outros países europeus, de viajar (...)”. A dissertação de mestrado incidiu na área da política monetária, o que lhe permitiu pôr em prática “capacidades de modelação da matemática” e “a modelação económica para falar sobre economia e estava subitamente a trabalhar dois assuntos que tanto gostava (...) e a escrever o meu trabalho científico (...)”. Após a defesa da sua tese regressou, em julho de 2014, a Portugal. Teve então de escolher entre fazer um doutoramento, outro mestrado, desta feita, nas áreas da filosofia ou da história, de que sempre gostara, ou entrar no mercado de trabalho. Optou por procurar trabalho e candidatou-se a um organismo ligado à decisão económica e de relevo para a sociedade portuguesa. Nessa instituição, exerce a função de analista financeiro num setor ligado à Banca.

O cargo que exerce proporciona-lhe a capacidade para enfrentar novos desafios utilizando as suas experiências académicas e culturais na resolução de problemas de elevado impacto na sociedade portuguesa:

“(...) uma coisa que eu muito respeito e que muito importante é para mim (...) é a capacidade que me dá de todos os dias enfrentar desafios novos, sendo que os únicos requisitos que eu necessito é de utilizar as experiências académicas e culturais que tenho, para no fundo resolver problemas, para uma instituição de relevo e de impacto grande na sociedade portuguesa, o que não me poderia deixar mais contente (...)”. A dependência financeira de Manuel durou até à sua entrada no mercado de trabalho, vivendo, portanto, da mesada que lhe era atribuída pelos pais. Considera-se satisfeito com a remuneração que auferi atualmente, “Tenho a sorte de ter um trabalho estável, que tanto gosto, (...) que me dá, sobretudo para a idade que tenho, condições financeiras, dada a realidade do país não poderia (...) classificar como melhores (...)”. Também pensa que a decisão de fazer o mestrado

influenciou positivamente a sua posição profissional. Entre os seus projetos para o futuro contempla o casamento, considerando que este será o seu principal objetivo pessoal. A curto prazo, não abdicando agora da sua carreira profissional e da posição que já tem, considera estar iminente o seu regresso aos estudos. Pondera a possibilidade de um doutoramento ou um novo mestrado numa área do seu agrado, antevendo a possibilidade de estudar filosofia “(...) agora que (...) os medos já não fazem sentido e posso abraçar qualquer área de conhecimento à vontade”.

Ambicionando progredir profissionalmente, Manuel projeta-se no futuro para se ver a desempenhar um papel de relevo na sociedade portuguesa. Preocupa-se com o país e gostaria de melhorar a vida da comunidade. Todavia, tem consciência da crescente instabilidade que caracteriza o mundo atual. A incerteza surge, de resto, como o lado mais negativo da vida:

“(...) sei que talvez alguns jovens com a minha idade podem não ter tido acesso às experiências a que tive acesso (...) com facilidade, não poderem entrar agora no mercado de trabalho para uma área que gostem ou numa área em que se sintam enquadrados (...) tenho a preocupação (...) de estar consciente daquilo que é o nosso país (...)”. “(...) que é preciso ter os pés bem assentes na terra e (...) estar preocupado com um certo grau de incerteza, que infelizmente (...) está presente. Seja pela sombra do desemprego (...) como pela instabilidade financeira (...) a escassez de oportunidades (...) que é muito importante (...) ter uma família que nos acompanhe (...)”.

A trajetória de Manuel revela uma consistência que, provavelmente, tem origem num projeto familiar sólido. As indecisões de Manuel no que respeita às escolhas formativas refletem a influência dos pais. Com disposições favoráveis ao estudo e ao trabalho, Manuel conseguiu ser bem-sucedido em ambos os domínios. O adiamento da transição para a idade adulta foi consequência da extensão da formação académica. As opções relativas à formação obedeceram a objetivos pragmáticos, mas, depois de ter a situação profissional consolidada, Manuel está disponível para regressar à universidade, desta vez sem receio de estudar uma

disciplina que corresponda às suas áreas de interesse. Manuel não questionou o apoio financeiro que os pais lhe asseguraram até que se autonomizasse, provavelmente porque esse é um direito legal de todos os adultos jovens que estejam a estudar e até que completem 25 anos. Todavia, não deixa de valorizar a autonomia financeira que a atividade profissional lhe proporcionou. As opções realizadas por Manuel não tiveram em consideração quaisquer questões de conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal. Os projetos de curto-prazo dizem respeito à consolidação da carreira profissional e só num futuro, mais ou menos distante, Manuel contempla a constituição de família. Elege esse objetivo como primordial na sua existência, sugerindo que todo o esforço que realiza atualmente visa a concretização desse propósito. Manuel valoriza a segurança, a estabilidade e parece conviver mal com a incerteza que caracteriza a realidade atual.

4.1.7. Matilde: A Emigrante

“(...) tenho que dizer que a minha situação financeira é bastante satisfatória, consigo poupar e ter uma boa vida (...) e sempre que quero estou em Portugal em três horas (...) venho a casa no Natal e no verão, isso é sagrado.”

Matilde tem 24 anos, é solteira e filha única. Nasceu em Tondela, mas aos 7 anos foi residir para Lisboa, para onde o pai foi trabalhar. Estudou em Lisboa, onde sempre viveu com os pais. Filha de um licenciado em gestão de empresas a exercer o cargo de diretor comercial numa empresa do ramo automóvel e de uma professora de Português e Francês no terceiro ciclo do ensino básico, teve uma vida de estudante que foi semelhante às dos jovens da sua geração. Colaborando nas tarefas domésticas, usufruiu de liberdade com responsabilidade: “Tive uma vida de estudante normal, de quem vive em casa dos pais, com liberdade (...) sempre tive de fazer as minhas tarefas domésticas, sei lá, fazer a cama, ajudar a minha mãe na cozinha e essas coisas. Se não estivesse ninguém em casa, cozinhava para mim, sempre fui desenrascada a cozinhar (...)”.

Iniciou a Licenciatura em Economia na Universidade Nova de Lisboa, em setembro de 2008, para a concluir em junho de 2012. Escolheu economia por gostar de matemática e ter algumas noções de contabilidade, que aprendeu com o pai, que foi quem a influenciou na escolha do curso: “Na faculdade segui economia, porque gostava de números, gostava de matemática, já tinha umas noções de contabilidade, porque o meu pai trabalhava nessa área, na altura, portanto, tive aquele empurrão familiar (...) Eu sempre gostei de contabilidade e de controlo de gestão, mas na hora de escolher achei que um curso de contabilidade poderia ser pouco abrangente.”

Durante a frequência da licenciatura em economia revelou empenho e gosto pelas disciplinas e pelos professores. Demonstra saber o que ambiciona com uma atitude responsável. Desvaloriza o facto de ter demorado 4 anos a concluir um curso de três: “Demorei um ano a mais a terminar o curso, nada de extraordinário, uma

cadeira atrás aqui, outra ali, uma melhoria de nota ou outra a mais e num instante passa mais um ano. Os pais realizaram fortes investimentos culturais, e, assim, Matilde praticou atividades extracurriculares como dança, ballet e música, tendo estudado violino. Estas atividades ocupam ainda os seus momentos de lazer. Mantém as amizades geradas ao longo do ensino básico e secundário. Na faculdade também fez algumas amizades, mas como refere “(...) não foi propriamente uma experiência que mudou a minha vida... eu fui para a Nova, fiz algumas amizades na faculdade claro, mas os meus melhores amigos fiz no básico e no secundário.”

A transição para a vida adulta ocorreu após a conclusão da licenciatura, quando Matilde encontrou o primeiro emprego. Em lugar de prosseguir para o mestrado, o objetivo de Matilde era conhecer outros países e outras realidades:

“(...) quando acabei o curso estava um bocado indecisa, o meu pai perguntou-me se eu queria fazer mestrado, o que é que eu queria fazer da minha vida, se queria continuar; e eu decidi que queria um bocado partir à exploração (...) queria conhecer o mundo pelos meus olhos.” Uma amiga dos pais proporcionou-lhe a oportunidade de trabalhar no Luxemburgo, país onde Matilde considerava que poderia viver confortavelmente. Mas para Matilde, o trabalho no Luxemburgo, onde reside e trabalha há dois anos e meio, é apenas a primeira experiência:

“A minha ideia foi logo ir para o centro da Europa, porque isso ia-me permitir viajar e conhecer realidades diferentes, mas, ao mesmo tempo, era relativamente perto de casa. Arranjei um emprego no Luxemburgo, através de uma amiga dos meus pais que está lá emigrada há muitos anos.”; “O Luxemburgo tem muitos portugueses e (...) isso também ajuda. Acho até hoje que foi uma boa opção. Ganha-se bem, dá para viver confortável, viajar e ainda poupar um bocado.”; “(...) o Luxemburgo não passa de um patamar, apesar de não ter prazos.”; “(...) foi uma hipótese que surgiu como poderia ter surgido outra qualquer.”

Entretanto, no Luxemburgo, Matilde encontrou outro emprego, estando a chefiar um gabinete de contabilidade. A empresa onde trabalhava anteriormente era mais reputada, mas a posição atual corresponde a um projeto seu, o de ocupar uma

posição de liderança. Confessa que, inicialmente, sentiu-se intimidada, porque coordena pessoa mais velhas e que poderiam reagir mal à sua juventude. Porém os seus receios foram infundados. Matilde diz que na empresa atual as perspectivas de progressão na carreira são limitadas e, por isso, continua atenta ao mercado internacional: “Neste momento, estou a chefiar um pequeno gabinete de contabilidade. A empresa onde estava antes era maior e mais reputada, mas (...) esta foi uma primeira oportunidade de liderança e pronto, não quis desperdiçar, quis ver como seria liderar e acho que me estou a dar bem.” Trabalhar no Luxemburgo significa ter uma carga horária pouco sobrecarregada e flexível, o que lhe permite conciliar a vida de trabalho com a sua vida pessoal:

“(...) o emprego em si não é muito difícil, nem tem um horário puxado, tenho as normais horas de trabalho, e consigo entrar e sair à hora, nada de sobrecargas. Consigo ter muito tempo para as minhas coisas, que também é importante.” “(...) não temos o sol inacreditável para ir para a esplanada beber imperiais, ou para ir passear ao pé do rio. Digamos que sair de casa só porque sim, à procura de alguma coisa para entreter, (...) nunca é tão aliciante. Parece que tenho mais tempo, até..., mas há sempre uma série ou um filme para ver enrolada numa manta. (...) “Mais de metade dos fins de semana saio do Luxemburgo e coordeno as viagens ou com a sexta à tarde ou com a segunda de manhã, tenho essa flexibilidade.”

É convicção de Matilde que se estivesse a trabalhar em Portugal teria menos autonomia e certamente sentiria maior dificuldade em conciliar o trabalho e a vida pessoal: “(...) por causa da geografia, o Luxemburgo tem muito mais para onde ir à volta. E, depois, as condições laborais. Eu vejo pelos meus amigos que ainda estão aqui em Portugal... ouço as histórias das minhas amigas que estão cá a trabalhar (...) maus salários, sobrecargas horárias absurdas, chegam ao fim-de-semana e só querem dormir, poucas oportunidades de progressão (...)”. Apesar de já ter feito amigos, Matilde vive sozinha no Luxemburgo. Reserva a companhia para mais tarde, quando casar e constituir família: “Podia viver com alguns dos amigos que já fiz, já me convidaram, já tive oportunidades, mas (...) gosto muito de ter o meu

espaço (...) agora só quando casar e felizmente ou infelizmente não há perspectivas disso.". Matilde é uma jovem independente, aprecia a autonomia e o projeto familiar, que não põe de parte, não é preponderante. Tal como tantos outros jovens adultos da sua geração, considera que qualquer projeto familiar depende de estabilidade financeira. Portanto, por enquanto os seus projetos incluem: "(...) continuar a ter uma vida tranquila em que seja dona de mim própria e possa sempre ir fazendo as coisas que gosto (...) e estar rodeada das pessoas que gosto.; "(...) provavelmente hei-de casar e ter, pelo menos, dois filhos. Não gostei muito de ser filha única. Três também já é demais, é preciso paciência e folga financeira."; "(...) a ideia da família é-nos instituída socialmente, se calhar não é uma necessidade, ou uma vontade de todas as pessoas. Às tantas até vou continuar bem assim por muito tempo, nunca se sabe."

Profissionalmente Matilde tem a ambição de melhorar a sua situação profissional e, desse modo, a sua situação material. Não descarta a possibilidade de fazer um mestrado, caso se justifique: "A nível profissional, quero continuar a evoluir e ganhar cada vez mais, e ter cada vez mais reconhecimento."; "Talvez tirar um mestrado que dê jeito a um futuro empregador, não sei". O mestrado parece ser, assim, um meio para assegurar a concretização de um fim económico. Matilde condiciona o mestrado ao que 'dê jeito' a um empregador, o que significa que estará disposta a abdicar da escolha da área.

Matilde não adiou a transição para o trabalho. Antes, tomou a decisão de trabalhar no estrangeiro e concretizou o projeto através da rede de contactos dos pais. O Luxemburgo é o país onde continua a residir e a trabalhar, mas não descarta a possibilidade de ir trabalhar para outro país. Valorizando a sua independência e autonomia, Matilde aprecia a forma mais relaxada que caracteriza o trabalho no Luxemburgo. A jornada de trabalho não é tão longa como provavelmente seria em Portugal, o que lhe permite conciliar a vida de trabalho com a sua vida pessoal. Tem projetos familiares que admite poder vir a concretizar no longo prazo, mas que se subordinam à consolidação de uma posição financeira estável. O carácter

instrumental das suas opções, por exemplo, no que toca ao mestrado, pode refletir uma disposição associada à sua área de formação. Em qualquer caso, Matilde reflete uma visão otimista da existência e não parece preocupada com a instabilidade e a insegurança que caracteriza o mundo do trabalho.

4.1.8. Pedro: O Associativismo Académico

“Ter o dinheiro e a relação pessoal de mão dada”

Natural de Coimbra, Pedro tem 23 anos, e é o mais novo de dois irmãos. é filho de um médico e de uma professora de Português. A família é o seu grande apoio: “(...) apoia-me de uma forma total.” Os pais deram-lhe liberdade para efetuar as escolhas académicas “(...) diria que me deixaram toda a liberdade... para tomar essa decisão por mim mesmo. Até porque acabei por seguir uma área completamente diferente da qual eles fizeram vida.”. Hesitando entre a matemática e a economia, acabou por iniciar a licenciatura em economia por “(...) ser uma área grande o suficiente para ter um vasto leque de saídas profissionais possíveis.”, na Universidade de Coimbra em 2009. Tinha então 18 anos. Adaptou-se bem às atividades da faculdade e às exigências do curso. Foi assíduo, frequentou palestras e não descurou as atividades curriculares. Mas foi a sua sensibilidade para a realidade que o rodeia que determinou a sua opção pela área económica: “(...) sempre fui interessado, desde muito novo, pelas notícias e quando estava na altura (...) da minha adolescência que é quando uma pessoa começa a tomar mais atenção ao mundo que a rodeia a economia estava (...) na ordem do dia... eventualmente a partir da crise económica de 2008... e isso fez despertar muito o meu interesse. Eu tenho por hábito ver notícias da atualidade, ler artigos, ler o *Diário Económico*, de entre outras publicações (...)”.

Concluiu a Licenciatura em julho de 2014, dois anos após o que seria previsto. O atraso ficou a dever-se às atividades associativas em que se envolveu, especificamente na associação de estudantes, onde trabalhou dois anos. Posteriormente integrou um projeto de direção da associação de estudantes a nível de toda a universidade. A experiência associativa foi importante porque: “(...) ensinou-me a trabalhar em grupo, ensinou-me a trabalhar em equipa, ensinou-me a mobilizar, inculcar noutros o espírito de trabalho por uma causa que é maior do

que todos nós.”. Os pais teriam preferido que Pedro concluísse a licenciatura dentro do período previsto para o efeito. Porém, toleraram o adiamento, compreendendo que o associativismo fosse importante para Pedro, que encontrou forma de os convencer de que a demora na conclusão do curso tinha aspetos benéficos: “Fui intercalando com o argumento que (...) fazendo menos cadeiras por semestre, também teria melhores notas (...)”, acrescentando que “(...) de facto isso verificou-se.”. O associativismo proporcionou a Pedro a oportunidade de desempenhar um papel importante “(...) uma função de voz de uma comunidade, neste caso uma comunidade académica, de estudantes (...) isso, para mim, acho que seria sempre algo apelativo em qualquer instituição do ensino superior, mas na Universidade de Coimbra em particular a nossa associação académica não é uma mera associação de estudantes, é algo mais que isso... é a sua história, o seu passado de luta política de defesa dos estudantes é algo que... que chama por nós e nos inspira para fazermos o melhor possível na representação dos nossos colegas (...)”. Finalmente, quando concluiu a licenciatura estava ainda ocupado com atividades associativas, pelo que não iniciou a procura de uma atividade profissional e admite não ter, ainda, pensado no seu futuro.

O mestrado não está nos seus horizontes, pelo menos não no futuro mais próximo. Indeciso quanto ao caminho a trilhar, Pedro considera duas opções. Uma será uma experiência de trabalho no estrangeiro. A outra opção é procurar emprego em Portugal. A segunda hipótese será, porventura, a mais provável. Admite que da experiência profissional possa retirar algum interesse particular que o leve ainda a fazer um mestrado:

“Não decidi se no futuro próximo (...) optarei por fazer voluntariado ou alguma atividade que me leve até outro país, que é uma experiência que eu não tive durante o meu percurso académico (...) e é por isso uma experiência que eu gostaria de ter (...) mas apesar desse gosto estou mais inclinado para conseguir obter alguma experiência profissional para mais tarde ter uma ideia de que área escolher para me especializar, para tirar um mestrado.”. Pedro conta com o apoio dos pais, mesmo

que escolhesse fazer voluntariado ou uma viagem prolongada, adiando por mais tempo a transição para a vida ativa. Mas tem consciência de que já perdeu tempo suficiente e que um atraso maior pode prejudicar as suas possibilidades no mercado de trabalho.: “(...) não sei de que maneira isso reduziria o potencial da minha carreira... Já demorei mais dois anos do que era suposto na licenciatura (...) tenho algum receio que me traga prejuízos futuros.” Porém, o voluntariado é um dos grandes interesses de Pedro, que, todavia, ainda não conseguiu concretizar. Pedro tem sentido dificuldades em conciliar todas as atividades que realizou no contexto da atividade associativa com os seus interesses. O voluntariado continua entre os seus projetos, mesmo que seja apenas durante o verão. Pedro continua dependente dos seus pais, uma vez que, não trabalhando, “(...) a mesada é a minha única fonte de rendimentos”. A idade, porém, já o faz sentir-se incomodado com essa situação “(...) já começa a não ser tão agradável ter de pedir dinheiro para qualquer coisa que precise ou queira.”. Entretanto, Pedro desistiu da experiência de trabalho no estrangeiro, dada a urgência em alcançar a autonomia financeira, pois “(...) qualquer pessoa, a partir de determinada idade, começa a ver o facto de ainda estar dependente dos seus pais, financeiramente, com maus olhos, ou seja, é esperado que alguém, um jovem adulto... trace o seu próprio caminho, comece a ganhar a sua independência em relação à família (...).”

Sabendo que a sua trajetória académica não corresponde necessariamente ao esperado, Pedro procura agora corresponder às expectativas sociais, ou sejam procurar trabalho, tornar-se um adulto independente e financeiramente autónomo e responsável, tal como seria de esperar de um recém-licenciado. Em nome das expectativas, está disposto a sacrificar os seus interesses: “(...) ter uma vida a sério... com horários, regras... mais responsabilidade no fundo... com tudo o que isso representa. Para depois, como disse, prosseguir os meus estudos.” Entretanto, as suas reservas quanto à economia dissiparam-se e atualmente considera que se trata de uma disciplina que “(...) faz parte da sua vida (...)” e tem expectativa de poder dar um contributo de relevo à ciência económica: “(...) quero também dar o meu

contributo, aliás, num plano, a longo prazo, prosseguir os meus estudos é precisamente nesse sentido de poder deixar o meu contributo à ciência económica (...). Mesmo assim, Pedro não vê grande vantagem na educação formal que recebeu. A sua perspetiva é meramente instrumental, pensando que as credenciais servem apenas como meio para ajudar a encontrar um emprego: “(...) o canudo pode ser uma mais-valia em termos de empregabilidade e nos dias de hoje significa cada vez mais apenas isso, mas eu acho que isso é um erro das sociedades atuais (...) as universidades são fábricas de empregados e não de conhecimento... para trabalhar espero que a licenciatura chegue e quando chegar a altura de escolher um mestrado quero muito produzir algo útil e (...) espero mesmo não necessitar do canudo do mestrado para alavancar as minhas possibilidades de trabalhar.” A visão quase cínica da universidade que emerge na narrativa de Pedro reforça a sua visão instrumental sobre a formação. Provavelmente, Pedro valoriza mais as suas atividades de lazer, que são diversificadas.

Pedro gosta de ver filmes, ir a concertos, sair com os amigos e de ler. Os pais inculcaram-lhe o gosto pelos livros, que ficou e, por isso, comprar livros é uma das atividades que Pedro aprecia. Por enquanto, tem tempo livre, porque já não está no associativismo e ainda não trabalha. Porém, quando começar a trabalhar, suspeita que a situação se venha a alterar: “(...) com um emprego, com uma ocupação diária, o tempo que eu teria disponível para isso será reduzido”. Reforça a ideia afirmando: “(...) calculo que durante os primeiros tempos em que estiver empregado não será tão fácil conciliar esses tempos livres com o trabalho, mas espero que à medida em que a minha carreira for progredindo, à medida que a minha vida pessoal e também em termos financeiros for estabilizando ao longo da minha carreira espero também poder recuperar essas horas de lazer.” Apesar da irregularidade da sua trajetória académica, Pedro sente-se satisfeito e considera que a sua média de curso reflete o nível de compromisso e investimento que realizou: “foi proporcional ao (...) empenho”. Porém, da universidade, o associativismo terá sido a atividade mais marcante: “(...) o meu percurso associativo também me deixa muito satisfeito

porque desempenhei as funções que gostaria de ter desempenhado no tempo que para elas destinei.". Pedro parece apreensivo quanto ao início da sua carreira profissional, antevendo dificuldades. O que conhece pelos seus colegas levam-no a admitir que deixará de ter tempo para si e para as suas atividades de tempos livres. Os seus colegas levam a vida a trabalhar: "(...) colegas mais velhos que nas mais variadas áreas do conhecimento... ao iniciarem a sua vida ativa, depois de concluírem os estudos, depois de começarem a trabalhar... têm uma carga horária bastante pesada, bastante intensiva e... pronto, pela falta de exemplos em contrário, calculo que vá ser o que eu vou encontrar também." Não obstante, trabalhar é uma necessidade: "A minha necessidade é querer a minha independência (...) tenho uma vontade muito grande de me tornar independente financeiramente da minha família. Ao mesmo tempo, sei que posso contar com eles para tudo. (...) não advém de qualquer espécie de conflito, de qualquer espécie de dificuldade material, mas advém de uma grande vontade de independência."

Considerando-se "ambicioso, mas não ganancioso", pretende "viver confortavelmente, com capacidade para realizar qualquer despesa que seja necessária", mas sem "ambições de grandeza". O seu objetivo passa por "ter o dinheiro e a realização pessoal de mão dada" na sua vida "tão rápido quanto possível". A longo prazo, talvez aos 50 anos, espera estar casado e com os filhos "encaminhados", numa vida familiar "perfeitamente estável", desejando que a carreira esteja "bem mais do que definida". Admite que a "experiência internacional" de voluntariado se possa "tornar num sonho irrealizado" dadas as exigências do trabalho.

Pedro adiou a entrada no mercado de trabalho e, com isso, na vida adulta. Os seus projetos são contraditórios. O facto de ter demorado mais tempo a concluir a licenciatura arrastou a sua dependência financeira, já que os pais continuam a suportá-lo. Por isso, encontrar emprego que lhe assegure a autonomia financeira aparece como uma prioridade, ou mesmo uma urgência. Mas começar a trabalhar também significa desistir de sonhos como o trabalho de voluntariado ou no

estrangeiro. Significará igualmente o sacrifício da sua vida pessoal, dada a expectativa de longas jornadas de trabalho. Apesar de valorizar a conciliação entre a vida de trabalho e a vida pessoal, Pedro parece considerá-la incompatível com a realidade do trabalho em Portugal e sabe que terá de abdicar desse valor. O casamento e a constituição de família estão nos seus projetos, mas de longo-prazo. A história de vida de Pedro revela um jovem adulto com uma visão instrumental do ensino, que vê como meio para facilitar o acesso ao emprego e da universidade, que considera ser uma “fábrica de empregados”. Sugere igualmente um indivíduo confuso, hesitando entre a vontade de dar corpo aos seus interesses e a necessidade de se conformar com as expectativas sociais e tornar-se uma pessoa responsável, inserida no trabalho, financeiramente independente. A valorização da conciliação entre trabalho e vida pessoal não parece ter interferido nas suas escolhas profissionais nem na definição dos seus projetos de vida.

4.1.9. Sara: Conflitos Geracionais

“(...) para ter filhos tínhamos de abdicar da nossa vidinha relaxada e sem responsabilidades extratrabalho e é cedo demais para isso.”

Sara tem 23 anos, é natural do Porto, onde viveu com os pais e um irmão três anos mais velho, até se licenciar em economia no final do ano letivo de 2012. Filha de médicos, relaciona-se mal com os pais, mas muito bem com o irmão mais velho: “(...) nunca tivemos as típicas quezílias entre irmãos, nem quando éramos miúdos.”. Com os pais, a relação parece ser notoriamente má “(...) atribulada é pouco... é mesmo relação de amor/ódio (...)” e, provavelmente ficam a dever-se às idades avançadas dos progenitores. O pai de Sara tem 67 anos e a mãe 61: “(...) acabávamos sempre por entrar um bocadinho em conflito, especialmente com o meu pai, que a minha mãe foi ficando um bocado mais liberal com a idade.”. O grande problema com os pais foi o facto de interferirem excessivamente na sua vida académica: “(...) principalmente a nível de estudos claro, todas as notas eram más. Ter 15 ou 16 era uma nota má para o meu pai. Para ele, eu tinha de seguir Medicina à força e ter uma média suficientemente boa para entrar no S. João.” As interferências também se faziam sentir na sua vida privada: “(...) o meu namorado tinha... e tem ainda... uma grande paixão pelo surf, e ensinou-me a *surf*, e o meu pai dizia que eu perdia muito tempo a *surf*, que me devia concentrar mais nos estudos e que ele me levava por maus caminhos.”. Os pais de Sara não aprovavam o seu gosto pelo *surf* e nem que participasse na vida académica, apesar de Sara não ser muito dada a noitadas: “(...) ir beber um copo era sempre um filme. Eu olhava para os meus colegas da faculdade e o que mais invejava não era a falta de regras que tinham por viverem sozinhos, era mesmo ter a minha casa onde pudesse estar descansada”. Em suma, Sara desejava ser independente.

Quando terminou a Licenciatura na Faculdade de Economia do Porto, dentro do tempo esperado, “fez tudo certinho”, com uma boa média, não teve grandes

dificuldades em encontrar trabalho. Candidatou-se a estágios na área de auditoria para a cidade de Lisboa, foi selecionada para três empresas e acabou por optar por uma multinacional de renome, que oferecia melhor remuneração, apesar de não ser a sua preferida. O objetivo de Sara era, todavia, afastar-se do controlo dos pais e assegurar a sua independência financeira. Esta oportunidade permitiu-lhe concretizar as suas duas grandes prioridades: "(...) uma era sair do Porto, a outra era entrar em auditoria. E atirei-me para Lisboa para não emigrar logo sem nunca ter vivido sozinha.". Integrou-se bem na empresa "(...) e as oportunidades foram aparecendo. A empresa tem-me envolvido em projetos e em clientes cada vez maiores e mais aliciantes e isso é bom para o meu crescimento profissional e aprendizagem também (...)". Também se adaptou à vida em Lisboa. Inicialmente partilhou alojamento com amigas "(...) porque arrendar ao quarto é muito mais barato do que arrendar à casa". Porém, há aproximadamente um ano que reside com o namorado, uma experiência de que está a gostar: "(...) estamos a adorar ter a nossa casa, sempre nos demos bem, temos quase todos os amigos em comum e interesses parecidos.". Continuam a praticar surf, sempre que têm tempo e vão conseguindo organizar-se "(...) vemos filmes e séries, passeamos por Lisboa que é uma cidade muito rica culturalmente. Há sempre eventos a acontecer, ainda mais que no Porto." Sara visita o Porto uma vez por mês, mas nas férias escolhe outros destinos. A distância terá contribuído para uma melhoria do relacionamento com os pais: "Curiosamente, ou talvez não, agora dou-me muito melhor com os meus pais. Como tenho a minha vida e já não dependo deles há três anos damos-nos muito melhor e dão-me mais dinheiro do que alguma vez deram antes".

Sara continua na mesma empresa e na mesma atividade de auditoria, considerando que auferir um salário adequado ao seu estilo de vida: "(...) ganho mais do que a média dos meus amigos e do que a média nacional que, na minha opinião, é muito baixa. Dá para viver de forma confortável (...) mas considerando que temos dois salários que em Portugal têm de ser considerados bons, tenho de considerar que vivemos bem. Abrimos uma conta em nome dos dois quando

mudámos de casa e cada um transfere para lá todos os meses metade da renda mais um “x” para despesas comuns, tipo água, luz, internet, compras de comida (...). Entre os seus projetos para o futuro está um mestrado que poderá vir a ser relevante para “(...) outros voos na minha carreira no futuro, mas ando a adiar porque não tenho tempo.” O problema está na impossibilidade de conciliação entre a vida de trabalho, muito exigente, e o tempo de que necessitaria para dar corpo aos seus projetos pessoais: “(...) às vezes chego a casa às oito da noite e ainda tenho de mandar *mails* ou fazer qualquer coisa que me lembro ou assim. E depois quando tenho tempo livre dá-me sempre a preguiça e penso “(...) como é que eu ia estar agora numa aula?”. Ter filhos está dentro dos seus projetos “(...) como toda a gente acho que imagina, quero ter uma vida dita normal, não é? Dois ou três filhos e ganhar bem para ter uma vida desafogada e dois ou três luxos (...) aqui ou no estrangeiro, que já várias vezes pensei, ou pensámos, em ir embora (...)”. No que respeita aos projetos familiares, Sara dá conta da pressão que a família e os amigos exercem: “Como já namoro há muitos anos as pessoas perguntam quando casamos, se não queremos casar, quando temos filhos (...)”. Mas a questão material parece determinante: “E depois até casar é caríssimo, quanto mais ter filhos. Se bem que para casar talvez os pais pagassem e as prendas rendessem alguma coisa (...) mas para ter filhos tínhamos de abdicar da nossa vidinha relaxada e sem responsabilidades extratrabalho e é cedo demais para isso. Lá mais para os 30 vê-se isso”.

A história de vida de Sara é, no conjunto das que aqui se apresentam, a mais dissonante. Isto porque se trata de uma jovem adulta que não contou com a complacência dos pais, nem mesmo quando Sara procurou corresponder às suas expectativas e ao seu nível de exigência. As opções de Sara parecem ter sido tomadas por oposição aos pais. Não seguiu medicina, mas economia e não quis prolongar a situação de dependência económica, optando por entrar no mercado de trabalho assim que concluiu a licenciatura. Por outro lado, prescindiu das economias que a permanência em casa dos pais lhe poderia proporcionar, preferindo migrar para

Lisboa, onde reside com o namorado. A vida de trabalho numa empresa de auditoria é exigente e deixa-lhe pouco tempo livre. Apesar de considerar que um mestrado a poderia ajudar a avançar na carreira, Sara tem pouco tempo e nenhuma disponibilidade psicológica para dar corpo ao projeto. Depois de uma jornada de trabalho, o tempo livre é para descansar, pelo que Sara não antevê forma de conciliar o mestrado, as aulas, com a intensidade da vida profissional atual.

Os projetos para o futuro incluem igualmente filhos, mas tanto o casamento como os filhos requerem, segundo pensa, uma base material significativa. Será talvez por isso, que, apesar de considerar que tem uma vida confortável, dividindo despesas com o namorado e auferindo um bom salário, para o contexto nacional, Sara não descarte a possibilidade de emigrar. De resto, se não o fez logo após a licenciatura foi, como explicou, por se sentir insegura. Agora, admite que poderia ir com o namorado. Muito provavelmente, Sara estaria ainda sob influência do clima de crise que se vivia em Portugal na altura. Em todo o caso, se a emigração continua nos seus horizontes, a independência económica que conquistou, a par da distância que colocou entre si e os pais, contribuíram para melhorar um relacionamento aparentemente difícil. Os pais são agora mais generosos do que quando Sara fazia parte do agregado familiar. Sara manifesta uma concepção utilitária da existência, o que se ficará talvez a dever à sua área de formação.

4.1.10. Vanessa: Liberdade para Escolher

“Para mim o sucesso profissional confunde-se muito com a realização pessoal.”

Vanessa tem 22 anos e é a mais velha de duas irmãs. Nasceu em Coimbra e é filha de um médico dentista e de uma professora do ensino básico. Contando com o apoio dos pais, relaciona-se melhor com a mãe, porque o pai trabalha mais horas e está menos por casa. Teve liberdade para escolher a área de estudos e para decidir sobre o seu futuro: “(...) tive liberdade para tomar essa decisão por mim mesma. Conhecia a realidade da profissão dos meus pais (...) não me agradaria mesmo.” Importante, mesmo foi “gostar foi um dado fundamental na escolha” de “seguir uma área completamente diferente da área profissional dos meus pais.” Aparentemente, os pais gostaram que Vanessa tivesse optado por uma área diferente das suas. A mãe sobretudo, devido às dificuldades de colocação dos professores. O apoio que a família lhe dá não a impede de valorizar a sua independência: “Na relação com a minha família posso contar com tudo, afetivamente, monetariamente, mas os meus pais também sabem que, apesar de prezar a minha liberdade, o meu sucesso e realização pessoal é muito importante para mim... para todos. É como se fosse um pacto de lealdade.” Fez toda a sua escolarização em Coimbra, e iniciou a Licenciatura na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra 2010, tinha então 18 anos. Quando teve de escolher o curso hesitou, porque gostava muito de matemática. Acabou por se decidir pela economia. Adaptou-se bem à vida académica, foi uma estudante assídua e gostou das disciplinas, ainda que mais de umas do que de outras. A opção pela economia justificou-se por ser: “(...) uma área que, posteriormente, me poderia dar diferentes saídas profissionais.”

Licenciou-se em julho de 2013, sempre foi uma boa aluna e responsável e apesar da tolerância dos pais, quis cumprir o seu dever e dar o exemplo à irmã mais nova. Ainda assim, durante a sua passagem pela universidade Vanessa não deixou de mergulhar na vida académica: “(...) participei nas praxes académicas, colaborei em

atividades desportivas ligadas à Associação Académica de Coimbra e ainda dei uma pequena colaboração no núcleo de estudantes do meu curso”. Estas atividades foram fontes de aprendizagem, “Aprendi a trabalhar em grupo, em equipa, aprendi a vida de um modo diferente (...)”, porque enquanto praticante de basquetebol desde os 10 anos, há muito que havia aprendido a importância do trabalho em equipa. Mas a conclusão da licenciatura representou o momento de novas escolhas. O mestrado não era prioritário, mas foi considerado. A escolha da área era relevante, podendo ser “(...) na mesma área, ou eventualmente em gestão e assim ficava em modo dois em um, na mesma universidade ou eventualmente em Lisboa ou no Porto.” Em qualquer dos cenários os seus pais não se oporiam à sua decisão, na medida em que poderiam suportar essa despesa extra: “Os meus pais não se oporiam à minha decisão, qualquer que ela fosse. O meu pai disse-me que se eu entrasse na London School of Economics e precisasse de EUR 50000,00 para fazer um mestrado que não seria por isso que não o faria.” Em setembro de 2013, Vanessa iniciou o mestrado em gestão na mesma faculdade onde se licenciou. A permanência na Universidade de Coimbra permitiu-lhe a permanência na equipa de basquetebol. Admite que, provavelmente, também poderia continuar a praticar a modalidade em Lisboa ou no Porto ou até em qualquer outro país, mas realça que “(...) a equipa é muito importante para mim, conhecemo-nos bem e somos muito unidas.”. Na altura da entrevista Vanessa estava a concluir o mestrado, faltando-lhe apenas defender a sua tese. Era igualmente a altura para novas decisões.

Depois do mestrado: “(...) gostava de encontrar emprego na minha área. Eventualmente fora do país, para começar a desligar-me do meu pequeno mundo, do meu porto seguro. Deve ser giro ter uma vida a sério, com outro rigor de horários, ter de saber estar de acordo com a atividade profissional que desenvolver...”. Sabendo exatamente o que quer, Vanessa não se imagina a sacrificar as suas preferências por uma oferta qualquer: “(...) não vou ser escravizada só para poder dizer que ganho dinheiro (...) se surgir uma boa oportunidade para começar a trabalhar e a ser independente, tudo bem, mas não

vou aceitar qualquer tipo de situação laboral só para que isso aconteça.” Qualquer que seja a sua decisão em relação ao futuro, Vanessa está certa de ter o apoio dos pais, sobretudo do ponto de vista material: “(...) posso sempre contar com o apoio dos meus pais a qualquer nível, quer de opiniões, quer monetariamente (...) e é graças a eles que posso dizer que não estou disponível para aceitar qualquer coisa (...)”. Para sondar o mercado, enquanto escreve a dissertação tem-se candidatado a diversas ofertas e acabou selecionada para um estágio de seis meses em Bruxelas, o qual só terá início em setembro, um estágio que poderá ser “(...) uma porta aberta, mas até setembro falta muito tempo.”. Todavia, não está segura em relação ao estágio, porque uma amiga incentivou-a a candidatar-se a um projeto de voluntariado em África, em Maputo: “É uma equipa que ajuda na instrução primária de crianças desfavorecidas.” Este projeto interessou a Vanessa admitindo que o mesmo irá: “(...) ser uma experiência muito positiva. Observarmos, colaborarmos e ajudarmos nesta realidade, com certeza, muito diferente do que foi a nossa infância”. No entanto, este projeto irá desenrolar-se nos meses de julho e agosto ou, eventualmente, até um pouco mais tarde. A ida para Moçambique não a impede de ir para a Bélgica realizar o estágio. Apenas lhe dificultara a preparação, o que a faz hesitar: “(...) voltar de dois meses em África, uma realidade que desconheço e que não sei como me vou dar, chegar a Portugal, fazer as malas e ter pouquíssimos dias até ir para Bruxelas começar um estágio, com tudo o que implica, em termos de arranjar casa (...)”. O estágio seria a sua primeira experiência de trabalho e, provavelmente, marcaria o início de uma carreira profissional que lhe permitiria conquistar a independência financeira relativamente aos pais. Mas o facto de desejar ser independente não tem que ver com qualquer conflito com os pais. A independência económica justifica-se apenas “(...) porque sim, quero ter o meu dinheiro e fazer dele o que quiser, quando quiser, sem justificações.”

Como ainda não trabalha, Vanessa pode dedicar-se às suas atividades de lazer, entre as quais pontificam o basquetebol, o cinema, sobretudo, se for uma boa comédia, e os livros policiais, sobretudo policiais, sendo Agatha Christie a sua

escritora preferida. Porém, pensando na futura transição para o mercado de trabalho, admite que possa vir a ter problemas em conciliar o trabalho e a vida pessoal: “(...) tenho alguma preocupação com as minhas atividades futuras, poderei ter menos tempo para atividades de lazer, da minha vida pessoal e das coisas que gosto de fazer.” Porém, essa perspectiva não a faz esmorecer: “(...) mas estou muito entusiasmada com esta nova fase da minha vida, porque irá ser muito diferente, não é?”. Ademais, considera que: “A médio/longo prazo espero uma carreira estável e poder recuperar as minhas horas de lazer, considerando que o mais certo é perdê-las nesta nova fase.” Portanto, a conciliação não interfere nas suas escolhas. Vanessa está preparada para se concentrar na construção e consolidação de uma carreira profissional estável. As atividades de lazer poderão esperar por melhores dias. De um modo geral, afirma sentir-se realizada com o seu percurso até ao momento: “(...) sou feliz, obtive uma média muito boa, que é o meu orgulho, mas também trabalhei para a conseguir, embora não saiba muito bem se esse facto se irá revelar como uma mais-valia”. Quanto ao longo prazo, Vanessa afirma que não imagina nada em concreto para a sua vida aos 40 ou 50 anos: “(...) quero trabalhar, ter sucesso e viver a vida, o que tiver de vir, virá.”, especificando apenas que não quer ter filhos no curto prazo: “(...) neste momento nem tenho namorado, e quanto a filhos... sim gostava, mas para mais tarde... agora quero liberdade total, sem depender de ninguém e sem ter alguém a depender de mim... isso fica para quando a minha carreira profissional estiver definida e for estável.”.

Vanessa apresenta uma história de vida que, apesar das especificidades, não difere substancialmente das dos demais entrevistados. Oriunda de uma família de classe média, usufrui do conforto material que a família lhe proporciona, realizou os investimentos necessários para ser bem-sucedida no mercado e trabalho. Também manifesta as inseguranças e as hesitações que parecem caracterizar os adultos jovens na altura de efetuarem a transição para a vida adulta, através da inserção no mercado de trabalho. O mestrado aparece como um desenvolvimento esperado da licenciatura, uma espécie de condição para encontrar um bom

emprego. No caso de Vanessa, a escolha do mestrado foi subordinada ao seu gosto pelo basquetebol e pelo desejo de permanência na equipa onde habitualmente jogava. Este facto sugere a relevância dos seus gostos, também manifesta nas hesitações que expressou relativamente às escolhas profissionais. Mas os gostos e as atividades de lazer, presumivelmente mesmo o basquetebol, passarão para segundo plano, assim que Vanessa começar a trabalhar. De resto, antevê dificuldades para conciliar a vida de trabalho com a sua vida pessoal e, nomeadamente, as suas atividades de lazer. Não obstante, não condiciona as suas escolhas à possibilidade de conciliação, que está preparada para sacrificar. A independência económica é o objetivo de curto prazo, dependendo da estabilidade profissional. Projetados no futuro ficam projetos de construção de uma família que inclui filhos. Mas no longo prazo. Por quanto, o tempo dá gozo da moratória que a distância face à necessidade lhe assegura.

4.2. Histórias de Vida: Discussão

Esta secção discute os conteúdos das histórias de vida construídas a partir das entrevistas realizadas com o objetivo de explorar o tema da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar entre uma amostra de adultos jovens. Com as entrevistas procurou-se reconstituir os processos de transição para a vida adulta e averiguar até que ponto a preocupação com a conciliação influenciou as opções dos participantes no estudo. A discussão será orientada em função das questões de investigação que guiaram o trabalho de investigação:

1. Até que ponto as preocupações com questões decorrentes da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar influenciaram as opções de carreira no contexto da transição para o emprego?;

2. Admitindo que a conciliação possa influenciar as opções de carreira, que outros factores estiveram presentes nas escolhas possíveis na fase de transição para o emprego?

4.2.1. Conciliação – Relevante, mas não Determinante

A generalidade dos participantes parece ter consciência da dificuldade em conciliar o trabalho com a vida pessoal, dados os desafios e as longas jornadas de trabalho que caracterizam o modo de estar no trabalho em Portugal. Sobretudo porque sendo muito jovens, ou estão ainda a estudar, ou em início de carreira. No primeiro caso, as representações sobre o trabalho e a conciliação foram influenciadas pelo exemplo parental, bem como de colegas e amigos. Com uma exceção, Luísa, todos os participantes ter interiorizado que o trabalho invade a vida pessoal, pelo menos durante os primeiros anos. Apenas Luísa parece colocar a vida pessoal em primeiro lugar. O trabalho proporciona independência material, mas para Luísa o que mais importa é viver a vida. Não obstante, nenhum dos participantes neste estudo realizou opções de carreira com base nas preocupações

com a facilidade ou dificuldade em conciliar o trabalho e a vida pessoal. Estando conscientes que o trabalho representa uma alteração radical dos estilos de vida tipicamente associados aos estudantes, aceitam a mudança como se de um ritual de passagem se tratasse. Ser adulto é ser responsável e fazer sacrifícios, em nome da segurança e do bem-estar material. Assim, a resposta à primeira questão foi negativa. Em geral, as questões da conciliação não são suficientemente relevantes para alterarem opções de carreira.

4.2.2. Outros Fatores

Dado que a conciliação não emergiu como um fator suficientemente relevante para inspirar opções de carreira, as narrativas dos participantes revelam que a independência financeira, estabilidade, a segurança no emprego e o bem-estar económico são os factores que mais influenciam as opções de carreira dos participantes neste estudo. Sara, por exemplo, tendo sido selecionada para três empresas, não escolheu a preferida, mas aquela que pagava melhor. A independência financeira foi o fator que prevaleceu na escolha de Sara. Matilde, por exemplo, decidiu ir trabalhar para o estrangeiro, procurando melhores condições. No Luxemburgo viria a conhecer uma forma diferente de estar no trabalho, mais relaxada e mais flexível. A independência financeira está consolidada e Matilde está preparada para novos desafios noutros países, ainda que não em Portugal. O facto de, em geral, os participantes valorizarem as condições materiais de existência não condiciona tanto as opções de carreira, dadas as condições de rigidez do mercado de trabalho, mas os projetos pessoais, nomeadamente familiares. Os participantes que não fizeram mestrados antes de entrarem no mercado de trabalho sabem que será complicado consegui-lo no início de carreira. Embora todos tenham projetos familiares, que podem passar pelo casamento ou não, todos admitem que querem ter filhos. Mas estes são sempre projetos de longo prazo, adiados para um tempo em que a estabilidade material esteja garantida.

4.2.3. A Discussão

Os participantes neste estudo são oriundos de famílias de classe média. Os seus progenitores têm formação superior e uma condição material estável. Essa estabilidade suporta o adiamento da transição para a vida ativa que, com poucas exceções, todos acabaram por realizar, de uma forma ou de outra. A dependência económica parece ser bem tolerada tanto pelos pais como pelos filhos, que parecem considerá-la como garantida. Sara terá sido a grande exceção, mas apenas porque o seu relacionamento com os pais não era o melhor. Não obstante, a independência financeira é um objetivo partilhado por todos. A reprodução dos estilos de vida e das trajetórias de classe média parece ser igualmente comum, nomeadamente através dos investimentos no trabalho e dos projetos para a constituição de família. As narrativas sugerem que as famílias dos entrevistados realizaram os investimentos que consideraram necessários para facilitarem o sucesso profissional dos filhos, quer através de atividades extracurriculares, quer depois, na formação académica e mesmo no financiamento de outras atividades como viagens ou atividades de voluntariado. Se esta sugestão se confirmar, então as famílias de classe média portuguesas estarão em linha com as suas congéneres de outros países, como o Reino Unido e os Estados Unidos. Nestes países, a mobilidade social é já muito difícil para as classes médias, por isso, as estratégias familiares são fundamentalmente de reprodução da sua condição (Devine, 2004). A frequência do ensino superior, nomeadamente do segundo ciclo, parece ser uma garantia para o sucesso profissional e, desse modo, a construção de uma vida material estável.

A conquista e consolidação da estabilidade material requer tempo. Alguns participantes continuam a depender financeiramente dos pais durante os primeiros anos no mercado de trabalho. Isto porque se encontram deslocados e auferem salários que não lhes permitem sobreviver ou, porventura, manter o estilo de vida a que estavam habituados. O tempo é igualmente o fator que facilitará a conciliação entre o trabalho e a vida pessoal e familiar. Essa é outra para o adiamento dos

projetos familiares. Alguns participantes, por exemplo, Vanessa e Pedro, mostraram vontade de viverem a vida, antes de se integrarem no mercado de trabalho. Esse desejo choca com a pressão para trabalhar e assegurar a independência económica. Estes casos recordam o estudo de Kugelberg que revelou as atitudes dos jovens suecos face à transição para a vida adulta (Kugelberg, 1998). Este período era vivido como uma espécie de moratória possibilitado pela distância em relação à necessidade. Viagens, trabalho de voluntariado, ausência de obrigações, são aspetos que caracterizam este tempo de transição adiada. Mas em geral, os demais entrevistados pareciam ter estado sob pressão para entrar na vida adulta e assumir as responsabilidades correlativas. Provavelmente os entrevistados refletem ainda a influência do período de grave crise económica que abalou o país recentemente. Refletem, certamente, as representações sobre o mercado de trabalho nacional, a sua rigidez no que respeita às saídas profissionais para licenciados.

As representações sobre o mercado de trabalho influenciaram escolhas relevantes, como a área de estudos. A maioria dos entrevistados escolheu a área de formação a pensar nas saídas profissionais. No caso, a opção pela economia ou pela gestão - até mesmo pela matemática aplicada - foi instrumental. Manuel, por exemplo, gostaria de ter estudado filosofia ou história. Mas licenciou-se em matemática aplicada e depois de um mestrado na sua área e de ter sido bem-sucedido no mercado de trabalho, considera ter perdido o receio de estudar as suas áreas favoritas, planeando fazê-lo num segundo mestrado. O carácter instrumental do ensino mereceu, de resto, a crítica de Pedro, descontente com a subordinação do ensino e da educação formal ao mercado de trabalho e à vontade dos empregadores. Serão, em geral, as representações sobre o mercado de trabalho e as dificuldades tantas vezes reiteradas pelos meios de comunicação ou pelas estatísticas que, eventualmente, também influenciam a facilidade com que estes jovens aprecem aceitar o trabalho como fonte de limitação da sua vida pessoal. Finalmente o estudo entrevistou uma pequena amostra caracterizada pela homogeneidade. Jovens com origens sociais muito semelhantes, quase todos de Coimbra, e todos licenciados na

área da economia e/ou gestão, ou a exercer atividade nessa área. Esta homogeneidade contribuiu, certamente, para fazer emergir expectativas, trajetórias de vida e projetos similares. Por outro lado, a formação na área económica também terá exercido influência nas representações sobre o trabalho. Se assim for, então seria interessante alargar o estudo a uma amostra mais vasta que incorporasse adultos jovens provenientes de outras áreas formativas e, certamente, de outros estratos sociais.

5. Conclusão

O presente estudo foi conduzido em função de duas questões de investigação principais:

1. Até que ponto as preocupações com questões decorrentes da conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar influenciaram as opções de carreira no contexto da transição para o emprego?;

2. Admitindo que a conciliação possa influenciar as opções de carreira, que outros factores estiveram presentes nas escolhas possíveis na fase de transição para o emprego?

O estudo revelou que as questões da conciliação parecem não exercer grande influência nas opções de carreira profissional. Porém, a par da estabilidade económica, é um dos factores que justifica o adiamento de projetos familiares, especialmente quando estes incluem filhos, o que emergiu em todas as narrativas. Por outro lado, também expressaram a ideia de que as suas atividades de lazer, os seus interesses pessoais, são sacrificados com o início da vida ativa. A intensidade e as longas jornadas de trabalho não deixam energia para muito mais. Esta ideia emergiu tanto nos entrevistados já inseridos no mercado de trabalho como nos outros, ainda em fase de moratória. A pressão ou a vontade para conquistar a independência económica, depois de um período prolongado de dependência, justifica que a maior parte dos entrevistados tivesse optado pela entrada no mercado de trabalho após a conclusão da sua formação académica, isto é, em regra, um mestrado.

Apesar do adiamento na entrada na vida adulta, através da extensão da formação, para além da licenciatura, os participantes refletiram a pressão para entrar no mercado de trabalho. Quer dizer, mesmo que por vezes se tivessem revelado hesitantes, com projetos ainda mal definidos, todos se mostraram

disponíveis para começar a trabalhar e assegurar a sua independência económica. Na verdade, se esta tendência tiver fundamento, então estará em linha com a constatação de Mauritti, segundo a qual está socialmente enraizado em Portugal que o caminho natural após o término dos estudos é procurar emprego e iniciar a vida profissional (Mauritt, 2002). Estes jovens parecem ter interiorizado o trabalho como um dos valores morais que rege as suas vidas, tal como sugeriu Fevre (Fevre, 2003). Luísa terá sido a voz dissonante, quando afirmou que não queria viver para trabalhar. O conforto material é um valor dominante entre os participantes no presente estudo. Ainda que a amostra seja reduzida e o estudo exploratório, são visíveis as diferenças de atitudes e representações dos jovens portugueses e as que têm sido identificadas noutros países da União Europeia (e.g. Kugelberg, 1998, Lewis, 1999). Tais diferenças traduzem diferenças que caracterizam os países. Por exemplo, a alegada rigidez do mercado de trabalho nacional é fundamentada pelas estatísticas do IAPMEI (IAPMEI, 2008), segundo as quais, o tecido empresarial português é constituído, fundamentalmente, por micro e pequenas empresas (97,3%), sendo a proporção de médias empresas de 2,7% e as grandes empresas 0,6%. O emprego de licenciados é, no fundamental, assegurado por médias e grandes empresas. Estes dados asseguram a especificidade do mercado de trabalho nacional.

A conciliação entre vida de trabalho e vida pessoal e familiar assume um papel secundário nos projetos dos entrevistados. Por outras palavras, como se viu, a influência que os problemas de conciliação exercem nas decisões sobre a carreira profissional é marginal. Há como que uma antecipação naturalizada da impossibilidade de conciliar ambas as realidades até que a carreira profissional esteja consolidada. Todavia, a questão da conciliação parece relevante para muitas empresas, as quais implementaram políticas que promovem a conciliação, ainda que possam ter outros objetivos associados. Por exemplo, tais políticas podem servir para tornar as empresas mais atrativas e, desse modo, contribuir para a retenção de

jovens talentos¹. Mas Beauregard e Henry revelaram os resultados positivos de empresas na sequência da implementação de políticas de conciliação como a flexibilidade do horário ou o trabalho a partir de casa (Beauregard, 2009). Tais políticas requerem baixo investimento, mas contribuem para o bem-estar dos trabalhadores e, desse modo, para elevar a sua produtividade. A retenção de jovens talentos é igualmente função do valor que as empresas conseguem acrescentar às formas de remuneração habituais, nomeadamente através de políticas de conciliação do trabalho com a vida pessoal (Evans, 2001).

Por outro lado, a União Europeia inclui as políticas de conciliação nas políticas mais abrangentes que visam a igualdade de género (Tovella & Masslot, 2009). Portanto, apesar do seu carácter exploratório, o presente estudo tem a pretensão de poder dar um contributo para a gestão. A vontade de ir para o estrangeiro parece popularizar-se entre os jovens com formação superior. Matilde é um exemplo, ao descobrir que o trabalho não tem, necessariamente, de ser uma fonte de pressão e de constrangimento. Matilde não quer trabalhar em Portugal. Se a tendência se generalizar, é provável que as empresas se venham a ressentir com a fuga de jovens talentos. Investir em políticas de conciliação parece razoável. Por um lado, transforma o ambiente de trabalho, tantas vezes fonte até de doenças. Facilitar a conciliação entre a vida de trabalho e a vida pessoal e familiar é uma forma de atrair e reter os jovens talentos. Por outro lado, antecipa eventuais medidas compulsivas que, com origem governamental, tendam a dar corpo às diretrizes da Comissão Europeia.

Finalmente, tendo este estudo um carácter exploratório, as suas limitações são inescapáveis. A amostra é reduzida, dados os imperativos de tempo e as dificuldades de conciliação entre o trabalho e a realização do projeto de investigação. Não obstante, o trabalho encontra algumas tendências entre jovens adultos de classe média em Portugal. Umas, alinhadas com as que caracterizam os

¹ Em Portugal o Programa Conciliar do Grupo EDP é um exemplo.

jovens de outros países, nomeadamente o adiamento da transição para a vida adulta. Também a vontade de viver a vida ou construir uma carreira profissional e, mais tarde, assentar (Lewis, 1999), constituindo família e, provavelmente, tendo filhos. Mas outras tendências parecem ainda distinguir os jovens adultos portugueses, muito mais pressionados para assumirem as suas responsabilidades profissionais e conquistarem a independência económica, do que os seus congéneres de outros países da União Europeia. Porém, é possível que as disposições aqui detetadas e que mereciam ser aprofundadas, em estudos subsequentes, sejam função da área formativa dos entrevistados. Assim, futuras investigações neste domínio beneficiariam se 1) alargassem a amostra, por forma a obter mais informação; 2) incluíssem na amostra jovens de classe média, mas de diversas áreas formativas e 3) assegurassem uma representação equitativa de ambos os géneros, a fim de possibilitarem análises comparativas.

6. Referências Bibliográficas

Almeida, L., Freire, T. 2007. *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios edições.

Andrade, C. 2010. Transição para a Idade Adulta: das Condições Sociais às Implicações Psicológicas. *Análise Psicológica*, XXVIII(2): 255-267.

Arnett, J. J., Tanner, J. L. 2006. *Emerging Adults in America: Coming of the Age in the 21st Century*. American Psychological Association.

Babbie, E. 2001. *The Practice of Social Research*. Belmont: Wadsworth Thomson Learning.

Bader, G. E., Rossi, C. A. 2002. *Focus Groups: A Step-By-Step Guide*. The Bader Group.

Beauregard, T. A., Henry, L. C. 2009. Making the link between work-life balance practices and organizational performance. *Human Resource Management Review*, 19: 9-22.

Beder, S. 2000. *Selling the Work Ethic: From Puritan Pulpit to Corporate PR*. London: Zed Books.

Bell, J. 2005. *Doing Your Research Project: A Guide for First-Time Researchers in Education, Health and Social Science*. Open University Press.

Biernacki, P., Waldorf, D. 1981. Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. *Sociological Methods & Research*, 10(2): 141-163.

Biggart, A., Walther, A. 2006. *Coping with Yo-Yo-Transitions. Young Adults' Struggle for Support, Between Family and State in Comparative Perspective*. Farnham: Ashgate.

- Bourdeau, M., 2014. "Auguste Comte", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2015 Edition)*. Edward N. Zalta.
- Brannen, J., Moss, P. 1998. The polarization and intensification of parental employment in Britain: consequences for children, families and the community; Community, *Work and Family*, 1: 229-247.
- Brannen, J., Nilsen, A. 2002. Young people's perspectives on the future. *Young Europeans, Work and Family*: 48-68. London: Routledge.
- Cavalli, A. 1997. *The Delayed Entry into Adulthood: Is it Good or Bad for Society?* Actas do Congresso Internacional Actas do Congresso Internacional Growing up Between Center and Periphery. Instituto de Ciências Sociais.
- Cohen, L., Manion, L., Morrison, K. 2007. *Research Methods in Education*. London: Routledge.
- Comité de Redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*
- Cooper, C., Lewis, S. 1995. *Beyond Family-Friendly Organisations*. Working Paper No. 2. London: Demos.
- Creswell, J. W. 2007. *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches*. CA, US: SAGE.
- Cunha, V., Atalaia, S., Wall, K., 2016. *Homens e Licenças Parentais: Quadro Legal, Atitudes e Práticas*. Policy Brief II. CITE Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Deven, F., Inglis, S., Moss, P., Petrie, P. 1998. *State of the Art Review on the Reconciliation of Work and Family Life for Men and Women and the Quality of Care Services*. Her Majesty's Stationery Office.

Devine, F. 2004. *Class Practices: How Parents Help Their Children Get Good Jobs*. Cambridge. Cambridge University Press.

Direção de Planeamento e Estudos. 2008. *Sobre as PME em Portugal*. IAPMEI.

Elejabeitia, C. 1997. *El desafio de la modernidade*. Actas do Congresso Internacional Growing up Between Center and Periphery. Instituto de Ciências Sociais.

Estanque, E. 2004. Class and Social Inequalities in Portugal: From Class Structure to Working-Class Practices on the Shop Floor. In F. Devine, M. Watters (2004), *Social Inequalities in Comparative Perspective*. Oxford, UK/ Malden, USA: Blackwell.

Eurostat Statistics Explained. 2017. Europe 2020 indicators - poverty and social exclusion. **ec.europa.eu** <http://bit.ly/21B4Aod>.

Evans, J. 2001. "Firms' Contribution to the Reconciliation between Work and Family Life", *OECD Labour Market and Social Policy Occasional Papers*, No. 48, OECD Publishing, Paris.

Fevre, R. 2003. *The New Sociology of Economic Behaviour*. CA, US: SAGE.

Guerreiro, M. D., Abrantes, P. 2007. *Transições Incertas. Os Jovens perante o Trabalho e a Família*. Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego; Editorial do Ministério da Educação.

Guillaume, C., Pochic, S. 2009. What Would You Sacrifice? Access to Top Management and the Work-life Balance. *Gender, Work and Organization*, 16(1): 14-36.

Hochschild, A. R. 1989. *The Second Shift: Working Parents and the Revolution in the Home*. New York: Viking Penguin.

Hochschild, A. R. 1997. *The Time Bind: When Work Becomes Home and Home Becomes Work*. New York: Metropolitan Books.

- Hochschild, A. R., Ehrenreich, B. 2003. *Global Woman: Nannies, Maids and Sex Workers in the New Economy*. New York: Holt.
- Hochschild, A. R. 2012. *The Outsourced Self: Intimate Life in Market Times*. New York: Metropolitan Books.
- Kerlinger, F.N. 1973. *Foundation of Behavioural Research*. New York: Holt.
- Kugelberg, C. 1998. Imagens culturais dos jovens suecos acerca do início da vida adulta. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 27: 41-57. Lisboa: CIES-ISCTE/Celta Editora.
- Leccardi, C. 2005. Facing Uncertainty – Temporality and biographies in the new century. *Young*, 13: 123-146
- Leccardi, C., Ruspini, E. 2006. *A New Youth?: Young People, Generations and Family Life*. Farnham: Ashgate: 41-62.
- Lewis, S., Smitshon, J., Brannen, J., Guerreiro, M. D., Kugelberg, C., Nilsen, A., e O'Conner, P. 1999. *Futures on Hold: Young Europeans Talk about Combining Work and Family*. London: IOD Group
- Lewis, S., Smithson, J., Guerreiro, M. D. 2002. Into Parenthood: Young People's Sense of Entitlement to Support for the Reconciliation of Employment and Family life. *Young Europeans, Work and Family*: 140-161. Routledge.
- O'Connor, P., Smithson, J., Guerreiro, M. D. 2002. Young people's awareness of gendered realities; *Young Europeans, Work and Family*: 89-115. Routledge.
- Mauritti, R. 2002. Padrões de vida dos estudantes universitários nos processos de transição para a vida adulta. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 39: 86-116. Lisboa: CIES-ISCTE / Celta Editora.
- Mescher, S., Benschop, Y., Doorewaard, H. 2009. Representations of work–life balance support. *Human Relations*, 63: 21-39.

Mulheres e Homens: Trabalho, emprego e vida familiar. CITE Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego. *cite.gov.pt*. <http://bit.ly/2FoWEQF> março 2018.

Near, J. P., Rice, R. W. e Hunt, R. G. 1980. The relationship between work and non-work domains: A review of empirical research. *Academy of Management Review*, 5: 415-429.

Nilsen, A., Guerreiro M. D., Brannen J. 2002. "Most Choices Involve Money": Different Pathways to Adulthood. *Young Europeans, Work and Family*: 162-184. London: Routledge.

Nunes, J. S. 1998. Perfis Sociais Juvenis. *Jovens Portugueses de Hoje*: 1-51. Lisboa: Celta Editora.

Parsons, T. Smelser, N.J. 1956. *Economy and Society: A Study in the Integration of Economic and Social Theory*. Free Press.

Patton, M. Q. 1980. *Qualitative Evaluation Methods*. CA, US: SAGE.

Poirier, J., Raybaut, P., Clapier-Valladon, S. 1983. *Histórias de Vida: Teoria e Prática*. Lisboa: Celta Editora.

Seidman, I. 2006. *Interviewing as Qualitative Research: A Guide for Researchers in Education and the Social Sciences*. New York: Teachers College Press.

Silva, A. S., Pinto, J. M. 1986. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

Tovella, E. C., Masslot, A. 2009. *Reconciling Work and Family Life in EU Law and Policy*. Houndmills: Palgrave Macmillan.

Wepfer, A. G., Brauchli, R., Jenny, G. J., Hämmig, O., Bauer, G. F. 2015. The experience of work-life balance across family-life stages in Switzerland: a cross-sectional questionnaire-based study. *BMC Public Health*. 15: 1290.

Anexo A – Declarações de Confidencialidade dos Entrevistados

Consentimento Informado

Eu, Diogo Luís Marques Batista de Carvalho, portador do cartão de cidadão nº 13857029 declaro que todos os dados recolhidos nesta entrevista serão exclusivamente utilizados por mim e para fins académicos e científicos, no âmbito do meu Trabalho Final de Mestrado, subordinado ao tema “(Re)Conciliação entre trabalho e vida pessoal e familiar”, e que se insere no Mestrado em Gestão da Universidade Católica Portuguesa que frequento, sob orientação da Professora Doutora Isabel Guimarães e da Doutora Sandra Coelho.

Esta entrevista será transcrita para posterior análise e constará num anexo a este trabalho. Salvaguarda-se que todas as informações passíveis de identificar o entrevistado, como o nome próprio, serão alteradas, a fim de garantir o seu total anonimato e a confidencialidade dos dados fornecidos.

Assinatura _____

Data ___/___/___

Anexo B – Guião das Entrevistas Realizadas

Introdução ao entrevistado:

Esta entrevista enquadra-se num estudo académico subordinado ao tema “(Re)Conciliação entre trabalho e vida pessoal – diferentes escolhas no processo de transição para vida adulta” que será o meu Trabalho Final do Mestrado em Gestão na Universidade Católica Portuguesa.

A entrevista que concederá é voluntária e poderá interrompê-la quando o entender, se assim o desejar. Ademais será gravada para posterior análise no âmbito deste estudo. O anonimato e a confidencialidade da informação estão assegurados. A informação não será utilizada a não ser com fins científicos e todos os dados passíveis de o/a identificar serão alterados. Formalmente assumo o compromisso que acabo de efetuar com este documento (mostrar o documento “Consentimento Informado”).

Esta entrevista tem um carácter autobiográfico. Por isso, não lhe irei fazer perguntas diretas. Terá toda a liberdade para falar sobre os temas, interromperei o mínimo indispensável. Poderei, eventualmente, pedir mais informação sobre um ou outro aspeto que, sendo relevante, não tenha sido abordado com a profundidade necessária. Para a concretização do meu trabalho, preciso que me fale de si, do seu contexto familiar, do seu percurso académico e, finalmente, da sua opção face ao trabalho. Quero dizer, quando terminou o seu curso superior o que decidiu? O que fez de seguida? Que opções eram as suas? O que faz atualmente? O que faz agora corresponde às suas expectativas iniciais? O que gostaria mesmo de ter feito? Por que motivo ou motivos não fez o que gostaria? Como gasta o seu tempo livre? Quais são os seus projetos profissionais e pessoais para os tempos mais próximos? Como é que a sua família, nomeadamente os seus pais, têm acompanhado as suas

decisões? Conhece muitos colegas que tenham efetuado escolhas idênticas às suas? Estas são algumas das questões que gostaria que esclarecesse nesta entrevista.

A finalidade é perceber como está a ser o seu processo de transição para a vida adulta e como concilia a sua atividade principal, seja ela remunerada ou não, com a sua vida pessoal e familiar. Ademais, tentarei perceber quais os motivos que serviram de base às opções e escolhas que fez no passado recente e que ideias e planos tem para o curto-prazo. Sugiro que comece a contar a história da sua vida desde o momento em que entrou no ensino superior, falando de uma forma tão pormenorizada quanto possível, do percurso que está a trilhar nesta fase de transição para a vida adulta. Poderá recuar no tempo se necessitar de recorrer a factos passados que considere ilustrativos de dados relevantes para o estudo.

Poderá começar por falar um pouco da sua família e da influência e importância que têm na sua vida e nas suas decisões. De seguida, sugiro que aborde o seu percurso académico e explicita as escolhas que foi fazendo ao longo desse percurso, desde as diretamente relacionadas com a formação às pessoais, incluindo a vivência académica. Poderá também falar sobre a forma como esse percurso moldou a sua personalidade. De seguida, passaremos às opções tomadas após o término do seu ciclo de estudos e no que elas tornaram a sua vida até aos dias de hoje. Neste ponto será importante que também equacione a sua independência económica e os seus rendimentos e autoavale estas dimensões. Depois sugiro que aborde os seus hobbies contando-me como ocupa os seus tempos livres, quanto tempo tem ou despende com eles e se acha, ou não, essa quantidade de tempo adequada. Por fim, gostaria que me falasse dos seus projetos futuros tanto a nível pessoal como profissional.

Importa-se que grave a nossa conversa? Recordo-lhe que garanto o anonimato. A entrevista será depois transcrita e posteriormente analisada. Poderei enviar-lhe a transcrição, caso o deseje. Sinta-se à vontade para colocar alguma questão prévia que considere pertinente (dar alguns segundos). Podemos começar?

Características Sociodemográficas:

Gênero: _____

Idade: _____

Atividade Principal: _____

Família:

- Com quem vive.
- Nível de escolaridade dos pais.
- Situação profissional dos pais.
- Relação com o agregado familiar.
- Influência dos pais na vida e decisões tomadas.
- Se tem irmãos e que influência tiveram na sua vida e nas decisões tomadas.

Percurso acadêmico:

- Curso.
- Instituição de ensino.
- Que avaliação faz da formação recebida.
- Caracterizar a vivência acadêmica.
- Descrever as prioridades nesse período.
- Momentos mais marcantes desse percurso.

<p>Percurso profissional:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> O que fez e o que faz agora. <input type="checkbox"/> Quantos empregos teve. <input type="checkbox"/> Razões que o levaram a começar a trabalhar e de que modo obteve esse trabalho. <input type="checkbox"/> Com que idade integrou o mercado de trabalho. <input type="checkbox"/> Como encara o trabalho/profissão. <input type="checkbox"/> Perceber se existe uma visão de curto ou de longo-prazo relativamente ao trabalho atual. <input type="checkbox"/> Ver se conhece outras pessoas nesta situação e que influência tiveram no seu percurso de vida. <input type="checkbox"/> Percecionar se se sente realizado, até ao momento, com o percurso trilhado. 	<p>Percurso lúdico:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> O que fez quando terminou a licenciatura. <input type="checkbox"/> Quais as principais decisões que teve de tomar quando terminou a licenciatura. <input type="checkbox"/> Como reagiu a família. <input type="checkbox"/> Ver se conhece outras pessoas nesta situação e que influência tiveram no seu percurso de vida. <input type="checkbox"/> Quando pensa ingressar no mercado de trabalho. <input type="checkbox"/> Percecionar se se sente realizado, até ao momento, com o percurso trilhado.
--	---

Vida pessoal:

- Enumerar os principais hobbies.
- Como usa o tempo livre.
- Disponibilidade temporal para os hobbies.
- Percecionar se o entrevistado considera esse tempo suficiente.
- Articulação entre a vida profissional e pessoal.

- Perceber como entende que vai ser essa articulação no futuro.

Rendimentos:

- Qual a principal fonte de rendimento.
- Como assegura a sobrevivência.
- Condições de emprego.
- Como gasta o dinheiro.
- Perceber se a situação financeira atual é satisfatória.
- Expectativas de progressão/rendimento e em que se baseiam.
- Que bens materiais ambiciona ter e quais os que dispensa.

Projetos futuros:

- Prioridades de curto prazo a nível pessoal.
- Prioridades de curto prazo a nível profissional.
- Preocupações futuras nestas duas dimensões.
- Perceber como pensa articular a vida profissional e pessoal no futuro.
- Pedir uma breve descrição sobre como imagina a sua vida a longo prazo (aos 40/50 anos).

Anexo C – Transcrição das Entrevistas

Realizadas

No presente anexo detalham-se toda a informação relevante (entrevista e dados pessoais) dos diferentes sujeitos.

C.1. António

C.1.1. Dados Referentes ao Sujeito António

- Género: masculino
- Idade: 26 anos
- Atividade Principal: gestor logístico

C.1.2. Entrevista

A entrevista transcrita foi realizada em janeiro de 2015.

ANTÓNIO – Boa tarde, eu sou o António. Tenho 26 anos. Neste momento trabalho como gestor logístico numa empresa do ramo da metalomecânica. Err... aquilo que eu faço dentro dessa empresa é... basicamente tratar de tudo um pouco, a nível de compras, planeamento de produção, expedição err... também enviar orçamentos aos clientes assim como lidar muito com os fornecedores a nível de aprovisionamento de matérias-primas err... e outras ferramentas também necessárias para a... para a atividade profissional. Err... acabei o curso há cerca de dois anos atrás por esta altura. Licenciiei-me em gestão na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e tirei mestrado na mesma faculdade. Durante esse período, começou já em 2006, estive tanto muito interessado no curso como pouco

motivado para acabar o curso. O primeiro ano correu bastante bem, no segundo ano perdi-me um bocadinho nos estudos porque me interessou mais uma oportunidade de negócio que me surgiu que foi err... iniciei uma atividade profissional, primeiro a nível de serviços de polimento a carros e depois inclinei-me mais para a vertente de comércio de produtos mais a nível online do que a nível físico, ou seja, err... abri uma loja online em vez de física devido à falta de tempo porque queria conciliar um bocado, tanto o trabalho como a parte académica. Entretanto isto foi correndo, passado cerca de... sei lá... um ano, um ano e pouco err... tive também como hobby andar em fóruns de informática, um dos quais acabou por me despertar um bocado o interesse e acabei por também começar a ter uma boa relação com um dos moderadores desse fórum e, entretanto, com algumas reuniões que tive com ele dentro da empresa em que ele trabalhava, acabei também por vir a ser... por ser-me oferecido um trabalho nessa empresa que era em Aveiro, e comecei lá a trabalhar a meio tempo também para ir conciliando uma coisa e outra. Entretanto também esse meio tempo acabou por ser um bocado tempo inteiro, porque para além do trabalho perdia muito tempo nas viagens err... e tratei também de várias funções. Fui responsável por... gestor de produto, que era uma área interessante, mas para a qual acabei por revelar ter poucos conhecimentos técnicos, uma vez que a minha formação não era informática, a informática acabava por ser um hobby. E acabei por depois ser mudado de função para uma área que eu tivesse mais interesse que era a parte da gestão de um site. Err... executei esse trabalho ainda durante alguns meses err..., entretanto fui convidado para supervisor do *call center* de apoio ao cliente err... isto porque esse *call center* tinha algumas falhas graves a nível de gestão e, entretanto, pronto... acabei por lá estar e modernizar um bocado a forma de atendimento e a forma de como tratar as pessoas e nesse caso, como tratar dos pedidos de intervenção técnica, etc... (silêncio)

ENTREVISTADOR – Falou de uma loja... parece-me um projeto muito interessante. O que o levou a iniciar esse projeto?

ANTÓNIO – Nada de especial, a oportunidade surgiu... as disciplinas teóricas do curso acabavam por me maçar muito, com muitas aulas teóricas e eu acabei por me desligar um bocadinho dessa parte e dedicar-me mais a algo que era ganhar dinheiro, não que fosse, no meu caso, uma necessidade, mas porque sempre gostei mais da parte dinâmica da vida, portanto, não apenas estar a estudar, não apenas estar a ouvir aulas, como também começar a... não só, portanto, ouvir só a parte teórica. É fazermos também a aplicação por nós próprios da parte prática do curso que estávamos a tirar. Err... o que de facto também me veio a ajudar um bocado ao longo dos anos... na realidade este foi o meu primeiro emprego propriamente dito, embora nesses primeiros anos a minha atenção tenha estado dividida entre a loja, o curso e os restantes empregos porque passei... a loja chega-me a tirar fins-de-semana inteiros... ou se quiser mesmo os fins-de-semana, faço noitadas durante a semana...

ENTREVISTADOR – Parece-me que ainda tem esse negócio... Quão fundamental é o rendimento que tira da loja?

ANTÓNIO – Ainda tenho esse negócio, sim. Esse rendimento é importante, portanto, complementa o ordenado que neste momento tenho neste momento como gestor logístico, no entanto não precisava desse rendimento para sobreviver, nem na altura em que criei a loja nem agora. Agora... é uma salvaguarda também porque é um dinheiro que não é fixo, ao contrário de um vencimento err... dado por outrem, mas em contrapartida de facto ajuda a que o cheque ao final do mês, digamos assim, seja mais gordo. Err... os meus pais como sempre tiveram bons empregos nunca tiveram falta de dinheiro, porque obviamente nesta altura há pessoas que têm essa... essas dificuldades. Eu nunca tive essa dificuldade, mas também me senti nessa obrigação também... deixa-me ganhar dinheiro por mim próprio e não viver sempre à custa dos pais porque isso não está na minha maneira de estar, na minha maneira de ser... ainda vivo com eles por uma questão de salvaguarda... porque nesta altura

o mercado de trabalho não está propriamente simpático... nem o mercado das casas... e acabo por preferir poupar um bocado de dinheiro porque nunca se sabe o dia de amanhã...

ENTREVISTADOR – Fale-me um pouco mais da sua relação com os seus pais... Em que medida é que eles o influenciaram ou influenciam ainda, se for o caso, as suas decisões?

ANTÓNIO – Err... os meus pais na altura em que eu comecei com a loja não me apoiaram propriamente, err... aliás nem poderiam (risos)... porque eu também não lhes disse que ia abrir a loja. Abri a loja e acabou-se a história. Entretanto eles não ficaram muito satisfeitos com a brincadeira, mas em todo o caso apoiaram depois de... de eu já ter tomado a decisão...

ENTREVISTADOR – Localize-me só cronologicamente, por favor... esse projeto começou em que altura da sua vida?

ANTÓNIO – Ok, é capaz de ter ficado um pouco confuso... vamos por partes... Eu comecei o curso como disse em 2006, entretanto no verão de 2007 abri a loja, passado cerca de um ano, ano e meio, em março de 2009 entrei então depois na empresa de informática. Saí passados cerca de dois anos, em julho de 2011 err... dessa empresa onde estive. Aproveitei esse período para tirar um bocadinho de férias e recuperar forças para acabar o curso. Porque também ter um mestrado, é diferente de ter um mestrado inacabado, que não se pode chamar mestrado. Err... portanto aproveitei para, de facto, durante esses dois anos, até ao início de 2013, acabar os estudos embora continuasse sempre a trabalhar, tanto na loja, nos moldes em que já fazia antes, como depois na empresa de metalomecânica que comecei em 2012, em setembro também para agarrar uma oportunidade que surgiu... nesta altura já me faltava pouco para acabar porque o ano anterior só tinha a minha loja

e a faculdade... e isto de facto é aquilo que eu tenho feito até então, sendo que desde que acabei o mestrado é só os empregos... Ah... isto porque eu fiz tudo de seguida, como era tudo em gestão ainda não tinha acabado a licenciatura e já estava a fazer disciplinas do mestrado, na prática acabei-os com pouco tempo de diferença...
(pausa)

ENTREVISTADOR – Como é que encara o seu trabalho? Fale-me também um pouco das suas condições laborais...

ANTÓNIO – Err... neste momento já estou no quadro da empresa. Portanto, entretanto consegui entrar nos quadros. Em termos daquilo que me vejo a fazer, vejo-me a fazer isto durante alguns anos, porque dos trabalhos que tive foi o que eu mais gostei. Para além da loja, que é uma questão diferente porque é meu, foi algo que eu consegui desde muito novo err... conseguindo ir sempre aumentando o valor da loja e portanto... neste momento tenho uma loja simpática... já com bastantes produtos e no início comecei com uma encomenda relativamente pequena. Na empresa onde estou a tempo inteiro gosto, pronto... gosto de todo o meu trabalho. Porque é todo ele muito dinâmico, nunca estou muito parado, estou sempre a pensar em qualquer coisa. Acabo por preferir trabalhos mais stressantes, com mais coisas a fazer do que propriamente um trabalho em que é só estar parado, às vezes sem fazer nada. Pronto, isso de facto isso põe-me muito nervoso e acaba por não ser uma opção de vida para mim.

ENTREVISTADOR – Relativamente a essa questão da sua loja que é de facto muito interessante, em que medida foi influenciado por outras pessoas, de onde veio a veia empreendedora que o levou a iniciar esse projeto? Conhece alguém nessas circunstâncias?

ANTÓNIO – Penso que essa veia empreendedora já nasceu comigo, err... desde muito muito novo que tenho sempre esta mania de querer fazer dinheiro. Obviamente que nunca, nunca até à altura em que, de facto, abri a loja que eu ganhei dinheiro a sério... com outros projetos... mas tem vindo sempre comigo e daí eu também ter escolhido um bocado a gestão como carreira a prosseguir. Err... mas a loja, de facto não foi por ser influenciado, quer dizer, tinha um amigo que gostava muito da parte de produtos para carros e entretanto comecei a ter contacto com este mundo, comecei a gostar dos produtos, comecei também a tentar ver alguns contactos que eu pudesse ter com algumas empresas err... comecei a vender para os amigos e entretanto, de facto as coisas começaram a correr bem, com algumas cedências de parte a parte, especialmente do meu tempo livre que é quase nulo. Acabo também por ter poucos hobbies, portanto, passatempos ou colecionismos. Faço uma coleção de filmes, que é aquilo que se calhar é o meu maior hobby. Err... eventualmente vou ao cinema com um ou outro amigo, mas o meu tempo é de facto bastante... pouco em comparação com outras pessoas, porque ter dois empregos acaba por ser muito complicado e muitas vezes deixo de fazer aquilo que eu quero para de facto estar a trabalhar, mas acaba por ser algo que eu gosto. O tempo que eu invisto por outra forma err... na loja acaba por ser algo que para mim é importante porque o trabalho na loja, desde que a loja venda, nunca há falta de trabalho. Há sempre coisas para arrumar, há sempre coisas para fazer, há sempre coisas para mudar de sítio, mesmo a loja online tem que ser atualizada e acaba por ser muito trabalho e normalmente temos de fazer assim algumas cedências, ou seja, não podendo ser da parte profissional, não estou a falar da parte do emprego logístico, da parte de gestão logística porque eu aí não posso. Não tenho outras opções, tenho de fazer o meu trabalho dentro desse período, mas a nível da minha loja acaba por ser um bocado onde eu tiro tempo para o lazer e donde eu tiro tempo do lazer para a loja. Portanto, muito do meu tempo é investido na loja mas, de facto gosto, e durante estes últimos anos tenho vindo a ver a loja crescer a olhos vistos e de facto, é muito importante para mim saber que isto foi feito com o meu suor. Não

quer dizer que não tenha sido feito com a ajuda dos meus pais que sempre me ajudaram e deram a liberdade de lhes pedir dinheiro emprestado para investir na loja numa fase mais adiantada, mas penso que esta loja é do meu suor, portanto, nunca quis pedir aos meus pais muito dinheiro para investir, nem que depois lhes desse o dinheiro de volta. Achei sempre que devia ser com o meu dinheiro e ver até onde é que a loja crescia e até onde é que cresce err... e de facto neste momento vejo muitos produtos, o meu armazém muito repleto e de facto vejo que o trabalho dá, dá resultados...

ENTREVISTADOR – Tem essa ambição de ganhar dinheiro, ao mesmo tempo que me diz que tem muito pouco tempo para o despende, não é? Tem dois empregos, parte do seu lazer passa por um projeto que, como referiu, é o seu segundo emprego. Que uso faz dos seus rendimentos?

ANTÓNIO – Sim. Portanto, de facto acabo por gastar dinheiro em poucas coisas. Para já sempre fui uma pessoa poupada, às vezes demasiado poupada, mas em todo o caso gosto de gastar dinheiro naquilo que me é importante, seja em comprar alguns filmes como disse há pouco, seja em ir ao cinema ou estar com os amigos acabo por também querer, como é que hei-de dizer... Portanto é uma questão sempre complicada porque de facto estou a poupar muito dinheiro por ainda estar a viver com os meus pais, mas também gosto de gastar dinheiro porque o dinheiro serve para ser gasto. Portanto, embora goste também de o ganhar, acho que de facto tem de ser assim um pau de dois bicos. Acho que não podemos só ganhar sem o gastar, temos também de fazer essa gestão dentro daquilo que é a nossa prioridade, dentro daquilo que nós queremos fazer, porque o meu dinheiro, a minha conta acaba por também ser a conta da loja. Não faço distinção de contas, portanto o dinheiro que eu ganho é tanto para voltar a investir em produtos como é dinheiro para gastar a nível pessoal. Isso acaba por ser sempre muito complicado de gerir...

ENTREVISTADOR – Poderei considerar que o maior bem material que ambiciona é aumentar o valor da sua loja? Ter a loja cada vez maior, cada vez mais valorizada e, portanto, ser aí que gasta o seu rendimento e ser a sua maior aquisição material?

ANTÓNIO – Eu acho que é assim, acho que qualquer empresa pretende o lucro. Qualquer empresa pretende ser grande, ser cada vez maior. Na minha loja não é diferente de facto. Obviamente que a minha ambição é que seja cada vez maior e cada vez um maior mercado a nível nacional e quem sabe depois a nível internacional. Eu de facto acho que como ambição será essa. Tanto mais porque como tenho dois empregos, a minha vida acaba por ser muito complicada e não tenho tempo sequer para olhar para o futuro, embora tenha gostado muito da parte de estratégia no curso que tirei, portanto, decisões de longo prazo e decisões que temos de tomar a curto prazo para se chegar a esse longo prazo, o que é certo é que na minha vida, com tanto trabalho que eu tenho, acabo por nem sempre observar a minha vida a longo prazo. Acaba por ser esse o meu grande objetivo material sim, ver a loja sempre a aumentar, sempre com bons produtos e de facto, manter a confiança dos meus clientes...

ENTREVISTADOR – Sente-se realizado até ao momento?

ANTÓNIO – Felizmente sim. Felizmente até ao dia de hoje tenho sempre sentido esse sentimento. Tenho gostado daquilo que faço e tenho vindo a fazer aquilo que eu gosto...

ENTREVISTADOR – Julgo que já teremos informação suficiente a nível profissional. Quais é que considera serem as suas principais prioridades futuras a nível pessoal?

ANTÓNIO – Assim no curto prazo não tenho assim uma grande ambição, a nível de mais longo prazo, obviamente constituir família, arranjar tempo para isso porque, obviamente constituir família é sempre algo que ocupa muito tempo. Algo de muito bom, mas que ocupa muito tempo e se para quem tem um trabalho já é muito complicado então para quem tem dois trabalhos é algo, que não é irrealista, mas de facto é muito complicado de a curto prazo começar a conceber essas... essas ideias. Obviamente que é assim, quando a loja começar a aumentar bastante poderei também contratar alguém para tomar conta da loja e aí sim começar então a pensar em ter família.

ENTREVISTADOR – Está-me a dizer que está à espera que a loja cresça o suficiente para poder ter um funcionário, mantendo o seu emprego com gestor logístico, e aí ter o tempo necessário para constituir família?

ANTÓNIO – Sim, sim. Parece-me que esse será o panorama realista a seguir, porque de facto embora a loja seja muito boa e para mim seja um projeto de empreendedorismo bastante bom, de facto o que acontece é que eu acabo por perder um bocado a visão estratégica porque ando sempre preocupado com os... com os problemas operacionais que me aparecem todos os dias e de facto se eu tiver alguém a tomar conta da loja, então posso dedicar-me mais a decisões de longo prazo e, portanto, aí também pensar em alargar a família.

ENTREVISTADOR – Em quantos anos julga que isso será possível?

ANTÓNIO – Esperemos que seja breve, porque também acho que a partir dos 30 e muitos, 40 anos, também já é complicado começar a pensar em ter filhos. Err... penso também na situação económica que nós passamos neste momento, mas espero que dentro dos próximos 5 a 10 anos consiga de facto atingir esse objetivo...

ENTREVISTADOR – Como imagina a sua vida aos 40, 50 anos? Pensa então que nesta idade terá os seus filhos pequenos e estará com a sua vida estável? Organizou a sua vida profissional, os seus rendimentos, e mais perto dos 40 anos imaginar-se-á mais folgado em termos profissionais ao pé da sua família?

ANTÓNIO – Sim, embora não é uma visão que nenhum de nós gostasse de ter. Tão tarde na nossa vida constituir família, mas em todo o caso acho que é muito mais vantajoso para qualquer um de nós ter primeiro uma boa situação económica e só depois pensar nisso...

ENTREVISTADOR – Parece-me que nos terá escapado apenas alguma informação familiar. Indique-me por favor a situação profissional dos seus pais e se tem irmãos. Já sei que os seus pais são licenciados para preencher os requisitos de amostragem deste estudo...

ANTÓNIO – Sim... Err... os meus pais são licenciados como disse, a minha mãe é da área das letras e é professora numa escola secundária. O meu pai é engenheiro mecânico e está reformado de um alto cargo de administração de uma empresa privada que prefiro não revelar nesta entrevista.

ENTREVISTADOR – António, julgo que terei recolhido toda a informação necessária. Não sei se há mais algum ponto que gostasse de referir, que considere útil ao nosso estudo...

ANTÓNIO – Acho que não...

ENTREVISTADOR – Ok, então resta-me agradecer-lhe a colaboração.

Foi realizada, posteriormente, uma segunda entrevista telefónica, com a duração de cerca de dois minutos, a fim de recolher mais alguns detalhes relativos aos hobbies de António. Nesse telefonema, o entrevistado mencionou que a sua coleção conta com cerca de 2500 filmes, sendo que a sua preferência recai sobre filmes de ação e de ficção científica. Acabou também por se referir à sua loja como o seu maior hobby uma vez que, de acordo com as suas palavras, ainda que tenha as características de um segundo trabalho, o executa por opção e com muito gosto.

C.2. Artur

C.2.1. Dados Referentes ao Sujeito Artur

- Género: masculino
- Idade: 23 anos
- Atividade Principal: estudante de mestrado

C.2.2. Entrevista

A entrevista transcrita foi realizada em janeiro de 2015.

ARTUR – Sou o Artur, tenho 23 anos err... e licenciiei-me em economia em Coimbra. Eu na altura do secundário, quando ‘tava a ponderar o curso que queria, estava no agrupamento de economia, e como não sabia o que queria em concreto vim para uma área mais abrangente, para o curso de economia. Os meus pais como são os dois licenciados em economia também me apoiaram e para eles foi uma opção mais segura. É um curso que dá uma abrangência quando... depois quando se vai para o mercado de trabalho. Entrei no curso de economia, err... não foi um curso que me fascinou desde o início, mas tentei fazer outras atividades para... que gostava mais. No segundo ano decidi integrar a organização de uma festa académica, a qual acho que foi uma experiência enriquecedora, mas que não gostei. Daí ter-me retirado e não ter continuado nesse associativismo, porque é... ao invés de ser um evento do género de um festival de música ou algo do género, tem uma vertente política por trás com a qual não me identifico. Err... após... de referir que no primeiro ano me diverti muito, saí muito à noite, integrei as praxes que me ajudou muito a integrar e a conhecer pessoas novas, mas não me identifiquei porque acho que prejudiquei os meus estudos. Não foi um ano perdido, mas foi um ano que podia ter sido mais rentável. Daí mudei... mudei o rumo e decidi começar a

fazer outras coisas. Fiz um curso de Comunicação Estratégica err... extracurricular... porque era uma área que me suscitava interesse. Podia ser uma das áreas que eu poderia seguir depois para mestrado, porque logo desde o primeiro, segundo ano, não gostei, não era um curso que eu desgostasse, mas não era o que eu mais gostava, mas também para ter aquela opção segura. Fiz o curso, gostei. Nesse ano, o final do segundo, estávamos em 2011, fui de *Erasmus* em julho logo começar o terceiro. Inscrevi-me, quis ir sozinho, err... não queria ir com pessoas, queria algo mais desafiante e optei pela América do Sul. Porquê? Porque ia para uma faculdade boa, já tinha estado duas vezes nesse... no Brasil, e tinha lá família. É um país com o qual me identifico e onde havia várias cadeiras opcionais de marketing nas faculdades... e o marketing era uma área que eu gostava e sobre a qual via programas na televisão e pesquisava coisas na net. Inscrevi-me, sozinho, não queria ir com ninguém conhecido, queria algo desafiante p'ra não me 'tar a prender com pessoas e conhecer pessoas novas. Isso foi sempre uma coisa que eu gostei de fazer, gosto de conhecer pessoas diferentes, pessoas novas porque acho que é assim que aprendo e vejo outras maneiras de ver o mundo, e fui. Entretanto a minha primeira opção era o Rio de Janeiro, não consegui, e fui para Santa Catarina no sul do Brasil. Comecei logo as aulas em agosto sem ter férias porque o segundo semestre deles começa logo a seguir ao nosso acabar. Por coincidência foram dois... duas pessoas conhecidas comigo e acabámos por ir juntos. Não era o meu objetivo. A minha mãe apoiou, claro que ficou um pouco reticente e preocupada que era... sou o filho mais velho, tenho um irmão três anos mais novo, e era a primeira vez que saía de casa, mas apoiou-me a 100%. Relativamente ao meu pai, por causa de algumas divergências, eu 'tive alguns anos sem falar com ele e ele na altura não 'teve presente nessa opção. Fui para o Brasil, correu muito bem, cumpri os meus objetivos, porque eu nisso aí foco-me, e quando... tenho sempre a noção que os meus pais 'tão a investir, neste caso que a minha mãe 'tava a investir em mim e... e fiz tudo o que me tinha comprometido. Aproveitei para me divertir e sobretudo para viajar. Viajei pela América do Sul sozinho, no final, um mês de mochila às costas em que conheci

peessoas super diferentes, dos 18 aos 50, 60 anos. Passei por vários países, Bolívia, Chile, Perú. Um contacto com realidades completamente diferentes e foi muito, muito bom. Depois voltei em Fevereiro o ano seguinte, err... de 2012... vim para cá e... e terminei o curso em Junho de 2013. Ah... pelo meio ainda 'tive dois meses em Londres no verão de 2012 a fazer um curso de inglês que é uma língua importante e onde eu sentia dificuldades. Voltando a 2013, nesse verão depois decidi fazer um estágio para ver se queria ir mesmo para mestrado ou se iria parar um ano para trabalhar. Fiz o estágio de verão nos escritórios de uma empresa de construção civil. Err... estive no departamento de contabilidade e achei que não tinha as bases necessárias para entrar no mercado de trabalho e os rendimentos que iria auferir com uma licenciatura... portanto... isto tendo por base a proposta que me apresentaram depois, não seriam os melhores, e optei por desistir... terminei o estágio de verão e não quis ficar na empresa, inscrevi-me no mestrado. No mestrado fui para Lisboa. Fui apoiado pela minha mãe, porque ela concordava que era bom eu também mudar de instituição de ensino... de instituição de ensino da licenciatura para o mestrado e integrei o Mestrado em Marketing no ISEG. Foi a minha primeira e única opção. Fui para Lisboa, fui viver sozinho novamente e... e gostei muito. Aqui já foi diferente da economia, identifiquei-me a 100%, foi... foi um mestrado em que as aulas tinham uma componente mais prática que era o que eu procurava para depois integrar o mercado. O primeiro ano correu bem, a social media era uma área que me despertava, e que eu sentia que não tinha bases, só como utilizador, e integrei um outro curso extracurricular numa escola de marketing digital para aprender mais sobre esta área. Fiz esse curso de social media e apercebi-me que é uma área de que gosto como utilizador, mas não para trabalhar... mas foi enriquecedor, valeu a pena. Fiz esse primeiro ano do mestrado, mas no final do primeiro ano, como tinha noção que seria o meu último verão que teria livre, e tendo eu já feito um estágio e *Erasmus* err... optei por fazer um programa de voluntariado. Fui p'ra Istambul porque é uma realidade completamente diferente e o programa coincidia com cinco semanas de Ramadão, ou seja, o programa começava no dia

depois do Ramadão iniciar em junho e terminava no dia seguinte... no dia, ou no dia seguinte, não me recordo, ao Ramadão terminar. Partilhei casa com dois turcos e com um paquistanês, os três a fazer o Ramadão. Foi diferente, eu 'tive a... 'tive a dar aulas e a partilhar a cultura portuguesa, era um projeto com 40 nacionalidades e isso também foi um dos motivos pelo qual eu escolhi, que era para conhecer pessoas diferentes. Err... posso dizer que chegava a 'tar a trabalhar em equipas com Indianos, Tailandeses, Brasileiros, malta do Quénia, err... Húngaros. Era um grupo muito diversificado. Para ir para este voluntariado, na altura já me dava com o meu pai, e tanto o meu pai como a minha mãe me apoiaram em termos económicos, não me disseram para eu não ir, mas não foi algo que eles concordassem a 100% que eu fosse. Err... porque acham que o voluntariado também pode ser feito no nosso país, mas eu queria uma experiência diferente, queria... além de fazer voluntariado, queria crescer como pessoa e acho que para nós crescermos temos de contactar com pessoas super diferentes para ver mesmo... p'ra termos outras visões. Eu já tinha comprovado isso no intercâmbio que fiz com o Brasil e agora era uma experiência diferente. Fiz o voluntariado, deu... foi muito enriquecedor a nível pessoal, poder partilhar a cultura, ajudar a organizar um campo de férias de miúdos que davam esse valor e que demonstravam o agrado pelo que estavam a fazer diariamente. Depois, voltei para Portugal e acabei, err... continuei o meu mestrado em que atualmente estou a fazer a minha tese. Entretanto arranjei, err... comecei a procurar trabalho enquanto fazia a tese e agora estou numa situação em que vou começar a trabalhar daqui a um mês e ainda não tenho a tese pronta, ainda tenho de ver se consigo terminar até lá porque depois é sempre mais complicado. É numa área que foge à economia e que liga muito mais com o Marketing, ou seja é algo que eu pretendia. Err... não tive dificuldade em entrar no mercado de trabalho, ou seja, eu posso dizer que por exemplo, em três semanas entreguei uns 20 ou 30 currículos e fui chamado para 80% deles e não senti a dificuldade em arranjar emprego que a maioria dos jovens arranja. Mas acho que isso também... também acho que não tive dificuldade porque eu tive... acho que tenho um currículo coerente, ou seja, eu não

fui aquela pessoa que no último ano de mestrado ou no último ano e meio, err... quis fazer tudo para encher. Ou seja, eu acho que desde o início que entrei na licenciatura, ou seja, depois do primeiro ano, que o primeiro ano também é uma experiência de licenciatura, tenho tudo muito coerente, tudo espaçado. Err... também eu até ir para a licenciatura nunca tive relações sérias duradoras, isso também é um motivo que me fez ir para o Brasil e fazer estas coisas todas, porque acho que quando alguém tem uma relação e 'tá com outra pessoa, acho que isso acaba por impedir, mesmo que nós não queiramos acaba por impedir, ou seja, eu fui para o voluntariado que também foi de curta duração, foi de cinco semanas, mas agora para arranjar trabalho tinha a prioridade de arranjar trabalho em Portugal, mais propriamente em Lisboa, onde a minha namorada vai agora estudar, para eu conseguir viver com ela. Err... mais... relativamente aos meus pais, continuam-me... apoiam-me. Tinha falado na situação do meu pai, mas agora está tudo restabelecido e apoiam-me os dois. Claro que ficaram contentes quando eu arranjei emprego, acho que é um motivo de orgulho se apostaram na nossa educação e formação e... mas vão-me ter de continuar a ajudar porque é assim, eu arranjei emprego, não tive dificuldade, claro... claro que eu iria sempre p'ra um trabalho pago, porque eu tenho imensos amigos que trabalham sem ser pagos e acho que isso é completamente desumano, acho que é uma falta de respeito, ou seja, se eu for a pensar no investimento que os meus pais tiveram em intercâmbios, em cursos, em propinas, em voluntariado e nas coisas todas, acho que é desumano. Vou ter um estágio profissional, ou seja, vou auferir cerca de 700 euros, o que para viver em Lisboa é possível, mas para o estilo de vida que pretendo, ou seja, eu pretendo continuar a aprender línguas que eu aprendi, err... por exemplo, desde setembro que também estou no espanhol. Err... como também já disse, eu tinha algumas dificuldades e tive de investir no Inglês nos últimos anos e agora 'tou a aprender espanhol e como pretendo continuar... É assim, se uma pessoa quiser investir em línguas, pagar casa e... transportes, se quiser vir à minha cidade, onde nasci ao fim-de-semana e tudo isso, é praticamente impossível. Ou seja, a minha mãe e o meu pai vão continuar a

contribuir com uma mesada de 300 euros para eu conseguir pagar a casa e para ter uma vida mais... mais tranquila, mais confortável.

Err... o trabalho que eu vou fazer agora é para *media planner*, ou seja, eu vou trabalhar com algumas marcas e vou gerir a sua integração em certos meios, ou seja, se vão entrar em TV, em rádio, se vão aparecer em *muppies*, err... Vou contactar com as entidades, as televisões e as rádios, fazer orçamentação p'ra saber quanto custa uma publicidade de tamanho X àquela hora. Porque é que eu 'tou entusiasmado com este trabalho? Porque acho que é um trabalho dinâmico, vou trabalhar com grandes marcas nacionais e internacionais e é estimulante. Isto contrapõe um bocado com a minha última experiência que eu tive, que eu não gostei assim tanto. Primeiro 'tava a trabalhar num grupo de empresas da área da construção civil que é uma área muito pouco criativa e em que eu próprio, com os meus gostos... não se identificam. Depois... acho que o estágio que eu tive foi um estágio bom e apoiaram-me, mas a empresa não 'tava preparada a 100% p'ra receber um estagiário a sair duma licenciatura, porque acho que para primeira experiência profissional, uma empresa quando aposta nessa pessoa tem que ter um acompanhamento porque nós saímos da licenciatura com as bases, mas não sabemos ir para o mercado de trabalho. Err... mas agora 'tou super entusiasmado e é uma profissão que antes de ver a proposta, antes de ver o anúncio não fazia ideia do que poderia fazer, mas depois de ter ido à entrevista e de me terem explicado a dinâmica de trabalho que eu irei fazer, é um trabalho que acho que me vai completar. Pelo menos estou com essa expectativa e além de um grande fator que pesa também o sítio onde é, porque é em Lisboa, que era a cidade onde eu queria arranjar trabalho. Err... agora para falar de hobbies... se calhar mudaram um bocado ao longo do meu percurso académico. Eu no 1º, 2º ano de faculdade era uma pessoa que saía muito. Sempre saí muito desde o secundário, fui uma pessoa que cheguei a ir trabalhar na noite, cheguei a promover festas, mas depois com a faculdade deixei de me identificar um bocado com esse mundo porque tinha outros interesses, não era deixar de gostar das pessoas, mas não me identificava, então afastei-me um pouco. Até ir para o

Brasil tive, sempre fui uma pessoa que 'tava nas festas universitárias e tudo, mas nunca era aquela pessoa que 'tava em todas nem fazia questão disso. Eu também tenho outros interesses, gosto de ir ao cinema, não gosto de gastar o meu dinheiro todo em noite porque o que eu faço é sobretudo p'ra viajar. Tento fazer sempre duas a três viagens por ano e tenho de poupar noutras coisas para fazer isso. Prefiro ir tomar um café com amigos, prefiro se calhar ir ao ginásio, prefiro ir dar uma volta, prefiro ficar em casa a ouvir música, err... prefiro outras coisas do que sair. Depois quando fui para o Brasil, aí sim, a nível de hobbies foi, foi muita noite, muita saída, aproveitei bem o *Erasmus*, consegui conciliar tudo, acho que consegui fazer um maior equilíbrio, portanto, o que fui para lá para fazer com notas fiz e aprendi, mas também soube divertir-me imenso e também soube viajar, consegui juntar essas três coisas: o viajar, o sair e a faculdade. Quando cheguei, err... os primeiros dois, três meses diverti-me imenso e saí muito à noite e não é que depois tenha deixado de me divertir, mas foquei-me mais na parte profissional, na parte dos estudos. Durante esse tempo tive... a minha prioridade era... era os estudos, é verdade, mas também ir ao cinema, algo que eu faço agora regularmente, vou duas a três vezes por mês. Gosto muito de jantar com os meus amigos, mas nada de sair à noite. Gosto de ir treinar, gosto de ouvir música, de 'tar na net. Gosto... gosto de fazer esse género de coisas. A nível de... profissional acho que... agora sei que vai ser diferente, vou começar a trabalhar, vou ser estagiário. É o início... não sei o meu horário, supostamente é das nove às seis, mas nunca é assim, mas também sou sincero, 'tou no início, 'tou cheio de energia, quero ir p'ra uma empresa que aprenda e... e a vida profissional, a vida pessoal aliás, vai ser diferente. Vou ter os fins de semana e sei que vou ter, porque é uma empresa na qual não terei de trabalhar aos fins de semana e vou ter os meus sábados e domingos que quero aproveitar a 100%, mas se calhar durante a semana já não vou ter tempo p'ra ter aqueles cafés, pr'a 'tar com os meus amigos, portanto, de manhã ou à tarde ou à noite conforme me apetecia. Vou ter aquela vida das nove às seis ou das nove às sete, também uma pessoa quer chegar a casa, descansar, ir ao ginásio, quero continuar a estudar

línguas, tenho esse objetivo, quero continuar no espanhol e depois aprender outra língua como o francês e também vou ter de conciliar isso tudo a nível profissional com as línguas e com o que falta do mestrado. A nível das minhas expectativas para este estágio é... não... é uma expectativa... se calhar... eu vejo isto como curto prazo no sentido de o meu objetivo a longo prazo é ser diretor de marketing numa empresa com a qual eu me identifique e que tenha uma projeção sobretudo a nível internacional, e acho que isso também reflete o meu percurso até agora. Eu sempre tive necessidade de ir para fora, gosto de conhecer novas culturas como eu já tinha dito, mas acho importante este trabalho que eu vou fazer porque se eu quiser ir para uma empresa de uma grande dimensão, que lida com vários meios, acho que é bom ter essas bases e saber um pouco disso. Ou seja, eu não vou para o trabalho a pensar que vou sair daqui a um ano ou daqui a dois. Penso, penso que não vai ser um trabalho que vou 'tar lá muito tempo, posso até 'tar na empresa, mas especificamente nisto acho que não vou 'tar muito tempo. Mas acho que... também não sei, só o futuro o dirá até porque hoje em dia, no país em que estamos, é tudo inconstante... err... os meus projetos futuros... tenciono até, err... não me tenciono casar, não é algo que 'teja nos meus planos, mas quero ter filhos até aos 29, 30 anos no máximo, ou seja, quero agora trabalhar, e dentro de no máximo 4, 5 anos quero ter um emprego estável, com um bom ordenado. Quando digo um bom ordenado quero, por exemplo, acho que para viver em Lisboa e ter uma boa qualidade de vida, eu pelo menos irei-me realizar-me se receber conseguir receber 1800, 2000, 2200 euros, err... limpos... que é para poder realizar este sonho que é também quero ter filhos até aos 29, 30 anos e... p'ra poder viver com a minha namorada numa casa que goste, poder viajar, poder... não ter... poder ter o meu dinheiro de parte para se tiver algum problema de saúde, se não tiver, err... e é isso que eu penso... a longo prazo o meu objetivo é integrar uma empresa e ser diretor de marketing da mesma com a qual me identifique em três sectores em específico, ou turístico ou alimentar ou têxtil. São essas três áreas que eu me vejo no futuro. E a nível pessoal quero ser uma pessoa que continue a fazer desporto. Prezo muito também uma alimentação

saudável, err... esse estilo de vida mais sustentável. Err... prezo por continuar a ir ao cinema, por continuar a ir a festivais e a uns concertos de vez em quando. Poder fazer umas férias e não ter essas preocupações no futuro de não ter de estar a contar o meu dinheiro para fazer isso, porque acho que nós, err... eu sou uma pessoa que me considero um workaholic, trabalho e gosto disso, mas também preciso do outro lado para me equilibrar, err... e acho que é isto... estabilizar o mais depressa possível para poder ter filhos relativamente cedo e ter uma vida despreocupada mais para a frente e poder fazer sempre as coisas que gosto, err... que já fui falando...

ENTREVISTADOR – Artur, permita-me só questionar-lhe com quem vive agora e as profissões dos seus pais, julgo não faltar mais do que isso.

ARTUR – Agora vivo em Lisboa, mas estou à procura de casa porque a minha namorada entretanto vai para lá. Err... em Coimbra, antes do mestrado, vivia com o meu irmão e a minha mãe. Os meus pais são divorciados. A minha mãe tem um cargo de gestão a nível regional ou distrital ou lá o que é, num banco, err... num banco privado. E agora começa a inteirar-se da empresa do meu avô também, ela é que é mesmo workaholic. O meu pai, pois, não sei muito bem o que ele faz. Ele muda muitas vezes de emprego...

C.3. Filipe

C.3.1. Dados Referentes ao Sujeito Filipe

- Género: masculino
- Idade: 24 anos
- Atividade Principal: gestor de projetos

C.3.2. Entrevista

A entrevista transcrita foi realizada em dezembro de 2014.

FILIFE – Boa tarde, o meu nome é Filipe, tenho 24 anos, e sou natural de Coimbra. Err... relativamente ao meu percurso académico, este iniciou-se em setembro de 2008, quando ingressei na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, err... tendo escolhido o curso de economia. No entanto, err... antes da licenciatura tinha estudado na Escola Secundária Infanta D. Maria, Ciências Tecnológicas. Ainda assim, durante o meu secundário senti err... e acho que a minha performance escolar indiciava exatamente isso, eu tinha uma apetência natural para matemática e números err... e essas áreas. E então tendo-me informado na altura, obviamente, acabei por... por ingressar no curso de economia. Err... as licenciaturas agora em Portugal, nomeadamente a de economia, demoram três anos a realizar-se se uma pessoa conseguir fazer tudo na altura devida, no entanto, hmm... talvez me tenha perdido num dos anos da licenciatura, nomeadamente o primeiro, em que talvez devido ao deslumbre natural da entrada na faculdade, acabei por ter alguns comportamentos desviantes que me... que me fizeram não ter um... não estar tão concentrado e tão estudioso como deveria ser, pelo que acabei por andar um ano a mais na licenciatura, ou seja começando em 2008 acabei em julho de 2012. Err... há ainda a referir durante este meu percurso que tive a felicidade de fazer *Erasmus*, ou

seja de conseguir estudar no estrangeiro, numa Universidade de referência que já tinha sido escolhida de antemão, exatamente por isso. Err... durante... lá, para além de ter desenvolvido o meu inglês e ter conhecido outras culturas, err... tive também a... tive também a possibilidade de conhecer um novo método de ensino mais prático, mais direcionado para a pesquisa e não para... cá em Portugal é mais teórico e eu não estava habituado a que fosse tão prático. Err... depois disso acabei por... decidi ir trabalhar, ingressar no mercado de trabalho porque me apareceu uma excelente oportunidade, e como as coisas estão obviamente é muito difícil. Os nossos políticos até potenciam a nossa emigração, o que quanto a mim não me parece correto e no meu caso isso de caras não vai acontecer... tendo ingressado numa seguradora, no departamento de recursos humanos da mesma, que era uma área que à partida me interessava e que tendo surgido uma oportunidade numa seguradora importante a nível mundial err... fui para lá e estive lá seis meses. No entanto, de facto não foi a experiência que eu idealizava e decidi abandonar seis meses depois como já referi err... tendo... ou seja estive até janeiro nessa mesma seguradora. Depois olhe, de facto não era aquilo que eu pensava que ia ser... não correspondeu às minhas expectativas pelo que... pelo que decidi candidatar-me a mestrado para setembro do ano seguinte, ou seja... setembro de 2013. Até lá, olhe, voltei à vida boémia que já tinha tido um ano antes e que me fez perder um ano na licenciatura e olhe... não passou disso basicamente a minha vida. Err... por acaso tive... tive... err... ingressei num projeto de desporto, sou... comecei a ser treinador de futebol nessa altura, por isso para além dos copos e da bebedeira, a única coisa que fazia mesmo era dar treinos e jogos, para ser sincero. Err... e depois, err... durante esse percurso eu tinha de decidir que mestrado seguir... olhe eu tinha tirado licenciatura em economia, como já referi, com uma forte componente teórica, se calhar não muito virada para o mercado de trabalho pelo que... para dar seguimento aos meus estudos err... decidi estudar gestão numa componente mais prática, mais virada para obra, mais virado para... para as ferramentas práticas utilizadas no mercado de trabalho que de facto eu sentia que não dominava e então escolhi

gestão. Depois disso havia a questão de escolher qual universidade... em que universidade ingressar. Err... optei por ficar em Coimbra, dando continuidade aos meus estudos, primeiro porque é a minha cidade de eleição, gosto mesmo de viver em Coimbra e vejo-me a viver em Coimbra daqui a trinta anos. Err... e depois porque para mim... e se calhar os rankings não dizem isso... mas para mim a Universidade de Coimbra é uma referência err... se calhar no passado já foi mais, no entanto para mim não fazia sentido estar noutra Universidade que não Coimbra. Err... relativamente ao meu agregado familiar...

ENTREVISTADOR – Deixe-me, só interrompê-lo para lhe colocar aqui duas ou três questões relativamente ao seu percurso académico. Referiu que o seu percurso foi, se bem percebi, durante o primeiro ano de certa forma desviante mas até mostrou alguma preocupação err... com os estudos, com a credibilidade da Universidade em que estudou err... com a credibilidade da Universidade em que fez *Erasmus*. Err... queria perceber um pouco, foi desviante em quê, disse-me que depois de janeiro a setembro de 2013 teve uma vida boémia err... quando deixou de... de trabalhar. Em que medida é que foi desviante, foi diferente do primeiro ano de faculdade, esses oito ou nove meses em que teve esse estilo de vida?

FILIPE – Err... para ser o sincero, o primeiro ano foi como já lhe disse... o principal fator que potenciou esses comportamentos desviantes foi mesmo o deslumbre err... o não, err... o facto de não haver horários err... os meus pais deram-me a liberdade que nunca me tinham dado na vida, então eu talvez ingénuo aproveitei. No entanto, no segundo período desviante que referiu acho que se deveu a um problema pessoal que eu tive e para além disso o meu estágio foi... não foi em Coimbra, foi noutra cidade, eu não estava habituado a sair de Coimbra tanto tempo, não conhecia ninguém nessa cidade, o que me motivou se calhar... err... não me sentia bem lá e teve consequências diretas no trabalho e de facto senti que não fui tão produtivo

como poderia ter sido e isso também me deixou... me deixou relativamente frustrado.

ENTREVISTADOR – Err... era outra pergunta que lhe ia fazer o porquê de não ter... de não ter gostado da experiência que teve, disse-me que foi numa seguradora não foi?

FILIFE – Foi... Mas acho... Err... Não foi pelo facto de ser numa seguradora ou por ser essa área ou por ser no departamento que escolhi, foi mesmo por não estar bem onde estava, a cidade em si, se calhar... não conhecia nenhuma pessoa nessa cidade, provavelmente nunca tinha ido a essa cidade.

ENTREVISTADOR – Qual era a cidade?

FILIFE – Err... o Porto. Cidade do Porto.

ENTREVISTADOR – Ok. Err... continue, ia entrar pela sua família, é um ponto importante também err... se calhar poder-me-ia dizer o nível de influência dos seus pais, acabou de referir que os seus pais lhe deram alguma liberdade quando ingressou no ensino superior... err... fale-me um pouco mais da sua família...

FILIFE – Pronto err... na verdade eu sou filho único, vivo com os meus pais. Não sei se interessa saber a profissão dos meus pais... o meu pai é diretor de uma escola e a minha é professora universitária err... posso dizer que a minha família tem uma situação financeira estável err... não vou dizer que vivemos bem porque é uma frase que não assenta muito bem, mas vivemos... err... temos uma vida boa, não... não temos grandes luxos, mas temos uma vida boa. Err... temos um... vivemos os três numa vivenda em Coimbra, temos todos uma boa relação, aparentemente somos uma família normal. Err... relativamente à influência que os meus pais tiveram na

minha vida... nas decisões... olhe, sempre me deram total liberdade e independência para escolher o que quis. Eu escolhi o meu curso, os meus pais nunca me falaram de economia na vida. Na verdade nenhum deles é dessa área por isso eu... eu fui para economia por opção, ninguém me impingiu isso. Err... relativamente à minha escolha depois por gestão e pela Universidade de Coimbra, também não me influenciaram nesse sentido. Eu escolhi gestão pelas razões que já apresentei, e escolhi a Universidade de Coimbra porque para mim é uma referência e é... é da minha cidade, o que também pode ter influenciado isso. Pronto, não tenho irmãos, tenho primos próximos mas não será a mesma coisa, obviamente. Err... olhe... relativamente ao meu percurso profissional, há pouco não... há pouco não conclui o que tinha para dizer... fiz outro estágio curricular no verão, embora não seja uma experiência profissional relevante mais ainda assim posso referir... foi num departamento de contabilidade numa empresa aqui em Coimbra...

ENTREVISTADOR – Com que idade é que integrou o mercado de trabalho pela primeira vez? Foi quando foi trabalhar para a seguradora ou esse estágio foi anterior?

FILIPE – Não, esse estágio foi anterior.

ENTREVISTADOR – Estamos a falar durante a licenciatura?

FILIPE – Sim, penso que em julho de 2011.

ENTREVISTADOR – Um estágio de verão portanto?

FILIPE – Sim.

ENTREVISTADOR – Ok...

FILIFE – Olhe... e posso dizer que o que me levou a fazer isso foi mesmo para ganhar experiência... para conhecer uma realidade organizacional que de facto não tinha... e acho que foi uma experiência positiva nesse aspeto.

ENTREVISTADOR – Foi de alguma forma influenciado? Já disse que os seus pais não o influenciaram na escolha do seu curso err... mas segue algum modelo? Amigos ou tem pessoas conhecidas numa situação próxima da sua?

FILIFE – Na verdade... na verdade eu tenho muitos amigos que tiveram um percurso muito similar ao meu o que... até mais velhos e mais novos... ou seja eu acabei por ser influenciado e por influenciar. Err... e de facto acabei por ter este percurso porque amigos mais velhos que... em quem tenho confiança tiveram o mesmo caminho e acabaram por ter sucesso, são felizes com a vida que têm e também é um bocado isso que eu procuro, o que pode também ter motivado estas minhas escolhas.

ENTREVISTADOR – Falou agora em felicidade, que relação tem para si o seu percurso profissional com a sua felicidade? Digamos... o que é que o motivou a ir trabalhar? Disse que não gostou por causa da cidade, não era tanto por ir trabalhar. Porque é que quis ingressar diretamente no mercado de trabalho? Disse que foi tirar o mestrado depois. Porque não foi para o mestrado antes, por exemplo? Quais eram as suas prioridades nessa altura?

FILIFE – Na verdade apesar de os meus pais terem uma situação financeira estável e saudável err... não me sinto bem em estar... estar constantemente a depender deles queria ter também alguma independência também nesse campo, não só nos outros que os meus pais sempre me deram ajuda financeira, e procurei isso mesmo. Procurei ganhar o meu dinheiro err... sei lá poder viver sozinho eventualmente err... poder comprar as minhas coisas com o meu dinheiro e não ter

que pedir aos meus pais o que é sempre constrangedor, percebe isso, obviamente... err... e o outro fator que foi poder começar cedo a construir... a desenvolver carreira err... o que no futuro próximo se calhar me iria dar vantagens em relação aos que tiraram, pensava eu, que tiraram logo o mestrado porque já tinha experiência que esses não tinham. Foi mais por aí... e a longo prazo isso poderia ser muito importante para mim...

ENTREVISTADOR – Err... e atualmente o que faz? Err... ingressou no mestrado em setembro de 2013...

FILIPE – Sim, o primeiro ano é a parte curricular, só disciplinas nada de estágios, nem etc... Depois no segundo ano temos de escolher entre fazer tese... dissertação como lhe queira chamar como na maioria dos mestrados, ou estágio e relatório de estágio. Eu optei por fazer a tese... dissertação, no entanto, ao mesmo tempo estou num estágio que nada tem a ver com a tese. Err... estou no ramo da informática, numa empresa aqui de Coimbra há três meses err... e ao mesmo tempo estou a fazer a tese que penso que vou entregar já em janeiro de 2015, se tudo correr bem.

ENTREVISTADOR – Está numa empresa de informática com a sua formação em economia err... o que é que o levou a uma empresa de informática? Fale-me também um pouco das suas condições laborais.

FILIPE – Na verdade... na verdade não... eu estou numa empresa de informática, mas não por ser informática err... para ser sincero não é uma área em que eu me destaque particularmente. Eu estou lá por causa da posição que é... é uma coisa que eu sempre achei interessante, tive inclusive uma cadeira de gestão de projetos que é a área em que eu estou no mestrado err... foi uma unidade curricular que eu gostei e tive sucesso também... procurava um lugar nessa área e esta empresa deu-me essa possibilidade. Err... a minha situação é que estou no estágio profissional do IEFP,

estando eu a viver com os meus pais e como já referi inúmeras vezes, eles têm uma situação financeira saudável... Se calhar não é o... não é o ordenado que eu sempre sonhei, mas não tendo despesas e querendo eu, lá está, ter o meu dinheiro para comprar as minhas coisas chega e sobra perfeitamente, não err.. foi mais por aí e também porque eu quero imenso trabalhar em Coimbra no futuro e acho que começar agora tão cedo já a desenvolver uma network, por exemplo, acho que é importante também.

ENTREVISTADOR – É gestor de projetos... que projeto é que tem em mãos neste momento?

FILIFE – Err... a empresa desenvolve software e eu estou responsável pelos clientes do Reino Unido.

ENTREVISTADOR – Ok...

FILIFE – Err... obviamente que eu não faço nada da parte técnica porque não é essa a minha função e não tenho competências para tal.

ENTREVISTADOR – É mais divulgação, será?

FILIFE – Divulgação, contacto com o cliente, esse tipo de questões... organização da equipa também... o normal num gestor de projetos.

ENTREVISTADOR – Então diz-me que a sua... que a sua situação financeira atual é satisfatória com esse estágio?

FILIFE – Dado que vivo em casa dos meus pais e não tenho que sustentar ninguém, é satisfatória. Estou contente com o ordenado que tenho não é... mas

ambiciono mais, obviamente. Se eu quiser, sei lá... viver sozinho ou constituir família e ter filhos etc., o que vai acabar por acontecer, obviamente, que é uma coisa que eu procuro imenso err... este ordenado se calhar não chegará e tenho de procurar outras opções de... de carreira, não sei... só o tempo o dirá.

ENTREVISTADOR – Em termos de vida pessoal err... hobbies, tempo livre, disponibilidade, fale-me um pouco da sua vida extra trabalho neste momento.

FILIPE – Olhe, na verdade agora não é muito mas quando... vou-lhe falar de quando tinha tempo. Agora é curto porque estou a estagiar e a fazer uma tese ao mesmo tempo e torna-se curto. Gosto muito de ir ao cinema com os meus amigos, houve uma altura em que ia semanalmente com eles. Agora não vamos tanto, mas ainda assim vou... vou com alguma regularidade err... gosto muito de desporto, particularmente futebol err... costumo acompanhar a equipa aqui de Coimbra, que é a Académica, vou ver os jogos, em casa principalmente err... também ainda sou treinador e eu considero isso um hobby... ser treinador de futebol não é uma profissão, é uma coisa que me faz relaxar ao fim do dia quando tenho tempo... quando não tenho mais nada para fazer err... o contacto com miúdos, porque eu sou treinador de futebol de formação, de meninos, não sou de grandes, não tenho idade para isso, talvez um dia tenha, não sei. Err... e de facto a minha disponibilidade temporal é diminuta, não tenho tempo para mais nesta altura.

ENTREVISTADOR – Concluo então que neste momento não se sente satisfeito com o tempo que tem para si.

FILIPE – Na verdade não.

ENTREVISTADOR – Considera isso um esforço, um investimento, o momento porque está a passar?

FILIFE – Considero um esforço que se materializa num investimento. Estou a esforçar-me para investir no meu... no meu futuro.

ENTREVISTADOR – Para que essa articulação no futuro possa ser mais saudável? Mais do seu agrado?

FILIFE – Exatamente. Se calhar... se as coisas não mudarem duvido que essa contabilização seja possível, mas acredito que a terei.

ENTREVISTADOR – Não mudarem em que aspeto: conjuntura global, dificuldades de emprego?

FILIFE – No contexto social e económico não só em Portugal, mas no mundo, mas principalmente em Portugal e como eu ambiciono ficar em Portugal...

ENTREVISTADOR – Foi difícil arranjar o estágio? A verdade é que já teve duas oportunidades, na primeira deu-se mal, no Porto, não gostou. Está agora em Coimbra. Tem sido fácil com a sua formação, com o seu currículo, com aquilo que já fez até hoje err... arranjar emprego? Está num estágio não sei se tem perspectivas de ficar na empresa se não...

FILIFE – Na verdade, a ideia é ficar depois dependendo também da minha performance err... quando me candidatei para esta entrevista candidatei-me para mais duas e acabaram por ser as três na mesma altura, no mesmo espaço temporal, em duas semanas, e na verdade entrei nas três, tive a felicidade ou o engenho, não sei, de entrar nas três. Err... agora pergunta-me: “é fácil arranjar estágio de trabalho em Portugal?”. Na verdade tenho muitos amigos que estão numa situação difícil, que não arranjam, alguns deles com percursos académicos parecidos com o meu,

alguns até melhores que o meu e... de facto não arranjam... não arranjam nada e se calhar estão mesmo a pensar em emigrar, por isso acredito que o aluno médio com o meu percurso, tenha dificuldade. Eu no meu caso, se calhar não tive... tive essa sorte... acredito que seja muito difícil neste momento em Portugal arranjar... arranjar estágios e emprego de acordo com o nosso perfil porque arranjar... arranjar qualquer coisa arranja-se, mas uma coisa digna e de acordo com o perfil de uma pessoa é mais difícil... (pausa)

ENTREVISTADOR – Passemos aos projetos futuros. Que prioridades de curto prazo a nível pessoal, profissional, o que é que ambiciona assim nos tempos mais próximos?

FILIFE – A nível profissional, de facto é agradar no estágio que estou a fazer e ser contratado no fim para... como colaborador efetivo da organização e possivelmente... estar lá uns anos, porque de facto é uma boa organização onde eu gosto de estar e, de facto, pode ser muito bom para a minha aprendizagem. A nível pessoal, olhe, pretendo err... não vou dizer a curto prazo, mas a médio prazo, casar e ter filhos, ambiciono isso, sempre foi uma das coisas que quis fazer err... articulando a vida... a vida familiar com a profissional. Não quero ser um workaholic nem nada que se pareça, dou muita importância ao fator humano e pretendo antes de mais ter um... eu não procuro um emprego, eu procuro um emprego que me possibilite ter uma vida pessoal que me agrade. É mais por aí.

ENTREVISTADOR – Então coloca claramente a sua vida pessoal à frente da sua vida profissional?

FILIFE – Sem dúvida, sem dúvida!

ENTREVISTADOR – Como imagina a sua vida aos quarenta ou cinquenta anos?

FILIFE – Olhe, err... aos cinquenta anos espero ter dois filhos com quinze anos provavelmente, dez, quinze anos, por aí. Quero viver em Coimbra na cidade... na minha cidade, da qual eu sou natural e não quero sair mesmo. Gosto muito de estar aqui. Os meus amigos vivem aqui, a minha família vive aqui. É onde eu me sinto melhor. Err... ter uma situação financeira estável como os meus pais sempre me deram, não ambiciono grandes luxos sinceramente. Quero trabalhar durante o ano e no verão fazer uma viagem por ano. Não quero ter muitos gastos durante um ano e quero oferecer aos meus filhos um ensino público, não vou para privados. Quero que eles tenham uma formação igual à minha, que eu acho que foi... que é boa. Se não fosse essa formação se calhar não seria o que sou hoje e quero que eles sigam mais ou menos as minhas pisadas, dentro do que eles querem. A liberdade que os meus pais me deram, eu também quero dar aos meus filhos. É por aí.

ENTREVISTADOR – Ok... Err... não sei se quer acrescentar mais alguma coisa a esta entrevista, mais algum aspeto relevante que tenha que queira... alguma história que queira contar deste período.

FILIFE – Penso que não. Acho que já está tudo dito. Não vejo... não sei se há algum ponto que gostasse de explorar mais...

C.4. Guilherme

C.4.1. Dados Referentes ao Sujeito Guilherme

- Género: masculino
- Idade: 24 anos
- Atividade Principal: gestor intermédio

C.4.2. Entrevista

A entrevista transcrita foi realizada em abril de 2015.

GUILHERME – Boa tarde, o meu nome é Guilherme, tenho 24 anos e neste momento desempenho duas funções primordiais, uma profissional, gestor em várias empresas e estou a concluir ainda o mestrado. Err... se calhar começando por caracterizar as minhas opções, ainda antes da entrada no ensino superior, posso começar por dizer que durante o ensino secundário e até lá chegar sempre tive uma educação e uma situação familiar extremamente estável e que me proporcionou err... uma vasta gama de conhecimentos a todos os níveis, a nível científico, a nível cultural e a nível social também na interação que tive com os meus amigos e com as pessoas com que, com que me rodeavam na cidade de Coimbra. Err... cheguei ao fim do ensino secundário com uma média bastante aceitável na minha opinião, e tinha diversas opções por onde encetar o meu percurso a partir daí. O que é que eu queria fazer? Acabei por me decidir pelo curso de economia, achei que estaria enquadrado dentro daquilo que eu gostaria de fazer no futuro que era estar envolvido com a realidade do nosso país, com as empresas e com o futuro. Eu sempre vi o setor privado da economia e do mundo como aquele que pode ser o maior fomento de bem-estar e geração de valor err... claro que bem liderado e não deixado ao desbarato err... e portanto decidi ir para economia, decidi continuar em

Coimbra e entrei na Faculdade de Economia em Coimbra. Acabei por ter um percurso relativamente rápido na faculdade, permaneci durante três anos e meio. Err... sendo que os ensinamentos que recebi serão fruto de muitas das opções curriculares escolhidas err... acabaram por ser relativamente aceitáveis do ponto de vista teórico porque me permitiram conhecer a história da economia em si err... no entanto, tenho que caracterizar a Faculdade de Economia de Coimbra, como sendo ainda, pelo menos até à minha saída, como um pouco retrógrada em muitos dos seus ensinamentos e pouco ligada, se calhar, também à área empresarial, também ela pouco existente em Coimbra. Err... não obstante tudo isto err... creio que os conhecimentos sólidos que lá adquiri, são, continuam a ser hoje importantes na minha vida profissional e na minha vida pessoal e permitiram-me ter um conhecimento geral e uma carga intelectual bastante desenvolvida para alguém da minha idade. Err... e depois em termos de vivência académica err... é uma realidade bastante conhecida, que em Coimbra existe uma tradição que há muitos anos, muitas décadas, séculos quase, de tradição académica dos estudantes e foi um período muito, muito bom. Eu decidi envolver-me em vários projetos nas estruturas estudantis... desenvolvi diversas atividades ligadas às saídas profissionais que proporcionavam aos estudantes o contacto com outras ideias com o pensamento mais próximo daquilo que é a realidade err... portuguesa e também a realidade internacional e o contexto em que o país se insere err... e na organização de festas académicas que me acabaram por dar aquele cheirinho do trabalho prático de poder desenvolver... é um trabalho mais próximo dos estudantes, organizamos atividades, já não tanto de um cariz intelectual mas mais prático, que desde muito cedo me seduziu pelas minhas características pessoais, gosto de estar ocupado, gosto de olhar, gosto de ter objetivos e de os fixar a curto prazo e... esse tipo de trabalho dava... ia muito nesse sentido e foi bom para mim também passar por essas experiências. Err... depois ao terminar a licenciatura em janeiro de 2013, com uma média não muito grande, eram cerca de 12 valores err... acabei por ter uma oportunidade de me empregar logo no período a seguir err... acabei o curso em

janeiro e logo em fevereiro acabei por dar o salto para uma carreira profissional ativa, através dum estágio numa empresa do ramo do turismo, no Porto, acabei por sair de Coimbra e comecei desde logo a trabalhar. Queria aqui ressaltar que durante todo este período a minha família sempre me apoiou em todas as decisões que tive de passar err... sempre me aconselharam da melhor forma e sempre foram o meu sustento financeiro e humano durante todo este período err... também com o reconhecimento da responsabilidade da minha parte e de como eu estava a gerir a minha vida e o que queria. Portanto sempre estiveram lá para mim e acabaram por influenciar todas as minhas tomadas de decisão e... isto aqui, se calhar, importará dizer que durante o período da minha vida académica eu vivi sempre em casa dos meus pais dado que estudava em Coimbra e... eles têm, sempre tiveram uma vida bastante estável, têm os dois um curso superior, neste caso a minha mãe está a acabar o mestrado dela, trabalha num cargo de administração no sector público, enquanto o meu pai já obteve o grau de mestre e trabalha numa empresa da família. Portanto, err... como dizia... sempre tive uma relação muito estável com a minha família e mesmo a minha irmã mais nova err... que embora os conselhos sejam muito mais de mim para ela pela diferença de idades que nós temos... mas não pude deixar de aprender bastante com as vivências que ela me trouxe, de outras formas de pensar que agora os... não direi outra geração mas os nossos colegas mais novos, como eles encaram o mundo e a sociedade que tem evoluído ao longo do tempo de uma forma tão dramática e tão rápida err... e isso permitiu-me e abriu-me a mente para querer estar envolvido na transformação e neste crescente valor e permitir e querer avançar um pouco com a sociedade. Isto tudo acaba por justificar a minha opção de acabar a licenciatura e ir trabalhar de imediato err... já nessa altura tinha conhecimento que poderia ingressar num mestrado com um projeto curricular bastante interessante, já na cidade do Porto, onde estava localizada a empresa, e tendo eles reconhecido o mérito do meu trabalho ao longo dos primeiros seis meses, portanto um estágio profissional que eu encetei, acabaram por me facilitar a entrada no mestrado, também ele na área das ciências económicas... e

portanto, durante o ano que se seguiu tive aulas durante esse período e continuei o meu percurso profissional err... continuei o meu percurso profissional sendo que até agora continuo na mesma empresa e estou neste momento a terminar, já entreguei a tese de mestrado, estou agora apenas à espera de a defender... durante todo este tempo em que dividi o meu mestrado com a minha situação profissional. No escritório iniciei o meu trabalho no controlo de gestão da empresa, de facto um controlo financeiro e estava ligado também à tesouraria, a fazer pagamentos e planos de financiamento de curto e longo prazo. Err... em termos de controlo de gestão permitiu-me ter uma visão global sobre os negócios de todas as empresas do grupo e todas as suas valências operacionais, as suas valências estruturais e o modo como um grupo, um grande grupo económico pode da melhor forma persistir e que tipo de análise é que tem que efetuar aos seus funcionários, à sua atividade para que possa trilhar um caminho de sucesso. Err... esta forma de trabalhar err... que já está ao nível das grandes empresas no mercado err... acabou por me dar grandes, grandes conhecimentos na área financeira, na área de gestão e na área de estratégia e de pensamento de negócio global, ou seja eu tive acesso e construí dados financeiros e operacionais e analisava-os para posteriormente serem tomadas as decisões pela administração sobre os caminhos a seguir, que projetos iniciar, que projetos terminar, que áreas da empresa poder melhorar e que áreas da empresa estavam a funcionar bem e que poderiam ser alvo de uma intervenção como por exemplo para premiar funcionários ou resolver situações que estivessem a causar algum problema. Err... esta visão global permitiu-me passar a encarar uma empresa e uma sociedade de uma forma mais dinâmica no sentido de perceber todos os jogos que precisam de existir na dinâmica empresarial e na sua estrutura, relacionamento interpessoal, o que fazer perante uma situação adversa de um funcionário, como resolver problemas com clientes, fornecedores, tudo isto contribuiu para a minha experiência ser tão diversificada quanto possível e isso acabou por me fazer querer ocupar tanto tempo com o meu trabalho. Err... eu trabalho cerca de oito horas por dia, uns dias mais, o horário é relativamente fixo err... mas acaba por ser um

trabalho, nessa vertente o trabalho acabou por ser extremamente enriquecedor. Err... não só enriquecedor, como também produtivo para mim, devo referir que desde o primeiro dia em que comecei a trabalhar tive a oportunidade de começar a ter uma fonte de rendimentos, de começar a ser eu o meu principal financiador digamos assim, err... passei de certa forma a assegurar a minha própria sobrevivência, não que seja totalmente autónomo dos meus pais neste momento, eles continuam a contribuir com uma pequena quantia para os meus gastos mensais err... mas tendo eu a minha situação profissional estável e uma fonte de rendimentos segura a prazo, a curto, médio prazo está relativamente segura err... tenho que dizer que tenho uma situação financeira bastante satisfatória e as expectativas serão sempre de a melhorar pela situação profissional, tanto pela evolução da situação profissional esperada err... como em termos de rendimento que previsivelmente irei ter num futuro próximo err... sendo que os meus gastos, neste momento se resumem à minha, ao meu apartamento no Porto e à manutenção da minha vida, umas saídas com amigos e pouco mais. Não sou uma pessoa de querer ter grandes bens materiais. Tenho um carro, que de facto me foi oferecido pelo meu avô, fora isso não tenho algo que diga que possa dizer que estou a trabalhar nesse objetivo, exceto eventualmente, quando e se me for possível ter um sítio mais fixo para viver a longo prazo, o que neste momento não existe. Err... hobbies... eu tenho uma velha máxima de que quem não tem dinheiro não tem vícios e acabo por usar o meu tempo, não tenho qualquer... tenho muita liberdade no que quero fazer com o meu tempo... até pela minha situação financeira estável e que me permite não ter preocupações. Não posso ter grandes luxos, mas não deixo de fazer nada tanto com os meus amigos como com a minha família err... o maior luxo acaba por ser as viagens. Ultimamente sempre que tiro férias vou ao estrangeiro. De resto, acabo por ter muito tempo para dedicar à minha vida pessoal, para estar com amigos, para estar a fazer algo que goste, nomeadamente jogar futebol, ir ver um filme, ver umas séries porque a minha situação profissional acaba por facilitar também a minha vida pessoal e isso é sempre também um valor que

para mim não sendo traduzido financeiramente, não podendo ser traduzido financeiramente, acaba por ser dos mais importantes. Se não mesmo o mais importante para uma pessoa se poder manter feliz. Err... tenho perspetiva de num futuro próximo, eventualmente a minha situação profissional exigir um bocadinho mais de tempo e de disponibilidade em termos de deslocações, como em termos de tempo, mas creio que não irá impedir qualquer projeto pessoal que eu pretenda encetar, e a articulação, e aqui devo referir que sempre me foi facilitada pelo meu empregador err... e isso é um dado para mim extremamente relevante e que assegura pessoalmente, e que me satisfaz, estar feliz com a vida e perceber que tenho tempo para tudo o que preciso e eu quero. Err... devo aqui também referir possivelmente que, e em termos comparativos, em relação aos meus amigos e aos meus colegas, as pessoas que eu conheço e que tiveram um percurso relativamente semelhante academicamente, tenho noção que tenho um percurso ímpar, que não é frequente as pessoas terminarem a licenciatura e irem de imediato trabalhar e aí continuarem o seu mestrado. Devo aqui dizer que não sou caso único, há dezenas de pessoas, dezenas de jovens em Portugal que optam por, uns por necessidade outros por querer, tal como eu, por encetar por esse caminho, mas a maioria das pessoas opta por fasear um bocadinho mais. Terminar a licenciatura, seguir para o mestrado e só aí começar a procura de um emprego. Eu devo dizer que, não podendo falar pelos outros, devo dizer que estou bastante satisfeito, não me arrependo da opção tomada, porque lá está, como tenho vindo a dizer, me permitiu ter amplos conhecimentos na minha área profissional que está de acordo com a minha formação académica, mas também me permite ter uma vida pessoal bastante satisfatória e que isso seria o que eu procuro e que principalmente prepara melhor para o futuro e para o que eu quero fazer e para o que eu quero ser daqui a uns anos. Ou seja, eu considero que esta opção por uma entrada no mundo do trabalho mais cedo me permite daqui err... curto prazo, dois ou três anos, estar a um nível que os meus colegas com a minha idade e com a experiência que terão na altura, e pelas vivências que terão passado na altura, não terão esse tipo de capacidade. Eu

assim o espero, ou assim o acho porque não têm a experiência que eu tive durante a idade deles. Claro que terão tido outras ocupações do seu tempo, seja com atividades cívicas, seja com atividades boémias, se pudermos caracterizar assim err... que os preparará de outra forma e para outras situações, mas para o que eu quero, que é vingar na área da economia, vingar na área da gestão, ter uma vida pessoal cada vez melhor, com uma situação patrimonial cada vez melhor creio que a opção tomada foi a melhor... devo dizer que a curto prazo, a nível profissional err... tenho excelentes perspectivas. Iniciei, dentro... com o mesmo empregador um novo projeto que me abre portas a mais realidades empresariais err... a diversos sítios, a uma network cada vez maior, com diversas valências e com diversos conhecimentos de formação diversificadas e abre-me portas para evoluir no futuro caso um dia pense em dar um passo em frente, passar para outra, para outro emprego digamos assim, creio que estou a ficar com uma carga profissional bastante profunda que me vai dar e que será, colherei frutos de tudo isto a breve prazo. Err... no futuro creio que, e esta será sempre uma preocupação primordial para mim, a minha situação financeira e patrimonial, conseguirei conciliar da melhor forma a minha vida pessoal com a minha vida profissional. Portanto, err... farei sempre depender a minha vida profissional de eventuais necessidades que a minha vida pessoal tenha. Isto para dizer que a manutenção do emprego que tenho e tudo porque estou a lutar err... permite-me, se tiver que mudar de cidade, se tiver que mudar de país, conseguir facilmente uma colocação a nível profissional err... noutra e em qualquer local e essa liberdade acaba por me permitir encarar a minha vida pessoal com outros olhos e permitir-me pensar e pô-la como primeira prioridade relativamente à minha vida profissional. É-me bastante útil para mim e para a minha cabeça. Err... agora, se calhar, e para terminar, tendo aqui já percorrido todo o meu percurso até agora, fazendo aqui uma perspectiva mais a longo prazo. Err... onde é que eu me vejo daqui a uns anos? Ora eu, como digo, como disse, pretendo ter uma vida pessoal estável, eventualmente constituir família, estou certo que eventualmente terei esse desejo, embora atualmente ainda não vá tão longe. Err...

mas via-me com uma família, com uma situação financeira extremamente estável, não ter essa preocupação. Basicamente a minha preocupação é não ter essa preocupação, se pudermos assim caracterizar. E posso dizer que não quero ter um carro todo XPTO, ou 20 carros, esse tipo de bens materiais. Não é nisso que eu penso quando me imagino daqui a uns anos. Imagino-me sim numa casa, numa boa casa, com uma boa família e que possa estar perto da minha família e dos meus amigos, que é para isso que eu creio que cá estamos todos, para nos podermos sentir bem e realizados. Acho que temos de ter de tudo um pouco err... e portanto seria esta aqui a minha intervenção com esta entrevista.

C.5. Luísa

C.5.1. Dados Referentes ao Sujeito Luísa

- Género: feminino
- Idade: 23
- Atividade Principal: estudante de mestrado

C.5.2. Entrevista

A entrevista transcrita foi realizada em abril de 2015.

LUÍSA – Eu sou a Luísa *err...* sou licenciada na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra desde janeiro do ano passado entrei em setembro de 2010 *err...* fiz um percurso académico normal *err...* demorei três anos e meio em vez dos três anos normais, estive ali aquele meio ano para fazer cadeiras que deixei mais para o fim. Inseri-me na praxe, tive alguma vivência académica, conheci muitas pessoas o que teve alguma influência em mim porque sendo de Coimbra e estando cá há muito tempo, é sempre diferente entrar para o meio universitário e ter contacto com algumas pessoas de várias partes do país. *Err...* não sei... quer que continue a falar de percurso académico ou...

ENTREVISTADOR – Sim, por exemplo, caracterizar mais essa vivência académica, descrever as suas prioridades nesse período, os momentos marcantes...

LUÍSA – Nós inserimo-nos, não sei se sabe, sabe, também foi estudante da Universidade de Coimbra. Aquilo é, existem grupos de praxes, no fundo é o meio que é usado para as pessoas se conhecerem e estabelecerem os seus vínculos e a minha preocupação nesse momento foi sempre dar-me o melhor possível com as

peessoas, tentar ser um bom exemplo e uma pessoa prestável, dar conselhos quer em termos pessoais, quer em termos académicos... *err...* não fui uma pessoa que se preocupou particularmente em ter bons resultados. A minha média, falando honestamente, penso que, de resto como a maior parte das pessoas, poderia ter sido bastante superior se eu me tivesse sacrificado mais, mas enfim tive outras prioridades *err...*

ENTREVISTADOR – Posso perguntar que tipo de prioridades?

LUÍSA – São aquelas prioridades que se calhar *err...* o ser humano na sua vida pessoal reconhece que podia sacrificar a sua vida pessoal mais, mas simplesmente por coisas tão simples como a preguiça acaba por não o fazer e eu como tenho também, não vivo propriamente mal, não achei, acabei por não me sentir verdadeiramente pressionada para atalhar o máximo possível. Nunca fui uma pessoa muito irresponsável, até porque tenho em casa um professor universitário na área de história e um advogado e que são duas pessoas muito ligadas ao... gostam muito de trabalhar, por vezes critico-as um pouco, porque me faz confusão, são pessoas com muita responsabilidade em cima e que se dedicam muito à sua profissão, portanto nunca tive grande margem para falhar muito ou desleixar-me muito nos meus estudos *err...* e isso nota-se, seis meses que demorei a mais, cinco meses *err...* para concluir o curso. *Err...* concluí o curso, como disse em janeiro de 2014 e não tomei a opção de iniciar imediatamente o mestrado. Também fiz umas viagens, gosto de viajar, de andar por aí, de conhecer sítios novos, não tem que ser propriamente lá fora pode ser cá também. *Err...* fiz também *err...* ora deixe-me lá pensar... fiz um estágio de três meses num banco comercial de abril a junho de 2014 *err...* porque lá está também tive possibilidade, tive a sorte de me ser concedida essa oportunidade e é uma... foi uma experiência boa *err...* aprofundei os meus conhecimentos, tive o meu primeiro contacto com a vida profissional e apesar de ter sido apenas três meses e não ter sido propriamente a profissão ideal, não é aquilo

que eu tenho como ideal trabalhar num banco neste momento, mas... foi uma experiência importante, tive um contacto com um meio não meramente académico, que todos sabemos como é que é a universidade e ainda para mais numa área tão teórica como é a economia, acho que é importante para qualquer aluno *err... err...* como dizia à pouco estive três meses no banco *err...* era um estágio não remunerado *err...* desde sempre era planeado ser apenas de três meses, mas aprendi aquilo que tinha a aprender e saí *err...* conclui em junho e desde então até hoje tenho, pode-se dizer, tentado arranjar um bocado de desculpas para poder fugir do meu meio habitual e não ter que encarar imediatamente o aspeto profissional. Portanto, fiz voluntariado um mês em Timor, fiz também um *InterRail* que durou quatro semanas, com mais amigas e amigos meus e tenho andado também a saltar um pouco, também, digamos... mais dentro de Portugal, mas quando tenho oportunidade também vou ter com um colega ou duas que estejam de Erasmus ou que já tenham ido trabalhar para fora porque é uma coisa que eu também quando tenho oportunidade tento fazer, que é... ir ter com colegas minhas e ver como é que elas se estão a dar lá fora e pronto, eu estando em economia não é assim uma coisa tão pouco vulgar. Viajar e conhecer pessoas e culturas diferentes são os meus hobbies, se é que se podem considerar efetivamente como hobbies, mas é o que me dá prazer fazer. Colegas mais velhas que eu ou sensivelmente da minha idade, irem para fora e eu porque também, no fundo, ando há procura do meu rumo, do que é que eu quero fazer, onde é que eu me vou inserir, que profissão é que eu quero realmente encontrar *err...* o que é que eu posso falar mais... apesar de tudo este não é, não foi o percurso, percurso não é o termo certo, não foi uma coisa assim tão fácil da minha parte, porque como dizia há pouco, tanto o meu pai como a minha mãe são dois *workaholic* pode dizer-se, com muitas responsabilidades em cima e portanto é uma tensão que se forma, eu a querer sair e a querer outro tipo de experiências e eles a acharem que eu devia atalhar mais e começar já a trabalhar propriamente dito. *Err...* apesar de tudo, como no fundo também já disse, nós não vivemos propriamente com grandes dificuldades, não somos de berço de ouro que

recebemos uma fortuna ou herdamos de alguém não, tanto a minha mãe como o meu pai são duas pessoas *self-made* que trabalharam, estudaram, o meu pai é doutorado em história e é professora na Universidade de Coimbra e a minha mãe é licenciada em direito e trabalha num cartório com sócios, *err...* sacrificaram-se e hoje conseguiram atingir um patamar e é também um pouco aquilo que eu ambiciono para mim. Portanto sim estou hoje a gozar e atravessar assim uma fase mais descontraída mas tenho sempre em segundo plano o que é que vou fazer em termos profissionais e também estive, a recolher informação digamos para poder entrar no mestrado. Eu tenciono agora quando abrirem as candidaturas, este ano, iniciar essa fase porque lá está, trabalhei três meses e apesar de não ser remunerado tenho um bocado aquela ideia que se começar a trabalhar, se gostar do que faço e se começar a autonomizar-me um pouco em termos de rendimentos, acho que já não vai ser tão fácil eu voltar a estudar e pegar em dois anos e fazer a tese e eu que o diga *err...* e portanto o meu percurso tem sido esse, como acabei de dizer a única experiência foi mesmo no banco, foi aquele estágio de três meses, tive outro tipo de experiências que hoje em dia também são muito importantes, eu tirei a licenciatura em economia que dá para muitas coisas e isso também depende sempre da formação que a pessoa tem e outras valências que desenvolveu.

ENTREVISTADOR – Vamos passar um pouco à família, por exemplo, *err...* disse-me que andou a viajar apesar da exigência dos seus pais. Como é que é a relação com os seus pais, qual é que foi a influência dos seus pais nas suas decisões? Se eles são exigentes como é que reagiram, como é que isso se processa?

LUÍSA - É assim, no início foi mais complicado *err...* eles ficaram muito contentes na altura em que eu fui fazer estágio para o banco, foi mais ou menos próximo da conclusão do curso, *err...* e não ficaram propriamente agradados com a ideia quando eu lhes disse que queria ir fazer um *InterRail* logo a seguir, porque eles sabiam que seriam, quatro ou cinco semanas sem fazer muito e se calhar também

tinham um pouco o receio de que aquilo pudesse ser uma eventual porta aberta para um protelar desta situação mais indefinida. *Err...* de resto sempre vivi em Coimbra, viver com colegas, ter outras experiências, sair um pouco para fora e, portanto, com o passar do tempo, eles foram olhando para isso de uma forma mais calma e também eu não decidi ontem que ia ingressar no mestrado em gestão este ano e portanto desde que eu comecei a falar disso eles também se apaziguaram um pouco mais e ficaram contentes verdadeiramente. E além disto esta questão do mestrado também, além de os ter acalmado um pouco deste devaneio meu, devaneio não, desta fase mais sem fazer nada e depois acaba por ir dar um pouco à questão dos rendimentos. Apesar de, lá estar, nós vivermos bem, sentem um pouco a despesa de um filho que anda aí a gastar dinheiro sem fazer grandes coisas e portanto foram dois aspetos muito importantes para eles: o eu tomar mais um passo na minha formação académica, uma coisa que certamente me trará mais benefícios e oportunidades em termos profissionais, mas por ser também um passo que convém que quanto mais cedo eu der melhor porque me vai permitir outro tipo de profissões e ter uma bagagem diferente. *Err...* porque a verdade é que *err...* e também devo dizer isto, não tive propriamente a sacrificar-me ou com um horário muito rígido na experiência que eu tive, no estágio no banco.

ENTREVISTADOR – Fale-me um pouco dos seus rendimentos.

LUÍSA – *Err...* rendimentos eu não tenho nenhuns *err...* fiz aquele estágio como disse, não remunerado, e portanto eu rendimentos meus não tenho absolutamente nenhuns. *Err...* sou totalmente sustentada pelos meus pais. Tenho uma mesada de EUR 400,00 para gerir *err...* que é fixa mas acaba por não ser não é? Porque... Sabemos bem como é que é, uma pessoa pede, precisa disto, precisa daquilo e quando as pessoas gostam e têm sentem-se sempre na obrigação de dar o máximo possível e a par com isto, não mencionei antes, mas também tenho uma irmã, portanto não sou a única fonte de despesa que eles têm *err...* a minha irmã é mais

nova que eu, tem 17 anos, está neste momento a concluir o ensino secundário *err...* e portanto, verdadeiramente, também não tem os gastos que eu tenho e também poderá ser um outro aspeto que me leva a encarar esta questão do mestrado novamente para mais cedo para, digamos, dar o bom exemplo, apesar de eu já ter concluído a licenciatura no tempo normal, aceitável *vá, err...* acho que é uma coisa importante, não me quero desleixar disso agora e espero que a minha irmã também ingresse num curso superior, pelo menos acho que é disso que ela faz tenção...

ENTREVISTADOR – Conhece algumas pessoas, isto é, tem amigos numa situação semelhante há sua?

LUÍSA – Situação semelhante em que aspeto?

ENTREVISTADOR – Que tenha uma vida parecida com a sua.

LUÍSA – Mas está-me a perguntar colegas de curso, está-me a perguntar...

ENTREVISTADOR – Sim. Percursos semelhantes. Foi influenciada por alguém neste percurso?

LUÍSA – Certamente fui influenciada por muita gente *err...* colegas, pessoas mais velhas, pela televisão, por muita coisa *err...* tenho sempre com quem viajar, como já referi, uma das vantagens de entrar para o ensino superior é conhecer pessoas muito diferentes e de sítios muito diferentes e, portanto, quando eu fazia a pergunta era neste sentido, lá está *err...* como eu dizia fui influenciada por muitos fatores *err...* por coisas que via, por colegas, se bem que a maioria das minhas colegas não têm tantas facilidades, digamos quanto eu e, portanto, quando eu saía para fora ou quando ia fazer viagens ou coisas desse género era para ir ter com colegas nas mais variadas situações, desde colegas minhas mais velhas que já acabaram e estão a

trabalhar lá fora a colegas minhas que estão em *Erasmus*, toda a minha vivência influenciou-me, mas a coisa principal que me permitiu fazer isto e eu tenho esta noção, é o nível de vida que os meus pais têm. Porque se eles não tivessem não interessava a influência ou não, eu não tinha podido dar-me a este luxo nos últimos treze meses *err...* não, há que descontar os três meses que estive no banco apesar de não ganhar nada *err...* praticamente sem fazer nada que possa ser considerado útil.

ENTREVISTADOR – O futuro, se calhar... projetos futuros, prioridades de curto prazo, de longo prazo, e depois uma breve descrição de como imagina a sua vida aos quarenta e tal, cinquenta anos.

LUÍSA – É assim, a curto prazo, como já referi tenciono entrar no mestrado, concluir o mestrado o mais rápido possível, quero ver se me empenho um pouco mais do que me empenhei na licenciatura, embora não saiba se isso vai correr bem ou não *err...* médio a longo prazo olhe não sei o que tenciono, acho que está nessa altura também, o mestrado também vai ajudar nisso. Tenciono arranjar um emprego, começar agora a adquirir mais experiência profissional e de preferência numa profissão remunerada *err...* e não sei, é isso... a seguir ao mestrado é começar a trabalhar numa coisa que surja, pronto vou aproveitar as oportunidades que tiver e espero que sejam algumas. Se me perguntar como é que eu me vejo no futuro daqui a uns anos, olhe, gostava muito, e acho que é uma coisa que está cada vez mais no nosso contexto global, permite-nos isso, gostava muito mesmo imagine de trabalhar à distância, gostava de ter uma profissão à distância, em que pudesse trabalhar em casa ou a partir de outro país *err...* e daí o mestrado também irá ajudar porque certamente precisarei de adquirir outro tipo de competências a nível académico e profissional, mas gostava muito de poder trabalhar à distância de... de poder viajar para um sítio qualquer, estando essa viagem relacionada com trabalho ou não, e poder trabalhar à distância no meu computador, sei lá, prestar serviços numa empresa, mas contratada como profissional liberal, não sei, acima de tudo é

isso. *Err...* bom isto que lhe disse agora não sei, acho que deu um bocado para entender que o exemplo que eu tenho em casa, isto é um pouco paradoxal, o exemplo que eu tenho em casa por um lado, é aquilo que me permite hoje estar onde estou, tomar as opções que tomo, mas é também uma coisa para a qual eu olho e que me influencia em termos negativos, ou seja, como eu disse há pouco eu usei a expressão *workaholic* até. Eu vejo os meus pais e são umas pessoas muito dedicadas à sua profissão, são muito bem sucedidos, mas também os ouço queixarem-se muito, também os ouço stressados permanentemente *err...* eu olho para os meus pais e há muitas coisas que eu vejo e que se puder vou contornar, portanto, eu quero trabalhar e conciliar isso com a minha vida pessoal, particularmente viver a vida. Eu uma vez li um autor *err...* que falava de mini reformas ou reformas antecipadas. O nosso modelo de sociedade hoje em dia é... ou... somos pensados para trabalhar a vida inteira e ao fim usufruir a fortuna, mas quando esse momento chegar já não nos resta grande coisa verdadeiramente e, portanto, eu quero aproveitar as oportunidades que tiver, espero conseguir pensar fora da caixa para o conseguir, porque não é qualquer pessoa que consegue levar uma vida assim... e é isto...

C.6. Manuel

C.6.1. Dados Referentes ao Sujeito Manuel

- Género: masculino
- Idade: 22 anos
- Atividade Principal: analista principal

C.6.2. Entrevista

A entrevista transcrita foi realizada em março de 2015.

MANUEL – Boa noite, o meu nome é Manuel, a... a minha idade é 22 e, bem, neste momento trabalho e vou agora falar sobre o que é que fiz até chegar a este ponto. Bem, vou começar pela minha família, err... para explicar um pouco qual é que é o meu contexto e o que é que fez com que eu tomasse as decisões que tomei ao longo desta minha curta, mas até agora de sucesso, vida profissional e académica err... bem, com quem eu vivo. Neste momento, err... vivo com colegas, colegas esses que também trabalham na mesma cidade que eu, no entanto, vivi, acho que penso que é importante para explicar as minhas decisões, vivi em Coimbra, cidade onde vivi uma boa parte da minha vida, cerca de 15 anos, apesar de ser natural de Lisboa err... vivi, com os meus dois pais e com dois irmãos, ou seja três filhos desses dois pais, os dois mais novos, o que também penso que pode ter influenciado as minhas decisões, no futuro, dado que o filho que vai à frente deve fazer sempre o bom exemplo para os que se seguem. Err... bem, a nível de escolaridade dos pais: a minha mãe tem o nível de escolaridade de licenciatura. Estudou e provavelmente, é curioso como é que uma pessoa agora olha para isto tudo e o que pode ter influenciado alguma coisa na tua vida. Estudou gestão, área sobre a qual eu me vim a debruçar no futuro e o meu pai tem o nível de estudos de doutoramento e... e

estudou filosofia e história contemporânea. Err... bem, situação profissional dos meus pais. Os dois estão empregados e um está empregado no setor, um dos meus pais está empregado no setor privado num cargo de administração de uma empresa, enquanto que o outro está empregado no setor público enquanto professor universitário. Relação com o agregado familiar, bem não sei se acabei por já responder a esta pergunta mas, na verdade a relação não podia ser melhor. Tenho dois pais, como já expliquei, que sempre tentaram tomar... seguir ou levar a cabo um papel importante na vida, não só na minha, como na dos meus dois irmãos mais novos, como disse. Err... portanto se pudesse sumariar com uma palavra digo boa, ou duas, muito boa. Err... quanto à influência nas minhas decisões posso dizer que talvez fossem muitas as opções que os meus pais tiveram não é, quando, quando dois adultos tomam a decisão de ter um filho e quando pronto, a educação, a educação dos seus filhos, a geração que vem a seguir cria obstáculos e problemas novos todos os dias para um pai, e eu acho que sim, havia imensas escolhas que os meus pais podiam ter feito e sim, eles decidiram tomar decisões e... e ter um nível de influência em nós deixou que, se me é permitido, foi muito positivo porque deixou que nós seguíssemos o nosso próprio caminho individual, e único com certeza, mas sendo que nunca fomos colocados em perigo, em situações de exposição social err... desmesurada. De perigos... físicos até. Portanto, penso que nos foram dadas todas as condições para que nós pudéssemos tomar as nossas decisões, desde cedo, e portanto sim, a influência dos meus pais existe, e a meu ver num nível alto, que eu agora vejo como correto... Os dois irmãos que tenho err... são de sexo diferente, tenho um irmão do sexo masculino e um do sexo feminino, e os dois mais novos e se é que deixo que influenciem a minha vida, é mais na perspectiva de que, pronto, pela relação que tenho com eles e por fazerem parte da minha família e por nutrir sentimentos por eles. Penso que, penso que isso me coloca uma certa pressão, saudável, diria eu, de tentar fazer o meu percurso err... dado o nosso contexto familiar err... justifique as oportunidades que tivemos e que pronto, sirva como uma força inspiradora e orientadora para duas pessoas que vêm

a seguir a mim... e a quem eu espero que tudo corra bem. Pronto, e assim chegamos àquilo que foi, as minhas poucas mas, mas até agora, as únicas que tenho, escolhas. Err... sobretudo, ela relacionou-se com o percurso académico e com a incursão no mercado de trabalho onde agora voltei a estar. Err... bem, talvez indo direta... direto ao assunto, e cortando o mais caminho que posso eu começaria por fazer uma breve referência à minha instrução a nível do secundário e para isso digo que, na altura vivia numa cidade, a cidade que já referi até agora, Coimbra, onde vivi uma boa parte da minha vida, err... praticamente 15 anos e... e aí fiz também o ensino secundário como estava a dizer, optei por estudar, na altura fiz a escolha, fiz a escolha de estudar ciências socioeconómicas, err... mas com facilidade percebi que, percebi que as duas matérias que mais me motivavam eram exatamente as mesmas que me tinham feito escolher essa zona de ensino. Primeiro a matemática, claramente, claramente a matéria que mais me motiva e que novamente veio, veio a determinar as minhas escolhas no futuro err... e por outro lado uma ciência social diferente claramente, características diferentes, a história económica que tive a hipótese de estudar nesta área. Por isso essa escolha pareceu-me como natural porque me dava hipótese de contactar com ciências, com ciências exatas, nomeadamente a matemática onde muito apostei e onde, e onde me sentia bem enquanto estudante e por outro lado o contacto com as ciências sociais e a história que sempre foi uma das... uma das matérias que mais, que mais gostei e que mais interesse despertava a um miúdo como eu, que na altura tinha 15 anos. Se me é permitido fazer aqui uma referência, eu acho curioso que, olhando para trás e agora com esta entrevista que me obriga de certa maneira a olhar para trás, penso que, talvez, o meu agregado familiar, as escolhas dos meus pais err... me tenham feito, talvez de uma maneira inconsciente a levar o caminho que levei. Basta ver que a zona de estudos que estudei, que decidi ter para mim é próximo, a nível do secundário, da minha mãe e que as ciências sociais, talvez por influência do percurso do meu pai, sempre foram uma grande paixão minha... err... bem, assim tentei sumariar a escola secundária, que, de certa maneira, apesar de me ter

proporcionado estas duas matérias de que tanto gosto err... também me fechou um pouco portas, na medida em que o acesso ao ensino superior estava condicionado, estava condicionado às cadeiras que tinha e portanto muitas, muitas matérias relacionadas com as ciências da saúde ou mesmo, ou mesmo ciências sociais err... mais relacionadas com pessoas que tivessem escolhido um percurso de ciências sociais mas de humanidades err... a nível do secundário foram, não digo que fechadas mas diria não seria tão natural, não seria tão natural eu, eu, eu acabar por enveredar por esse caminho err... e então sim, eu penso que foi com algumas restrições apesar de ter aprendido muito a nível do ensino secundário foi com algumas restrições que eu cheguei à escolha do ensino superior, e aí aquilo que eu fiz foi no fundo agarrar-me, agarrar-me àquilo que eu mais gostava. Não foi fácil esta escolha, se me é permitido dizer porque, e como já referi, claramente que a matemática era uma paixão, provavelmente a maior que já tive enquanto estudante err... mas err... pronto continuava, continuava a sentir falta do... das características que fazem das ciências sociais aquilo que são, da procura do saber, nomeadamente daquilo que uma pessoa consegue enquanto estudante de filosofia ou de, área de estudos do meu pai, ou da história, novamente da área de estudos do meu pai. Então esta escolha sim foi difícil, estava condicionado pela escolha a nível de secundário err... e também não, não me apontou para uma só porta e portanto eu vi que tinha em mãos a seguinte escolha: ou então avançava para o estudo da matemática, que tanto me agradava ou, talvez de... percorrendo metade da circunferência chegando à outra ponta do diâmetro, as ciências sociais e a filosofia talvez seria a minha maior paixão. E aqui, eu diria que, não sei, talvez com... nesta altura tinha 17 anos e talvez, talvez por questões de, não sei, de um certo pragmatismo que tanto nos limita aos jovens pressionados pela vontade de ter um emprego e de singrar na vida, talvez tenha escolhido, talvez tenha escolhido aquilo que me parecia um caminho mais curto para um sucesso profissional no futuro e então quase que deixei de lado, ou disse um até já, a um curso de filosofia, que tanto me agradaria, e escolhi estudar Matemática Aplicada, na Universidade de Lisboa,

no Instituto Superior de Economia e Gestão, que era um curso que me proporcionava, proporcionava novamente um adiar de uma decisão final e continuava-me a manter em contacto com questões, com questões de política económica, de macroeconomia, a área que eu mais gostava dentro da economia, mas que me dava uma formação única em matemática pura, aquela que eu mais gostava e também em aplicações que, que, que tanto que se mostraram úteis para a minha vida profissional no futuro, mas já lá vamos. Err... bem, eu diria que a formação que recebi foi muito mais, foi muito melhor e muito mais fácil de aceitar do que esta escolha que eu tive que fazer no ensino superior, que sim foi difícil err... e que sim porque é uma parte marcante da minha vida esta escolha da matemática enquanto gostava de áreas tão diferentes e que me colocaram uma questão tão difícil por querer pensar no meu futuro e me preocupar tanto com ele err... aos 17 anos, mudei então para a cidade onde nasci, Lisboa, e estudei na referida Universidade de Lisboa. Err... sim, não poderia desejar melhor formação e fiquei muito contente com o corpo de professores que tive tanto na formação no secundário, como no superior. Nesta primeira experiência de contacto... neste primeiro contacto com o ensino superior e... universitário, portanto. Err... gostei também, se me é permitido, se me é permitido ir mais longe, gostei também dessa característica por si só e acho que isso depois talvez se tenha refletido no meu percurso naquilo que estava por vir, gostei muito mesmo desse contacto, talvez por a formação ter sido de, pelo menos numa escala nacional, eu diria de excelência, pelo contacto com os professores, o convívio próximo e o tentar usufruir do privilégio que é ter alguém que tem uma vida já feita enquanto investigador e professor err... dispostos, uma pessoa disposta a nos ensinar. Tentei tirar o maior partido disso e penso que ganhei, passei a ter um gosto claro pela vida académica, por aquilo que é ser professor, por aquilo que é estudar assuntos, por aquilo que é err... entrar em contacto com pessoas que podem não estar no mesmo nível de formação, mas que têm ambição de querer evoluir, querem produzir o seu trabalho científico, que gostam, que dão valor às matérias que estão a ser ensinadas, portanto sim, a formação foi de muita

qualidade, e novamente abriu portas para aquilo que, que seriam as minhas ambições no futuro enquanto, enquanto aluno. Err... não... em paralelo, eu diria que não foi só de livros que se fez a minha, a minha estadia, neste caso em Lisboa, err... devo referir que tive a hipótese de viver em diferentes zonas da área metropolitana, da grande área metropolitana de Lisboa. Err, estudei... vivi, perdão... vivi com familiares, numa casa de familiares err... numa zona da grande Lisboa, tive a sorte dessa experiência me ter servido como um amortecedor ou como uma primeira almofada para a mudança de cidade não é, é sempre bom uma pessoa estar rodeada dos seus familiares quando muda de, de contexto e depois, talvez a segunda parte desta vivência académica, enquanto, enquanto não só estudante, mas um estudante que vive, tive oportunidade de sair de casa, essa casa de família... e estudar, e viver com outros estudantes. Penso que essa experiência foi marcante err... claro que o meu estilo de vida mudou, claro que tive... os meus horários eram agora determinados por mim e não, não pelas pessoas que viviam ao meu redor e que isso sim, isso fez-me entrar em contacto com a típica vida académica, com a articulação com uma vida boémia se é que posso, se é que posso assim caracterizá-la e os estudos, os livros, a ambição sem ser prejudicada, pronto, pela vontade de entrar em contacto com os meus amigos, por ter experiências de socialização tanto à noite, como à tarde, como de manhã e de tirar o máximo partido da cidade bonita que é Lisboa, que tanto tem para nos oferecer. Err... eu diria que, eu diria que neste período, aquilo que eu comecei a achar foi que de facto, as escolhas que eu estava, que estava a fazer, passo após passo, estavam a ser determinantes, a ser determinantes para o meu percurso. Do nada, eu vi que entrei com 17 anos na faculdade e brevemente teria 20. E 20 anos de idade, e com facilidade aos 20 anos de idade, e com empenho e com gosto pelas matérias, estaria licenciado com, com mérito académico e que isso faria-me enfrentar um novo problema que era o que fazer a seguir, não é? Bem, e eu devo dizer que aqui, talvez, o problema tinha sido bastante mais difícil, porquê? Porque agora as portas eram outras, err... se uma pessoa aos 17 anos sabe que vai estudar e estudar só, aos 20 se calhar, e se o

aproveitamento escolar não tiver sido negativo, as portas são muitas mais. Bem, e foi assim que eu, que eu me deparei com a seguinte questão: o que é que eu deveria fazer? Será que deveria prosseguir os meus estudos? Será que devia, será que devia tentar ingressar no mercado de trabalho? E então, e então foi de facto um problema para mim. Err... eu aos 20 anos tinha ambição, não é? O meu percurso académico foi positivo e, e de facto as pessoas começavam a perguntar-me o que é que eu ia fazer err... os professores que mais, que mais contactavam comigo e que funcionavam como tutores, tive essa hipótese porque o meu curso era para poucas pessoas e eu tive pessoas de referência, de topo, nos assuntos que estudava a acompanharem-me e a começarem a fazer perguntas, a fazer perguntas de facto estavam a fazer-me pensar em assuntos que eu tão cedo não tencionava vir a, vir a abordar, vir a pensar neles e que é que aconteceu? Aconteceu que do nada, eu tive convites para, recebi convites para prosseguir estudos, não a nível de licenciatura mas a nível de mestrado, ainda em Portugal, enquanto que, ao mesmo tempo através do gabinete de saídas profissionais da minha faculdade, desde os 19, aliás, na verdade desde os 18 anos, visto que eu faço anos no final do ano, recebi convites para ingressar no mercado de trabalho. Bem e, e foi assim que vi, que vi que de facto tinha uma nova escolha para fazer. Err... aquilo que eu pensei, não sei se me estou alongar demais, aquilo que eu pensei foi claro, tinha, eu tinha de facto interesse em prosseguir estudos, as áreas que eu gostava continuavam lá, o gosto continuava lá, tanto a matemática, como novamente a paixão pela filosofia e do nada, um terceiro momento, que era esta coisa do, do mesmo jovem, poder trabalhar, poder vestir um fato e uma gravata e fazer aquilo que, por exemplo, os meus pais tanto tempo, todo o tempo, praticamente desde que eu os conheço, fazem. Pronto, e de facto aquilo que eu decidi fazer, aquilo que eu decidi fazer foi tomar, err... tomar... jogar com as minhas possibilidades e tentar ter todas as opções em aberto. O que é que aconteceu? Aconteceu que pelo mérito académico que eu tive e pelos professores que me rodeavam, eu tive hipótese de me candidatar a um programa de mestrado que muito perseguia, e que muito pretendia no sentido positivo, numa área que me

passou a atrair enquanto estudante de uma faculdade, de uma faculdade de excelência, de uma faculdade de excelência nos assuntos económicos em Portugal, que era a política monetária. E assim foi, eu de facto candidatei-me a um programa de mestrado com a antecedência devida de um estudante internacional, a um país que não Portugal, aos Países Baixos, na região da Holanda err... e tive as cartas de recomendação necessárias, passei pelos exames de uniformização de critérios das universidades internacionais e assim foi: candidatei-me e fui aceite ao único programa de mestrado a que me candidatei, e que tanto desejava. Err... ainda assim, aquilo que eu decidi fazer err... e em articulação com este projeto foi jogar, se me é permitido usar esta expressão, jogar nos dois lados, usar os dois lados do campo e aceitei uma das propostas, dos convites profissionais que tive e trabalhei num ramo ligado ou interessado em pessoas com a minha formação académica, que é o da consultoria, consultadoria, perdão... e assim foi. No verão, exatamente no verão em que já tinha sido aceite para um programa de mestrado, para o qual paguei um sinal e adiantei, consegui ter a oportunidade de entrar em contacto com a vida profissional para de facto, tentar usar essa experiência para pronto, jogar no mata mata e ver, pronto dum destes lados err... dum destes lados, eu ocuparei a minha vida futura, não digo que isto é uma decisão altamente vinculativa e que daqui não há retorno, mas de facto, o ano que estava para vir tinha que ter uma escolha de fundo, que seria muito difícil para mim, mas que então tentei resolver com uma estratégia de articulação das duas hipóteses distintas que eu tinha. Bem, assim foi, ingressei, ingressei no mercado de trabalho com um proposta, que propus, que aceitei no fundo, e aceitei, aceitei esta nova e tenra, diria assim, vida profissional para mim err.... se me é permitido, eu gostava só de fazer aqui uma breve referência à minha vida pessoal, porque tudo mudou não é, se eu já lhe disse que fui um estudante universitário e que tive a hipótese de conviver com todos os meus amigos e colegas e amigas err... do nada, a minha vida tinha mudado, porque se eu conseguia com facilidade articular, articular estas vivências sociais e com a minha ambição, com a vontade de tirar o máximo da vida universitária e dos estudos e de

manter todas as portas abertas, tudo era diferente agora que tinha a tal rigidez que a gravata, que a gravata acentuava no meu pescoço, aquele aperto de quem tem de sair de casa de manhã, voltar tarde, err... praticamente não ter tempo para se preocupar com... olhe, por exemplo com a vida social que eu tanto prezava antigamente e tudo mudou, se eu tinha... não foi uma mudança drástica, nem depressiva, mas foi uma clara sensação que eu tive de que já não tinha a possibilidade de praticar desporto com a frequência que o fazia antes. Que já não podia, pura e simplesmente pegar nos meus amigos à noite e dar uma volta ou aproveitar a noite em si mesmo, porque a noite era fundamental para repor energias para no dia a seguir, bem cedo pela manhã, acordar, tomar o meu duche e seguir para o trabalho. Err... e sim, nessa medida, esta experiência não podia ter sido mais clara. Eu vi que sim, era jovem e felizmente tive oportunidade de entrar em contacto, como lhe disse, com o mercado de trabalho err... mas... mas nem tudo eram rosas nesta escolha e de facto se eu pudesse trazer o *down side* de uma coisa destas que é o aspeto negativo, para mim brutal, que sou um jovem como era na altura, é assim, são as restrições que um horário de trabalho nos coloca, são, são as vivências que ficam com mais restrições não é? Uma pessoa está no escritório e no escritório está, as pessoas, os colegas, são sempre os mesmos, é mais difícil de conhecer pessoas diferentes err... e então eu claramente que, que... não digo que me fixe na parte negativa, mas que soube apontar com facilidade e contei, partilhei a experiência com os meus colegas, com os meus familiares, que de facto sim err... não era assim tão bom ir trabalhar e, provavelmente, trabalhar tão cedo poderia ser um erro na minha vida. Claro que vi coisas muito positivas, claro que vi, claro que vi que é importante uma pessoa, uma pessoa ter brio e claro que a experiência profissional proporciona isso, não é? A necessidade de cumprir prazos, de ver uma tarefa claramente desenhada para nós e de ter que, no fundo, chegar à meta, à meta que nos é proposta por uma unidade de gestão independente a nós, não é? Nós não temos qualquer influência, recebemos um projeto e temos de, no fundo, remar para o mesmo lado, trabalho de equipa era fundamental claro está, e no fim chegar à

meta e entregar o produto que era desejado pela, pela nossa, pelo nosso superior hierárquico. Err... não coloco, não vou dizer que esta foi uma das piores experiências que já tive, mas sim, e tentando resumir, poderia dizer que soube ver aquela que é a parte negativa de uma vida profissional, sobretudo quando uma pessoa é jovem e tem outros interesses ainda, interesses de jovem, se me é possível caracterizá-los assim, como... como o culto da vida noturna, socializar, de estar com amigos, de poder pura e simplesmente não fazer nada e aproveitar o tempo. Pronto, sendo jovem, penso que é isto que resume o meu sentimento de ser jovem, também era importante, e portanto, eu vi isto como um entrave. E foi aí que decidi que, bem... felizmente tinha outra porta aberta, não sei se lembra, já foi há algum tempo mas eu referi que tinha, tinha tido a sorte de me candidatar, e fui de facto aceite, ao tal programa de mestrado internacional, e assim foi. O que é que eu me lembrei? Lembrei-me que finalmente, e felizmente, a altura de, de escolher o plano B, ou talvez o plano A, estava a chegar. Bem, aquilo que eu fiz foi, foi ter a certeza que, pronto, que tinha tido, tinha tido uma oportunidade que aproveitei, claro que isso foi bom, até em termos financeiros. Eu sempre vivi, sempre vivi com a ajuda dos meus pais, nunca foi, nunca tinha tido um problema, nem de todo que trabalhar era uma obrigação para mim, uma necessidade por questões financeiras, mas sim, peguei nesse dinheiro, juntei, foi ótimo. Conseguí até usá-lo para coisas, para coisas que me eram úteis, como por exemplo, desenvolver o culto de viajar e de ter acesso a espetáculos culturais, desportivos err... etc., err... eu peguei nesse dinheiro, ainda por cima, não... até nesse aspeto, a experiência não foi má err... deu para os juntar aos rendimentos que os meus pais já me davam, peguei nas minhas malas e o que é que eu fiz? Segui caminho e mudei de país. Fui de Portugal, como lhe disse, onde estudei e tive a minha experiência profissional, para um país diferente, europeu também, nos Países Baixos e aqui comecei o meu programa de mestrado logo no mês de outubro seguinte err... Senti que, e não sei se já encaminhei de mais com a minha resposta há pouco, senti claramente que esta era a escolha certa. Que sim, enquanto estudante eu me revia e achava que estava a viver o meu tempo, enquanto

jovem, de uma forma adequada. Porque uma vida de estudante é uma vida boa, que tantas, tantas saudades deixa a uma pessoa que depois ingressa no mercado profissional, e não é a toa. Um estudante pode... é, diria de uma maneira maioritária, dono do seu tempo, não é? Pode escolher os seus horários, pode determinar os seus objetivos de acordo com as suas características, com acesso aquilo que é, com acesso aquilo que é o conhecimento de si mesmo, não é? Se... e como é que se organiza, como é que lida com objetivos diferentes etc. E eu joguei com isso. Voltei a ser estudante e que bom que foi, err... sinto que a experiência profissional que tinha tido anteriormente tinha sido bastante útil para mim. Err... na medida em que comecei até a dar mais valor à vida de estudante err... e percebi que de facto estudar é ótimo, mas que devia servir sempre para alimentar aquilo que são as minhas ambições profissionais, que eu sempre tive e que esta experiência profissional não fez com que eu as desarmasse, não é? Eu não desarme o meu gosto por uma carreira ambiciosa, por ter a certeza que ia utilizar os meus conhecimentos e o meu, e o meu mérito académico para trazer nem que seja, olhe como referi há pouco, como exemplo para os meus irmãos mais novos e até motivo de orgulho para a minha família que tanto me apoiou enquanto jovem. Portanto sim, aqui comecei eu enquanto estudante, de mestrado agora. A experiência foi ótima err... consegui não... consegui novamente tirar bons resultados, desenvolver os meus interesses pelas matérias que mais gostava, entrar em contacto novamente com uma camada, com um corpo de professores internacional também muito útil, com ligações a setores de atividade que eu muito admirava como a administração pública. Neste caso, de um país estrangeiro, de um país estrangeiro para mim e também em organismos internacionais de decisão pública, sim pública, mas sobretudo aquilo que faz brilhar os olhos de um jovem com ambição, e qual é este tipo de organismo? É um organismo que toma decisões importantes para as pessoas que nos rodeiam, não é? Saber que uma organização de peso e de relevo na organização internacional seja ela política ou económica sem dúvida que faz, que faz com que uma pessoa com ambição se sinta no caminho certo. Contactar com

peças de qualidade a nível académico, mas com um percurso profissional que, bem, que seja de louvar eu diria, é ótimo e não poderia trazer melhores palavras do que estas que trago agora. Foi uma experiência única de contacto err... académico e já até de cariz profissional de excelência err... enquanto que, novamente, consegui articular com a minha vida social, conheci imensas pessoas dos quatro cantos do mundo err... exatamente na mesma situação que eu, talvez sem, sem preocupações, focadas em estudar err... com interesses em temas próximos aos meus ou até exatamente os mesmos que os meus, com vontade de fazer desporto, de conhecer a cidade, de conhecer países, outros países europeus, de viajar etc. E por isso sim, sumariando esta experiência foi única e tendo tido a outra experiência que eu referi profissional vi, vi que não só complementou aquilo que eu tinha tido antes, mas sobretudo err... sobretudo foi uma espécie de alívio err... porque aqui só havia lados positivos e podia continuar a desenvolver-me enquanto estudante, enquanto que o meu potencial para ingressar no mercado de trabalho só... se acontecesse alguma alteração seria só e apenas positiva e mais valorizado estaria para... para o olhar do empregador. Então, foi com naturalidade que aquilo que eu fiz foi concluir este trajeto académico também, então o programa de mestrado. Escrevi o meu primeiro grande trabalho académico que foi a minha tese de mestrado, com a orientação da área de política monetária. Tive a possibilidade de conciliar a minha formação em matemática e utilizar as minhas capacidades de modelação matemática para inferir sobre impactos, não sei se estou a ser preciso demais, mas utilizei a modelação económica para falar sobre economia e estava subitamente a trabalhar dois assuntos que tanto gostava, que tanto gostava e a escrever o meu trabalho científico sobre isso err... a propósito do estudo que fazia da política económica. Portanto, tanto a nível académico como, como de preparação do percurso profissional, como até de socialização, como já disse com os meus, com os meus companheiros internacionais não poderia dizer melhor desta experiência, sobretudo depois da que tive, da que tive, na primeira experiência profissional que tive. Assim sendo, e arrancado a ferros este primeiro grande intervalo do percurso

académico, voltei a ter uma questão para fazer que era: e agora? Aquilo que me passava pela cabeça, passou imediatamente, e que se me afigurava como o percurso mais natural era prosseguir estudos seja, seja... esta continuação dada através de um programa de doutoramento ou até de um novo mestrado, mas de facto, a vontade de estudar continuava lá, eu não a posso esconder. Sobretudo, visto que tinha já produzido o meu primeiro trabalho científico, já sabia quais eram os temas com os quais me sentia mais a vontade e que até, existiam áreas completamente distintas como já referi, como seja a filosofia, a história que eu com facilidade voltaria a estudar, ou recomeçaria a estudar, mas, aquilo que eu achei foi que agora seria diferente e que agora já não teria 20 anos, mas teria 21, brevemente, passado um verão teria 22, estávamos em julho de 2014 quando regressei, e que se calhar se justificava eu voltar a fazer uma incursão, diferente, no mercado de trabalho, mas sim que voltasse a... que voltasse a mergulhar no mercado de trabalho e ver o que é que poderia sair para mim de lá. Foi com naturalidade então que eu, que pronto, que eu desta vez tomei uma decisão que me pareceu natural, que foi a de me candidatar a uma entidade, agora em Portugal, um organismo ligado à decisão, à decisão económica e de relevo para a sociedade portuguesa err... e fui aceite, e felizmente, se bem que esta é uma experiência recente para mim, estou a trabalhar no tal organismo que referi err... posso dizer, não sei, posso dizer que, que é um setor ligado à banca, mas que sobretudo me proporcionou uma coisa que eu, que eu muito respeito e que muito importante é para mim que é o seguinte, que é a capacidade que me dá de todos os dias enfrentar desafios novos, sendo que os únicos requisitos que eu necessito é de utilizar as experiências académicas e culturais que tenho, para no fundo resolver problemas, para uma instituição de relevo e de impacto grande na sociedade portuguesa, o que não me poderia deixar mais contente. Err... vejo que o percurso que, e talvez em jeito de súplica, err... vejo que o percurso que tive err... e a formação académica que tive, com o tal intervalo para uma breve experiência profissional que tive, que acabou por ser quase um trabalho de verão, se é que lhe posso chamar assim err... vejo que, vejo que tudo se

encadeou, vejo que, vejo que a influência dos meus pais, os amigos que tanta influência têm em mim e que tanto me acompanharam err... vejo que todas as minhas decisões foram, foram, não diria que programadas, mas diria que apareceram a um ritmo natural e com, claro que até um certo grau eu tive dúvidas, antes de dar cada passo em frente que dei, mas vejo que mesmo com essas dificuldades consegui garantir que estudei aquilo que mais gostava, consegui garantir que o mérito académico me iria abrir portas para poder, para poder fazer com que a minha vida profissional ou até académica venha a fazer jus aquilo que são, que foi o meu trabalho, à vontade que os meus pais tinham de me acompanhar e de garantir que podia vir a ser um profissional competente, um cidadão com brio e com vontade de vencer na vida err... e portanto sim, vejo que de facto percorri uma linha, vejo um certo fio lógico nas escolhas que tomei, mesmo que talvez não tenha sido de maneira 100% consciente e de... não por acreditar em forças determinísticas que me iriam levar a uma só porta e um só caminho, mas vejo que não podia estar mais contente com as escolhas de matérias que fiz para estudar, não podia estar mais contente com a aplicabilidade que agora consigo fazer delas, com as portas que ela me abriu e com o trabalho ambicioso que eu agora posso fazer com as ferramentas académicas que tive, com, com a possibilidade que tive, que tive de contactar com pessoas diferentes err... pessoas diferentes, pessoas de ambientes culturais distintos, sobretudo no programa de mestrado tive, mesmo de ambientes culturais, e diria com restrições financeiras diferentes, e com *backgrounds* diferentes mesmo dentro do meu próprio país, visto que estudei em duas cidades diferentes e duas realidades bastante diferentes, e que por fim err... se é que posso destacar err... aquela experiência que eu há pouco referi relacionada com, relacionada com o mercado de trabalho, aquela experiência que tive enquanto cidadão de 20 anos, meio desorientado e com dúvida do passo a tomar a seguir, uma decisão grande que se adivinhava. Penso que foi útil, foi útil porque fez, fez ver que através da comparação, posso tomar conclusões, não é? Posso-me aproximar daquilo que é a minha resposta certa. Se eu não me sentir confortável com as bruscas mudanças que

o meu estilo de vida sofreu, não é? O menor contacto que passei a ter com os meus colegas, com os meus familiares, etc. Com a pressão e a rigidez do estilo de vida de um trabalhador err... de um trabalhador de oito horas por dia no mínimo, não é? Até porque há setores que exigem bem mais de uma pessoa que outros. Talvez o meu caso não fosse o melhor naquela altura. Eu senti que de facto, por comparação, pela experiência que tinha enquanto estudante, não é? De jovem, sim, de facto molhei o meu pé, o meu pé na água fria e vi que se calhar gosto muito é de estar na areia e voltei, voltei, fui estudar, penso que este percurso foi, este programa de mestrado foi riquíssimo e abriu-me portas e achei que com muito mais naturalidade e com, talvez ainda com uma maior possibilidade de escolha, ingressei no mercado de trabalho no futuro e não podia estar mais feliz com o caminho que levei. Err... não sei se falta acrescentar alguma informação...

ENTREVISTADOR – Err... Manuel aqui durante o trabalho de verão, referiu-se a um trabalho de verão, mas julgo que era um emprego propriamente dito. Terminou a licenciatura, foi trabalhar, mas demitiu-se muito rapidamente de modo a ingressar no mestrado logo no ano letivo seguinte, foi isso?

MANUEL – Exatamente, sim...

ENTREVISTADOR – Estamos a falar de uma experiência profissional de quanto tempo?

MANUEL – Cerca de dois meses e meio, não sei, talvez não esteja claro, eu acabei o meu programa de licenciatura, acabei com mérito, com mérito académico em junho, se não estou em erro, tinha tido o convite para começar exatamente em junho, assim o fiz, troquei, troquei as camisas de estudante por camisas de gente que trabalha. Comecei a trabalhar, logo a seguir err... mantive sempre, mantive sempre uma relação de proximidade com a entidade empregadora e por isso avisei

que isso seria sempre uma experiência para mim. Que eu de facto, se fosse aceite pela entidade empregadora e se gostasse, sobretudo claro, não sabia na altura err... se poderia prosseguir na empresa em causa, mas que de facto tinha-me candidatado a um programa de mestrado, onde tinha sido aceite e portanto sim, esses meses poderiam, como de facto vieram a ser, ser só dois meses e meio. E assim foram, se bem que, claro está, as portas estavam abertas para uma continuidade, seja nessa empresa ou noutra, mas como lhe disse pareceu-me natural, pareceu-me natural fazer uma escolha diferente. Sim, licenciiei-me, dois meses e meio de trabalho e, como combinado, usei uma das portas de saída que tinha porque achei que não seria esse o caminho a seguir na altura.

ENTREVISTADOR – Manuel err... em termos de rendimentos que não falou nessa parte, e naturalmente sem referir valores, classifique-me assim rapidamente, o seu nível de satisfação com essa vertente do emprego err... que tem atualmente.

MANUEL – Atualmente ou o percurso total?

ENTREVISTADOR – Não, atualmente, atualmente...

MANUEL – Ok. Atualmente, bem, claro que uma pessoa, uma pessoa quando fala de ambição e de vontade de triunfar e de fazer o seu percurso não... claro que dá relevo, que dá relevo aquilo que é a estabilidade financeira, a possibilidade de obter bens e serviços com facilidade, poder fazer uma ou outra extravagância assim... assim uma pessoa tenha essa vontade. Portanto não vou omitir o seguinte, não vou deixar de dizer que, de facto, talvez a minha situação financeira, para um jovem como sou, neste momento tenho 22 anos err... dificilmente poderia ser melhor. Tenho a sorte de ter um trabalho estável, que tanto gosto, e que me dá, e que me dá, sobretudo para a idade que tenho, condições financeiras, dada a realidade do país não poderia ver, ver... classificar como melhores. Err... sim até

nessa perspectiva, talvez as minhas escolhas, a minha vontade de estudar, a minha aposta num segundo grau de estudos académicos, num programa de mestrado, talvez isso tenha influenciado agora a posição que tenho enquanto trabalhador e, conseqüentemente, não vou, não vou omitir, o nível de rendimentos que tenho. Penso que posso ter uma vida desafogada felizmente, e independente, que também é importante, não é? Uma pessoa que é ambiciosa gosta sempre de poder, de poder não ter de ligar aos pais todos os inícios de mês para receber a mesada, não é? É sempre bom uma pessoa, uma pessoa ter o seu próprio dinheiro e até poder oferecer umas coisas aos pais, que tanto deram por nós, não é? Err... portanto sim, acho que além das características positivas que já disse sobre o meu, sobre o meu emprego atual que tanto, que tanto me pressiona sim, financeiramente estou bem, mas gostaria só de fazer uma ressalva. Eu acho que, talvez, não sei se isto ajuda a marcar aquilo que é o meu perfil, mas sempre que falei em ambição err... e vontade de aprender e de... e de fazer vincar o brio no meu caráter, e utilizar a minha experiência profissional para isso, não me referia propriamente a questões pecuniárias, não é? Ou de importâncias monetárias que eu estaria à espera de vir a ter na conta bancária ao final do mês. Sim, isso é um, eu diria que um efeito secundário porque a possibilidade de aprender, de usar os meus conhecimentos, no fundo de ver que o meu percurso, o meu percurso académico e profissional levou a que eu agora esteja satisfeito sim, e com muitas portas abertas e com muita ambição. Isso é que é o mais importante para mim. Não sei se respondi à pergunta, mas...

ENTREVISTADOR – Sim, sim, completamente. Err.. julgo que nos faltam só os projetos futuros. Fale-me só um pouco das suas prioridades tanto a nível pessoal como profissional. Curto prazo, médio prazo, como se imagina no futuro...

MANUEL – Sim, olhe no futuro imagino-me casado. Err... acho que uma das coisas que a vida já me, já me deu a conhecer é que... é que a relação com os próximos, e neste caso com uma mulher, é algo de louvar as relações com os

próximos sejam relações de cariz familiar, sejam de amizade, sejam, seja a relação típica de um homem com uma mulher, são coisas muito importantes, laços cruciais e que me ajudam a definir como pessoa, portanto, e em tom de brincadeira, claro está, claro que casar é talvez o meu principal, o meu principal objetivo, não diria a curto prazo, não é? Que as coisas aparecem quando têm de aparecer, mas, a nível pessoal, claro que desejo saúde a todos os que me rodeiam, mas fora isso, casar e ser feliz. Err... profissionalmente, e penso que uma coisa anda de mão dada com a outra, eu quero, eu quero que as coisas continuem a evoluir como têm evoluído. Acho que, como já disse, dificilmente consigo imaginar melhor para mim do que já tive. As escolhas nem sempre foram fáceis, mas felizmente estou feliz com as que fiz. Quero, quero continuar com a folga que tenho, psicológica e até motivacional para continuar a conciliar, se me for possível, estudos e trabalho e nessa medida, e claro está já que falei um pouco daquilo que faço e que tanto me motiva enquanto profissional agora, sei que está... é eminente, se é que posso dizer assim, é eminente aquilo que vai ser o meu ingresso na vida de estudante. Claro que agora de uma maneira diferente, não é? Provavelmente não abdicarei da minha carreira profissional, do sítio onde trabalho, da minha posição, da carreira que estou a começar a iniciar, mas vejo que os estudos, novamente podem, podem servir-me como... como um apoio por serem uma coisa de que tanto gosto e que tantas portas já me abriram err... como um apoio e fonte de felicidade e até, e até proporcionarem a possibilidade de, de agora fazer coisas que se calhar não pude fazer, não é? Há tantas áreas que eu gostava de ter estudado como referi, com 17 anos, tantas escolhas que podia ter feito com, com 20, enquanto, enquanto quase aluno de mestrado, e agora sim, vejo que com a folga que tenho, com a ambição que tenho e com a felicidade que tenho, que é ter um trabalho que me motiva e onde tudo me corre bem, e onde as portas estão abertas e a ambição, a ambição flui e acho que sim. Profissionalmente, vejo que só posso querer continuar a contactar com as pessoas com que contacto, com os desafios que recebo, que felizmente tenho vindo a cumprir, e se possível, intercalar isso com um programa de estudos mais, mais

avançado, quiçá a nível de doutoramento ou um novo mestrado numa área, numa área que eu goste. Talvez agora finalmente possa vir a estudar filosofia agora que, bem, os medos já não fazem sentido e posso abraçar qualquer área de conhecimento à vontade err... Sim, profissionalmente penso que posso desejar um ritmo, um ritmo tão bom como o do status quo de evolução e de experiências novas e desafios novos. Err... talvez, talvez possa falar sobre o lado menos bom, não é? Err... nem tudo, err... claro que sou jovem e como estou a fazer transparecer, de facto sou ambicioso e quero que tudo corra bem, e continue como tem estado, mas tenho, tenho... tenho consciência de que, de que, bem, se com facilidade, não diria, err... mesmo que não tenha passado por isso, mas sei que há entraves, sei que a sociedade em que estamos inseridos neste momento err... está a atravessar um momento particularmente sensível e, portanto, sim, também sou um jovem preocupado, sei que talvez alguns jovens com a minha idade podem... podem não ter tido acesso às experiências a que tive acesso, podem não, com facilidade não poderem entrar agora no mercado de trabalho para uma área que gostem ou numa área em que se sintam enquadrados, portanto, tenho a preocupação de... de estar consciente, de estar consciente daquilo que é o nosso país, dos entraves que um jovem como eu pode passar e portanto, e nem que seja por aí, dos entraves que eu possa vir a passar num futuro próximo, porque nunca se sabe. Por mais que uma pessoa tente construir o seu trabalho, há sempre coisas que não se controlam, não é? Err... portanto nem tudo são coisas boas, claro que sim, que é preciso ter os pés bem assentes na terra e... e de facto estar preocupado com um certo grau de incerteza, que infelizmente, e por melhores características que o nosso país tenha, está presente. E está presente no nosso dia-a-dia. Seja pela sombra do desemprego, desemprego jovem até, que tanto nos aflige, como pela instabilidade, a instabilidade financeira, aquilo que é... aquilo que percorre os nossos telejornais, não é? Pobreza, tantas coisas... a escassez de oportunidades, no fundo aquilo, a ausência daquilo que eu agora olho para trás e vejo que é muito importante. Oportunidades, possibilidade de ter uma família que nos acompanhe, possibilidade de não... de

poder tomar decisões, no fundo. Porque no fundo é isso que nós todos queremos, que é construir o nosso, o nosso caminho e portanto sim, também existe um lado preocupado num jovem com eu. Err... não só para os outros e os meus caros concidadãos, mas também para mim porque nunca se sabe o dia de amanhã. Err... bem, posto este lado mais negativo de parte, err... talvez, talvez fazer aqui uma breve ponte para aquilo que agora é diferente enquanto profissional, enquanto profissional que agora sou. Se há pouco referi que, que bem, que foi difícil de ver a minha vida a alterar-se. Que foi difícil de ver, de me ver de fato e gravata e de ter de trabalhar às oito da manhã no escritório e que se calhar acabei a licenciatura e não estava preparado para ingressar no mercado de trabalho e que queria, e que queria passar por experiências diferentes àquela. Agora, não é que tenham passado duas ou três décadas, mas passaram dois anos e vejo-me como uma pessoa diferente. Talvez mais, com um estilo de vida mais amigo daquilo que um jovem profissional deve ter, não é? Que é, que é perceber que se calhar, a ambição que tem e a vontade que um jovem possa ter de singrar no futuro, vem a um custo. Um custo que depois combinado agora com a idade que tenho vem, vem de uma maneira mais baixa, é um custo mais baixo. Agora esta vida é algo que, é algo que continua a ser desafiante e que também tem as suas partes negativas, mas que encaro com muito maior naturalidade e que vejo como uma condição *sine qua none* para, para levar a cabo err... aquelas que são, aquele que é o percurso, não é? Que eu quero vir a percorrer. Err... porque sim, porque tenho um percurso de ambições como já disse e nunca se sabe se daqui a 30, 40, 50 anos não vou poder utilizar toda aquela que é a minha experiência e aquilo que ainda vou, que ainda está para vir, seja a nível humano, de experiências que venha a ter com os meus colegas, amigos, familiares err... filhos, família etc. Err... que não possa vir a utilizar isso para singrar na minha vida profissional e garantir que a minha posição seja ainda maior, claro, de maior relevo para, para a sociedade onde vivo, que quero ajudar e que quero, que quero ter a certeza que vou influenciar de uma maneira positiva. E não vejo outro caminho senão apostar em mim mesmo, não só para a minha valorização, para a minha

estabilidade emocional, financeira, tudo o mais, mas também para poder oferecer um futuro bom aos meus, e aos meus concidadãos, não vejo, não vejo ambição mais natural para mim do que essa enquanto, enquanto, jovem. E é isto.

C.7. Matilde

C.7.1. Dados Referentes ao Sujeito Matilde

- Género: feminino
- Idade: 24 anos
- Atividade Principal: coordenadora de gabinete de contabilidade

C.7.2. Entrevista

A entrevista transcrita foi realizada em dezembro de 2014.

MATILDE – Olá, eu sou a Matilde, tenho 24 anos, err... acabei há pouco tempo, há pouco tempo como quem diz, foi há dois anos e meio, o meu curso e para esta entrevista venho aqui falar um bocado sobre mim. Eu nasci em Tondela, mas entretanto o meu pai arranjou um emprego melhor aqui em Lisboa e mudámos para cá. Eu tinha 7 anos nessa altura, e passei a viver em Lisboa a partir daí. Fiz todos os meus estudos desde aí em Lisboa. Err... tive uma vida de estudante normal, err... de quem vive em casa dos pais, com liberdade q.b. Nunca fui uma pessoa atada por estar em casa, sempre tive de fazer as minhas tarefas domésticas, sei lá, fazer a cama, ajudar a minha mãe na cozinha e essas coisas. Se não estivesse ninguém em casa, cozinhava para mim, sempre fui desenrascada a cozinhar e por isso às vezes até me ia safando de ajudar noutras tarefas (risos). Sempre pude fazer tudo o que me apetecesse, dentro dos limites razoáveis, claro. Desde que fosse cumprindo com as minhas obrigações escolares e assim estava sempre tudo ok. Err... na faculdade segui economia porque gostava de números, gostava de matemática, já tinha umas noções de contabilidade porque o meu pai trabalhava nessa área na altura, portanto tive aquele empurrão familiar e pronto, fiz o curso, vivi com os meus pais, estudei música, toco violino, estudei, err... tive muitos hobbies. Fiz dança, ballet... pronto...

err... em relação ao meu curso em Lisboa, eu gostei, era dentro do que estava à espera... não foi propriamente uma experiência que mudou a minha vida... eu fui para a Nova, fiz algumas amizades na faculdade claro, mas os meus melhores amigos fiz no básico e no secundário. Como já disse, não indo estudar para fora, a vida de quem está em Lisboa não muda significativamente com a faculdade, portanto, err... não foi uma mudança de ares muito grande. Os professores foram bons, empenhei-me e gostei das cadeiras. Eu sempre gostei de contabilidade e de controlo de gestão, mas na hora de escolher achei que um curso de contabilidade poderia ser pouco abrangente. Portanto, também já sabia um bocado o que é que queria fazer. Err... ao viver com os meus pais eu tinha sempre os pés bem assentes na terra, não tive muitas oportunidades para me perder, portanto eu sabia bem o que é que tinha que fazer. Demorei um ano a mais a terminar o curso, nada de extraordinário, uma cadeira atrás aqui, outra ali, uma melhoria de nota ou outra a mais e num instante passa mais um ano. Portanto... quando acabei o curso estava um bocado indecisa, o meu pai perguntou-me se eu queria fazer mestrado, o que é que eu queria fazer da minha vida, se queria continuar e eu decidi que queria um bocado partir à exploração... queria, err... queria conhecer o mundo pelos meus olhos. A minha ideia foi logo ir para o centro da Europa porque isso ia-me permitir viajar e conhecer realidades diferentes, mas ao mesmo tempo era relativamente perto de casa. Err... arranjei um emprego no Luxemburgo, através de uma amiga dos meus pais que está lá emigrada há muitos anos. Nos primeiros tempos até fiquei em casa dela. O Luxemburgo tem muitos portugueses e... pronto, isso também ajuda. Acho até hoje que foi uma boa opção. Ganha-se bem, dá para viver confortável, viajar e ainda poupar um bocado. Err... já mudei de emprego duas vezes desde que lá estou. Neste momento estou a chefiar um pequeno gabinete de contabilidade. A empresa onde estava antes era maior e mais reputada, mas eu também não quero ficar para sempre no Luxemburgo... esta foi uma primeira oportunidade de liderança e pronto, não quis desperdiçar, quis ver como seria liderar e acho que me estou a dar bem. As três pessoas com que trabalho, err... e que

tenho de coordenar, portanto, nós somos uma equipa de quatro, são acessíveis e isso ajuda muito. Confesso que tive algum receio no início, por ser mais nova que as pessoas que iria coordenar, err... penso que é normal, não sabia como é que as pessoas iam reagir à minha entrada, mas felizmente correu tudo bem. Err... bem, como ia começar a dizer, em relação ao Luxemburgo err... para mim o Luxemburgo não passa de um patamar, eu pura e simplesmente achei que era bom para ganhar alguma experiência, viajar e para ganhar algum dinheiro também, como já disse. Mas não é, nem nunca foi, uma escolha inequívoca foi... foi uma hipótese que surgiu como poderia ter surgido outra qualquer. Se fosse na Alemanha, se fosse na Bélgica, podia ser na França ou na Inglaterra, era para onde eu ia. Simplesmente o Luxemburgo foi o que apareceu primeiro, tinha ajuda lá para os primeiros tempos e sabia que havia muitos portugueses, claro. O rendimento também era bom para quem está a começar, mas de resto... err... aquilo não é uma festa, aquilo não é assim nada de especial para viver... não passa de um patamar err... apesar de não ter prazos. Mas para já estou bem... o emprego em si não é muito difícil nem tem um horário puxado, tenho as normais horas de trabalho e consigo entrar e sair à hora, nada de sobrecargas. Consigo ter muito tempo para as minhas coisas, que também é importante... quanto mais não seja para manter a casa minimamente organizada. E depois claro, o Luxemburgo não é como Portugal, não é? Err...

ENTREVISTADOR – Em que aspetos é diferente?

MATILDE – Err... por exemplo... logo para começar não temos o sol inacreditável para ir para a esplanada beber imperiais ou para ir passear ao pé do rio. Digamos que sair de casa só porque sim à procura de alguma coisa para entreter, err... nunca é tão aliciante. Parece que tenho mais tempo até... mas há sempre uma série ou um filme para ver enrolada numa manta (risos). E depois também não tenho pessoas da confiança das que tenho cá em Portugal para sair só porque sim, não é? O modo como estamos integrados na cidade onde estamos em cada momento, pronto... é

relevante. E eu vivo sozinha, apesar de já conhecer muita gente... é por opção. Podia viver com alguns dos amigos que já fiz, já me convidaram, já tive oportunidades, mas, err... gosto muito de ter o meu espaço, err... só para mim... para viver acompanhada já chegou com os meus pais... o controlo dos horários, as justificações, o ter de avisar como vou, quando vou e para onde vou... não é que fosse demasiado rígido, err... mas havia sempre aquela justificação a dar... esse tipo de coisas... agora só quando casar e felizmente ou infelizmente não há perspectivas disso (risos). Mais de metade dos fins-de-semana saio do Luxemburgo e coordeno as viagens ou com a sexta à tarde ou com a segunda de manhã, tenho essa flexibilidade err... por exemplo, se for de comboio passar o fim-de-semana a qualquer lado não é fundamental, mas para apanhar voos baratos em horários piores dá sempre jeito poder ir à sexta ou voltar só à segunda. Err... e vivendo em Portugal tudo isto seria impossível... primeiro pelo dinheiro, claro, mas mesmo por causa da geografia, o Luxemburgo tem muito mais para onde ir à volta. E depois as condições laborais. Eu vejo pelos meus amigos que ainda estão aqui em Portugal... ouço as histórias das minhas amigas que estão cá a trabalhar e comparando às minhas, tenho que dizer que tenho muita sorte, err... maus salários, sobrecargas horárias absurdas, chegam ao fim-de-semana e só querem dormir, poucas oportunidades de progressão... enfim, é o país que temos... portanto, tenho que dizer que a minha situação financeira é bastante satisfatória, consigo poupar e ter uma boa vida... E sempre que quero estou em Portugal em três horas... venho a casa no Natal e no verão, isso é sagrado e de resto, vou aparecendo por cá... não tenho problemas de dinheiro. Os meus pais também sempre viveram bem. Err... mais... err... se calhar aproveitava para falar um bocado mais da minha família. Como já disse, o meu pai é licenciado, err... em gestão de empresas e é diretor comercial numa empresa do ramo automóvel. A minha mãe tirou línguas modernas e é professora de português e francês do sétimo ao nono ano. Não tenho irmãos, sou menina dos papás (risos). Mas como ia a dizer, eles até dizem que me dão dinheiro para eu vir a Portugal mais

vezes, só que viajar só para cá vir passar um fim-de-semana ou assim, também é chato e cansativo. Err... mais... (pausa)

ENTREVISTADOR – Aproveito a sua pausa. Localize-me no tempo por favor. Quando entrou na faculdade, quando saiu e quando foi para o Luxemburgo. De resto, parece-me que só ficaram a faltar os planos futuros...

MATILDE – Eu entrei na faculdade em 2008, até aí fiz tudo certinho, claro. Depois acabei em junho de 2012. No verão estive por cá de férias e fui para o Luxemburgo em setembro. Estou lá há dois anos e tal, quase dois anos e meio. No futuro, err... na empresa onde estou não tenho grandes perspectivas de progressão de carreira, é um gabinete de contabilidade pequeno. O dono já é velhote e quer passar mais tempo em casa com a família, ir aqui e ali buscar e levar os netos, essas coisas... como disse aceitei mais pelos valores envolvidos e pela experiência de liderança. Vou estando atenta ao mercado, mas também, e embora não tenha prazo, como já disse, não planeio ficar no Luxemburgo. Em relação aos meus projetos futuros, err... bem... provavelmente hei-de casar e ter pelo menos dois filhos. Não gostei muito de ser filha única. Três também já é demais, é preciso paciência e folga financeira. De qualquer modo neste momento estou sozinha... solteira mas feliz. E talvez isso até nem mude, nunca se sabe. Err... a ideia da família é-nos instituída socialmente, se calhar não é uma necessidade ou uma vontade de todas as pessoas. Às tantas até vou continuar bem assim por muito tempo, nunca se sabe. A nível profissional quero continuar a evoluir e ganhar cada vez mais e ter cada vez mais reconhecimento. É o que todos queremos, acho que não tenho assim nenhum objetivo fora do comum. Talvez tirar um mestrado que dê jeito a um futuro empregador, não sei. O ideal até seria encontrar um empregador que o pagasse numa idade em que ainda tivesse paciência para estudar. De resto é continuar a ter uma vida tranquila em que seja dona de mim própria e possa sempre ir fazendo as coisas que gosto, err... e estar rodeada das pessoas que gosto, err... não literalmente

porque não vivo em Portugal, mas pronto... são escolhas. Eu fiz as minhas e acho que não posso pedir mais. Quando não servir salto fora e mudo de rumo...

C.8. Pedro

C.8.1. Dados Referentes ao Sujeito Pedro

- Género: masculino
- Idade: 23 anos
- Atividade Principal: dirigente associativo

C.8.2. Entrevista

A entrevista transcrita foi realizada em dezembro de 2014.

PEDRO – O meu nome é Pedro, tenho 23 anos, concluí a minha licenciatura em economia há cerca de seis meses. Err... entrei na faculdade com 18 anos depois de concluir o secundário. Err... não tinha a certeza de qual a área que queria seguir, mas escolhi economia, pelo meu gosto pela matemática e pelos números. Err... portanto, entrei na faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. A minha adaptação foi... foi boa, integrei-me rapidamente nas atividades da faculdade e do curso. Fui sempre, dentro do possível err... assíduo às aulas e a todas as palestras e... atividades curriculares. Envolvi-me cedo em atividades associativas, o que também me fez demorar dois anos a mais a acabar o curso err... Isto porque comecei a colaborar, pouco tempo depois da minha entrada na faculdade, com a associação de estudantes do curso. Associação essa com o qual trabalhei durante... durante dois anos err... e ao fim desse tempo integrei um projeto para a direção da associação de estudantes cujo mandato ainda estou a cumprir porque só termina em janeiro do próximo ano e eu já concluí a minha licenciatura em julho passado. Err... portanto, ao concluir a licenciatura estava ainda, e estou ainda, ocupado com atividades associativas por isso ainda não iniciei a minha procura de emprego ou ainda não tenho pensado qual é que será o meu futuro. Não decidi se no futuro próximo

quererei procurar imediatamente um emprego ou se optarei por fazer voluntariado ou alguma atividade que me leve até outro país que é uma experiência que eu não tive durante o meu percurso académico precisamente por estar ocupado com as atividades associativas e com as atividades letivas de uma forma geral e é por isso uma experiência que eu gostaria de ter... Mas apesar desse gosto estou mais inclinado para conseguir obter alguma experiência profissional para mais tarde ter uma ideia de que área escolher para me especializar, para tirar um mestrado.

ENTREVISTADOR – Está-me a dizer que não pretende fazer um mestrado já de seguida à licenciatura, é isso?

PEDRO – Não, não, não, ir diretamente... após ter concluído a licenciatura ir diretamente frequentar um segundo ciclo de estudos não é o meu objetivo. Esta área, como lhe disse, não foi uma escolha cem por cento certa à partida, mas não foi de forma alguma um erro. Tanto que assim que entrei em economia soube cedo que era realmente aquilo que eu queria... principalmente por ser uma área grande o suficiente para ter um vasto leque de saídas profissionais possíveis. Sempre fui... sempre fui interessado desde muito novo pelas notícias e quando estava na altura de de... da minha adolescência que é quando uma pessoa começa a tomar mais atenção ao mundo que a rodeia a economia estava a ter err... estava na ordem do dia... eventualmente a partir da crise económica de 2008... e isso fez despertar muito o meu interesse. Eu tenho por hábito ver notícias da atualidade, ler artigos, ler o Diário Económico de entre outras publicações, portanto foi sempre uma área que me chamou muito. Após ter estudado economia err... só foi positiva a experiência. Se era algo que me despertava a curiosidade agora é algo que... que sem dúvida faz parte da minha vida e quero também dar o meu contributo, aliás, num plano a longo prazo prosseguir os meus estudos é precisamente nesse sentido de poder deixar o meu contributo à ciência económica... o canudo pode ser uma mais-valia em termos de empregabilidade e nos dias de hoje significa cada vez mais apenas isso, mas eu

acho que isso é um erro das sociedades atuais err... as universidades são fábricas de empregados e não de conhecimento... para trabalhar espero que a licenciatura chegue e quando chegar a altura de escolher um mestrado quero muito produzir algo útil e... err... espero mesmo não necessitar do canudo do mestrado para alavancar as minhas possibilidades de trabalhar...

ENTREVISTADOR – Ok... parece-me que tem também outros interesses que talvez sejam interessantes de abordar... o que o levou ao associativismo?

PEDRO – Um conjunto variado de fatores err... em primeiro lugar, o primeiro chamariz, digamos assim, foi a representação, portanto, a oportunidade de desempenhar uma função de voz de uma comunidade, neste caso uma comunidade académica, de estudantes. Err... mas isso, para mim, acho que seria sempre algo apelativo em qualquer instituição do ensino superior, mas na Universidade de Coimbra em particular a nossa associação académica não é uma mera associação de estudantes, é algo mais que isso... é a sua história, o seu passado de luta política de defesa dos estudantes é algo que... que chama por nós e nos inspira para fazermos o melhor possível na representação dos nossos colegas e foi sem dúvida a única coisa que... que me deu essa força anímica para perder mais algum tempo das minhas atividades curriculares... (pausa)

ENTREVISTADOR – Se calhar poderíamos passar à família...

PEDRO – Err... a minha família neste momento apoia-me ainda... de uma forma total. Acabei a licenciatura, não estou ainda empregado, digamos assim. Estou ainda a desempenhar uma função associativa, por isso moro com a minha família, com os meus pais e com a minha irmã mais velha que se encontra numa situação semelhante à minha. Tenho com eles uma boa relação, eles dão-me todo o apoio que eu preciso. Se influenciaram a minha escolha em relação à minha área de estudos,

não diria, diria que me deixaram toda a liberdade para... para tomar essa decisão por mim mesmo. Até porque acabei por seguir uma área completamente diferente da qual eles fizeram vida. O meu pai é médico, tirou o curso de medicina cá em Coimbra, e a minha mãe é professora... professora de português, também cursou aqui na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Que mais posso acrescentar... são ambos licenciados, deve ser um dado importante... (pausa)

ENTREVISTADOR – Há pouco dizia-me que ainda depende dos seus pais porque ainda não ingressou no mercado de trabalho. Essa dependência é meramente de ordem financeira?

PEDRO – Não, nunca estive empregado e essa dependência sim, é financeira. Os meus pais contribuem para as minhas despesas sejam elas recreativas ou académicas. Ou melhor, pagam-nas. A mesada é a minha única fonte de rendimentos (risos)... claro que a ideia de ter os meus próprios rendimentos, produto do meu próprio trabalho é algo que se pudesse escolher, ou se eu já tivesse... era positivo... mas também perderia outras coisas com isso, não é? Não se pode ter tudo... Agora, claro que com a idade que tenho já começa a não ser tão agradável ter de pedir dinheiro para qualquer coisa que precise ou queira... já sinto que dada a minha idade e pelo facto de já ter concluído o primeiro ciclo de estudos, talvez fosse melhor já estar empregue e ganhar o meu próprio dinheiro... No fundo acaba por ser isto que me faz ponderar ter... ou não ter no caso, claro... outro tipo de experiência porque err... como disse há pouco, gostava de fazer voluntariado, ou uma viagem prolongada ou algo do género... Tenho a certeza que eles não se oporiam, mas mais do que financeiramente, não sei de que maneira isso reduziria o potencial da minha carreira... Já demorei mais dois anos do que era suposto na licenciatura, portanto, o curso de economia é uma licenciatura de três anos e eu demorei cinco a concluir... Isto de, entre aspas, andar a brincar ao associativismo

não é nada fácil (risos)... agora mais a sério, tenho algum receio que me traga prejuízos futuros...

ENTREVISTADOR – E considera que isso foi proveitoso para si. Esse tempo despendido? Estava agora algo reticente em relação a eventuais prejuízos...

PEDRO – Sem dúvida que foi porque mais do que qualquer outra coisa que eu já tivesse feito na minha vida anteriormente e mesmo que tenha feito entretanto, ensinou-me a trabalhar em grupo, ensinou-me a trabalhar em equipa, ensinou-me a mobilizar, inculcar noutros o espírito de trabalho por uma causa que é maior do que todos nós... e a defesa dos estudantes é uma causa que é maior que qualquer indivíduo... No meio disto há os amigos, os convívios, as noitadas, os copos (risos)... Agora mais a sério outra vez... se calhar já chega, por isso é que a minha ponderação ainda não está cem por cento concluída e que talvez a minha prioridade devesse passar por arranjar experiência profissional para ter uma vida a sério err... com horários, regras, err... mais responsabilidade no fundo... com tudo o que isso representa. Para depois como disse prosseguir os meus estudos. A questão do voluntariado é uma vontade, é um gosto, mas se conseguir conciliar, digamos uma experiência mais curta nesse aspeto, a nível dum projeto de verão, seria o preferível, porque sem dúvida que a minha prioridade neste momento é arranjar experiência profissional para poder depois ter uma melhor noção da área que quero seguir. Porque, mais uma vez, quero continuar os meus estudos mas mais tarde... (pausa)

ENTREVISTADOR – E a sua família, o que pensa dessas suas dúvidas?

PEDRO – A minha família compreendeu que o associativismo era algo muito importante para mim, não foi para eles muito determinante, não foi para eles fator de discórdia o facto de eu ter andado mais dois anos para concluir a licenciatura devido à minha participação associativa. Fui intercalando com o argumento de que

fazendo menos “cadeiras” por semestre, também teria melhores notas err... e de facto isso verificou-se. Os meus pais, penso que por eles preferiam que eu estudasse e terminasse definitivamente os meus estudos e o mais depressa possível, apesar de compreenderem que uma experiência profissional será benéfico para a conclusão desses estudos... e até para a utilidade pessoal que retirarei do mestrado. Eles preferiam que eu concluísse agora, que entrasse já num mestrado, mas compreendem também que é benéfico para mim ter uma experiência profissional... (pausa)

ENTREVISTADOR – Err... falou-me há pouco da independência financeira face aos seus pais. Parece-me que essa será também uma das prioridades que tem aliada à escolha da área de estudos para o mestrado. De que forma ter os seus próprios rendimentos é também uma motivação ou entra na sua vontade de começar a trabalhar a curto prazo?

PEDRO – Absolutamente, é também um dos dados principais desta equação. Para qualquer pessoa a partir de determinada idade, da idade que eu tenho agora, começa a ver o facto de ainda estar dependente dos seus pais err... financeiramente com maus olhos, ou seja, é esperado que alguém, um jovem adulto que... que comece a ganhar, trace o seu próprio caminho, comece a ganhar a sua independência em relação à família e quiça começar a preparar a médio e longo prazo a formação da sua prova... Err... É assim, eu basicamente recebo dos meus pais uma quantia que me permite, portanto... as minhas despesas do dia a dia, seja... sejam refeições durante o período letivo, sejam... sejam despesas recreativas. No fim de semana, como por exemplo... há várias coisas que gosto de fazer por exemplo cinema, concertos, sair à noite, ler. Compro livros, é algo que... é uma despesa que também está incluída nesse montante e que dá até algum gosto aos meus pais que tenha porque me inculiram desde sempre esse espírito da leitura, mas que não deixa de ser dinheiro que indiretamente sai do bolso deles e conflitua com outras

atividades de lazer das quais não quero dar tantas explicações, não é? (risos)...
(pausa)

ENTREVISTADOR – Falou-me agora dos seus principais hobbies, era um ponto que também tinha referido na introdução como importante, talvez possamos aproveitar... Reflita sobre a disponibilidade que tem para esses hobbies...

PEDRO – Err... bem... neste momento, que já terminei os meus estudos, ainda desempenho uma função associativa, mas ainda não estou a trabalhar como... a tempo inteiro... ou.. seja de que forma for, sim tenho tempo, bastante tempo para essas atividades. Evidentemente... err... sei que com um emprego, com uma ocupação diária, o tempo que eu teria disponível para isso será reduzido. Tenho consciência disso. Err... por agora aproveito ao máximo o tempo que tenho disponível para essas atividades lúdicas, chamemos-lhes assim...

ENTREVISTADOR – Sente-se realizado até ao momento pelo percurso que trilhou?

PEDRO – Absolutamente. Concluí o curso com uma média que me satisfiz, e que foi proporcional ao meu empenho e... e o meu percurso associativo também me deixa muito satisfeito porque desempenhei as funções que gostaria de ter desempenhado no tempo que para elas destinei... (pausa)

ENTREVISTADOR – Em relação ao futuro err... já me falou de algumas coisas de curto prazo. Ainda tem algumas dúvidas no que irá querer fazer, tanto a nível pessoal como profissional. Quererá agora trabalhar, mas também tem outras prioridades a nível pessoal e, conforme lhe disse no início, este trabalho aborda exatamente a conciliação entre estas duas dimensões. Fale-me um pouco das suas preocupações e anseios futuros, tanto a nível pessoal como profissional...

PEDRO – Err... tenho para mim que a minha experiência err... o meu caminho profissional seguirá um rumo que fará com que seja a minha principal ocupação sempre, portanto, isto para dizer que não... não me imagino no futuro a desempenhar alguma função para além daquela que for a minha carreira profissional. Não, portanto, fazendo aqui uma comparação entre funções associativas e por exemplo a participação na vida política, não é algo que eu pretenda fazer no futuro. A política partidária, por exemplo, não me diz muito, por isso nunca será um fator para me afastar da minha vida profissional. Em relação aos meus hobbies como referiu err... calculo que durante os primeiros tempos em que estiver empregado não será tão fácil conciliar esses tempos livres com o trabalho, mas espero que à medida em que a minha carreira for progredindo, à medida que a minha vida pessoal e também em termos financeiros for estabilizando ao longo da minha carreira espero também poder recuperar essas horas de lazer...

ENTREVISTADOR – Porquê essa preocupação com o início de carreira?

PEDRO – Baseia-se em experiências de colegas mais velhos que nas mais variadas áreas do conhecimento err... ao iniciarem a sua vida ativa, depois de concluírem os estudos, depois de começarem a trabalhar err... noto que todos eles, de uma forma geral, mais uma vez independentemente da área, têm uma carga horária bastante pesada, bastante intensiva e... pronto, pela falta de exemplos em contrário, calculo que vá ser o que eu vou encontrar também.

ENTREVISTADOR – Permita-me explorar essa sua reflexão. O que é que o faz querer começar a trabalhar num futuro próximo se sabe das dificuldades que vai enfrentar, em termos de lazer, da sua vida pessoal, das coisas que gosta de fazer?

PEDRO – Err... é uma boa pergunta... penso que toda a gente trabalha por necessidade... talvez as pessoas possam ter necessidades diferentes... a questão aqui é: eu ao mesmo tempo que tenho uma vontade muito grande de me tornar independente financeiramente da minha família ao mesmo tempo sei que posso contar com eles para tudo. Neste momento é uma grande vontade de independência, que não advém de qualquer espécie de conflito, de qualquer espécie de dificuldade material, mas advém de uma grande vontade de independência. E sim, para isso a curto ou médio prazo estou disposto a sacrificar alguns aspetos da minha vida relacionados com o lazer e o tempo livre. A minha necessidade é querer a minha independência, mas... err... não terei problemas em dar o passo atrás ou... no limite, talvez... por exemplo... se arranjar um estágio muito bom em termos curriculares, mas que não seja remunerado, talvez me sinta útil na mesma e nessas circunstâncias não tenha, entre aspas, o problema de continuar dependente dos meus pais err... acho que posso afirmar que a minha ambição não é meramente material... como é que hei-de explicar, err... eu considero-me ambicioso, mas não ganancioso, portanto pretendo viver, e trabalhei para isso... pretendo viver confortavelmente, com capacidade para realizar qualquer despesa que seja necessária, mas não tenho ambições de grandeza. Penso que não serão para mim algo muito importante... Viver o mais confortavelmente possível penso que será o meu objetivo... não sei se me faço entender... o ideal, para mim pelo menos, é que... err... consiga ter o dinheiro e a realização pessoal de mão dada na minha vida tão rápido quanto possível...

ENTREVISTADOR – Como é que imagina a sua vida a longo prazo? Aos 50 anos, por exemplo, já terá finalmente feito o voluntariado?...

PEDRO – Err... bem... aos 50 anos... aos 50 anos espero que a minha vida familiar já esteja num estado em que eu, portanto, já estarei casado, os meus filhos já também encaminhados, se não estiverem numa fase semelhante aquela em que eu estou

agora. A questão de voluntariado, existe a possibilidade de se tornar num sonho irrealizado, na medida em que foi uma vontade que surgiu, no meu percurso académico que eu não fiz que foi ter uma experiência de intercâmbio, de *Erasmus*, de estar um semestre ou um ano fora, portanto, não tive uma experiência de... de contacto com um país estrangeiro durante um período prolongado e também é daí que surge o meu gosto pela questão do voluntariado, mas penso que se tiver alguma oportunidade de o fazer, fá-lo-ei, mas... mas calculo que a partir do momento em que err... já depois de uma experiência inicial de trabalho, de já ter concluído os meus estudos no mestrado presumo que a minha vida profissional vá absorver qualquer possibilidade de... de uma experiência semelhante, de uma experiência de estar, de conhecer... prolongadamente um país estrangeiro. Err... por isso calculo que aos 50 anos esteja com a minha carreira mais... bem mais do que definida e que a minha família... a minha vida familiar esteja perfeitamente estável. Acho que é um desejo geral, que acho que qualquer pessoa gostaria que assim fosse no futuro...

ENTREVISTADOR – Permita-me só fazer uma última pergunta. Em que medida percursos semelhantes ao seu, familiares, amigos ou ídolos, influenciaram os seus projetos e ambições?

PEDRO – Ora bem, err... penso que nunca terá sido... nunca terá sido muito por aí. Considero que tenho alguns ídolos, algumas figuras que admiro muito, mas não, não posso dizer que haja figuras ligadas à área de conhecimento que eu escolhi e cujos estudos prossegui. Penso, penso que não existe uma figura desse estilo, considero que tenho um ídolo a nível de cultura, do cinema, da música e até da história um pouco. Talvez mais os meus amigos sim, apesar de a maioria dos meus amigos não terem seguido a mesma área de estudos que eu, mas... err... mas sim, a própria decisão de seguir um curso superior e não tentar procurar uma via alternativa, seja a arte ou seja err... qualquer outra coisa. Desde cedo não quis

arriscar e quis seguir um curso que me desse também algumas seguranças de um percurso err... chamemos- lhe normal, normal...

ENTREVISTADOR – Pedro, há mais algum ponto que queira abordar nesta entrevista?

PEDRO – Não, penso que não, que não haverá mais nada a acrescentar.

ENTREVISTADOR – Ok, muito obrigado pelo seu tempo e damos assim por concluída a entrevista.

C.9. Sara

C.9.1. Dados Referentes ao Sujeito Sara

- Género: feminino
- Idade: 23 anos
- Atividade Principal: auditora

C.9.2. Entrevista

A entrevista transcrita foi realizada em fevereiro de 2015.

SARA – Sou a Sara, tenho 23 anos, sou do Porto mas estou agora a trabalhar e a viver em Lisboa, err... eu vivo com o meu namorado, nós já andamos há imenso tempo... vai para sete anos... estou a trabalhar numa empresa de auditoria err... sempre foi uma área que eu gostei muito, sou muito perfeccionista e no trabalho de um auditor as contas têm de bater sempre certinhas, não é? Gosto da empresa em que trabalho também. É uma multinacional e considerando a minha idade, e eventualmente, a porta da emigração que está sempre aberta, err... trabalhar numa empresa que eu sei que é conhecida nos quatro cantos do mundo, penso que é uma mais-valia no início de carreira. Trabalhar assim numa grande empresa e... sei lá e...ganhar bom dinheiro, não é? É o que no fundo toda a gente quer... acho eu... pelo menos eu penso assim. Err... família, err... os meus pais são os dois médicos e vivem no Porto, eles são de lá... e tenho também um irmão mais velho. Tem mais três anos que eu e dou-me muito bem com ele. Err... aliás sempre demos, nunca tivemos as típicas quezílias entre irmãos nem quando éramos miúdos. Err... como disse os meus pais são médicos, academicamente são licenciados. A nossa... err... poderia falar pelos dois, por mim e pelo meu irmão, mas esta entrevista é individual (risos)... a minha relação com os meus pais é assim um bocadinho... como é que eu

hei-de dizer, err... atribulada é pouco... é mesmo relação de amor/ódio que acaba por ser também normal, não é? Entre uma filha e os pais... Eu tive uma educação muito... os meus pais são muito conservadores, são mais velhos que os pais da maioria dos meus amigos também, o meu pai tem 67 anos e a minha mãe tem 61, err... e isso fez com que nós também tivéssemos uma educação, como é que eu hei-de dizer err... muito rígida. E acabávamos sempre por entrar um bocadinho em conflito, especialmente com o meu pai, que a minha mãe foi ficando um bocado mais liberal com a idade, err... e isso acabava também por interferir imenso na minha vida privada... pessoal... principalmente a nível de estudos claro, todas as notas eram más. Ter 15 ou 16 era uma nota má para o meu pai. Para ele eu tinha de seguir medicina à força e ter uma média suficientemente boa para entrar no S. João que supostamente é o melhor e todas essas tretas. Err... mas também a nível pessoal era péssimo. Na altura em que comecei a namorar, estava a viver com os meus pais, claro, tinha 16 anos. E o meu pai desde logo resolveu embirrar que não gostava do meu namorado porque ele tinha notas assim e assado e os empregos dos pais dele eram isto ou aquilo... o meu namorado tinha... e tem ainda... uma grande paixão pelo surf, e ensinou-me a surfar, e o meu pai dizia que eu perdia muito tempo a surfar, que me devia concentrar mais nos estudos e que ele me levava por maus caminhos... *hello!* Estamos a falar de um desporto! Era desesperante. Vida académica então nem se fala. O que vale é que eu nunca gostei muito de sair à noite nem de apanhar grandes bebedeiras, mas ir beber um copo era sempre um filme. Com isto, obviamente que tinha mais era de me despachar mesmo a estudar para conseguir ir-me embora e sustentar-me. Eu olhava para os meus colegas da faculdade e o que mais invejava não era a falta de regras que tinham por viverem sozinhos, era mesmo ter a minha casa onde pudesse estar descansada. Mas pronto... andando para a frente, err... acabei o curso de economia em três anos, fiz tudo certinho, entrei em setembro de 2009 e acabei no final do ano letivo de 2012, txiii... pois é, agora é que uma pessoa vê, já lá vão quase três anos, como o tempo passa... err... posso dizer também que tive uma média boa e que não foi difícil arranjar

emprego. Consegui um estágio em auditoria como queria... eu tinha duas prioridades na altura, uma era sair do Porto, a outra era entrar em auditoria. E atirei-me para Lisboa para não emigrar logo sem nunca ter vivido sozinha. Fui aceite em três empresas durante os normais períodos de recrutamento nesta área, portanto, para entrar no mês de setembro seguinte, err... na altura acabei por não ir para aquela que seria a minha preferida... estava decidida a não depender dos meus pais e o valor que ofereciam lá não era suficiente para eu ter uma vida independente. Ainda assim não me arrependo, era um passo que eu na altura tinha mesmo de dar, e integrei-me bem onde estou também, e as oportunidades foram aparecendo. A empresa tem-me envolvido em projetos e em clientes cada vez maiores e mais aliciantes e isso é bom para o meu crescimento profissional e aprendizagem também, não é? Ainda sou muito nova, tenho muito para aprender neste ramo, err... Já que estou a falar da empresa, err... o meu dia-a-dia, err... agora vivo com o meu namorado, há cerca de um ano... antes disso vivia com amigos porque arrendar ao quarto é muito mais barato do que à casa... estamos a adorar ter a nossa casa, sempre nos demos bem, temos quase todos os amigos em comum e interesses parecidos. Surfamos sempre que podemos, embora a trabalhar não sejam tantas vezes como quando éramos mais novos, não é? Mas vamos-nos organizando. Err... vemos filmes e séries, passeamos por Lisboa que é uma cidade muito rica culturalmente. Há sempre eventos a acontecer, ainda mais que no Porto. Tem imensa vida a cidade e também por isso cada vez se veem mais turistas, como se vai ouvindo nas notícias. E pronto basicamente é isto... Vamos uma vez por mês ao Porto a casa dos pais mais ou menos, e viajamos para longe quando temos férias. O que me falta falar? Ah... curiosamente, ou talvez não, agora dou-me muito melhor com os meus pais. Como tenho a minha vida e já não dependo deles há três anos damos-nos muito melhor e dão-me mais dinheiro do que alguma vez deram antes. É quase irónico (risos). Err... e pronto, acho que fiz um resumo, talvez um bocado atabalhado, é capaz de ser mais fácil agora perguntar-me o que ainda faltar...

ENTREVISTADOR – Tem o mesmo emprego desde que foi para Lisboa e é a sua principal fonte de rendimentos, correto? Fale-me um pouco dos seus rendimentos.

SARA – Posso dizer que sei que ganho mais do que a média dos meus amigos e do que a média nacional, que na minha opinião é muito baixa. Dá para viver de forma confortável. Não é um salário de sonho, poderia poupar mais do que poupo se não vivesse no centro de Lisboa, por exemplo, não é? Err... mas considerando que temos dois salários que em Portugal têm de ser considerados bons, tenho de considerar que vivemos bem. Abrimos uma conta em nome dos dois quando mudámos de casa e cada um transfere para lá todos os meses metade da renda mais um “x” para despesas comuns, tipo água, luz, internet, compras de comida e assim. Não sei se era isto que pretendia...

ENTREVISTADOR – Sim. Então e relativamente a planos futuros? Err... como se imagina num futuro a curto prazo e depois mais para a frente aos 40 ou 50 anos?

SARA – No curto prazo, err... bem... primeiro queria ver se ia finalmente tirar um mestrado. Pode ser importante para outros voos na minha carreira no futuro, mas ando a adiar porque não tenho tempo. Às vezes chego a casa às oito da noite e ainda tenho de mandar mails ou fazer qualquer coisa que me lembro ou assim. E depois quando tenho tempo livre dá-me sempre a preguiça e penso “como é que eu ia estar agora numa aula?”. Err... de modo que não sei como vou fazer, mas o mestrado é uma coisa que quero mesmo fazer e quanto mais adiar pior, não é? Err... de resto, aos 40 ou 50 anos imagino-me como toda a gente acho que imagina, quero ter uma vida dita normal, não é? Dois ou três filhos e ganhar bem para ter uma vida desafogada e dois ou três luxos. Aqui ou no estrangeiro, que já várias vezes pensei, ou pensámos, em ir embora... err... acima de tudo ainda precisamos de perceber se é mesmo por Lisboa que queremos ficar com o que se ganha em Portugal, não é? Mudar é sempre difícil, então se for com crianças pequenas atrás... Err... de resto há

sempre aquela pressãozinha. Como já namoro há muitos anos as pessoas perguntam quando casamos, se não queremos casar, quando temos filhos, etc. Mas lá está, temos mais do que tempo. Acho que já é suficientemente anormal, entre aspas, ter namorado há sete anos, tendo 23. E depois até casar é caríssimo, quanto mais ter filhos. Se bem que para casar talvez os pais pagassem e as prendas rendessem alguma coisa (risos). Err... mas para ter filhos tínhamos de abdicar da nossa vidinha relaxada e sem responsabilidades extratrabalho e é cedo demais para isso. Lá mais para os 30 vê-se isso.

ENTREVISTADOR – Quem pode ter influenciado o seu percurso? Conhece alguém com um percurso semelhante ao seu? Amigos, familiares...

SARA – Não sei, o meu percurso parece-me banal... pelo menos os meus pais não me conseguiram influenciar muito, isso é certo, de resto não sei... claro que tenho amigos com percursos semelhantes, primeiro estudar depois ir trabalhar, essas coisas normais... mas também acho que o meu percurso não tem nada de extraordinário, acaba por ser normal, não sei... err... no dia-a-dia nós somos influenciados por tudo e por nada ao mesmo tempo, não é?

C.10. Vanessa

C.10.1. Dados Referentes ao Sujeito Vanessa

- Género: feminino
- Idade: 22 anos
- Atividade Principal: estudante de mestrado

C.10.2. Entrevista

A entrevista transcrita foi realizada em fevereiro de 2015.

VANESSA – Olá, eu sou a Vanessa, tenho 22 anos, sou de Coimbra, nasci e vivi sempre em Coimbra. Tenho uma irmã mais nova que frequenta ainda o ensino secundário, está no 11º ano. Nós sempre vivemos em Coimbra... quando digo nós sou eu, a minha irmã e os meus pais. Ora... que mais posso dizer? Sou feliz, os meus pais sempre se preocuparam com o nosso bem-estar, meu e da minha irmã. Aceitam as nossas ideias e de um modo geral respeitam as nossas decisões.

Fiz o ensino secundário na Escola Secundária Infanta D. Maria. Fui sempre uma boa aluna. Entrei na Universidade de Coimbra em 2010, aos 18 anos, quando acabei o ensino secundário. Quando pensei no curso que queria escolher, não tive dúvidas. Gostava muito de matemática, embora também gostasse de outras áreas... era boa aluna e isso às vezes pesa na nossa escolha, mas decidi-me pela licenciatura em economia. Adaptei-me bem à faculdade e ao curso e como já era boa aluna continuei a sê-lo... não faltava às aulas e gostei das áreas curriculares que estudei, *err...* claro que umas disciplinas eram obrigatórias e outras podia escolher e gostava um pouco mais.

O meu pai é licenciado em medicina *err...* estudou na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e a minha mãe é licenciada na área de Letras e estudou

também na faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O meu pai tem um consultório privado, do qual é sócio em conjunto com outro médico amigo. Ele é dentista, portanto dá consultas nessa área, arranca dentes, coloca aparelhos, essas coisas normais num dentista. Trabalha muitas horas, claro... A minha mãe é professora de Português, agora numa escola secundária de Coimbra, mas houve anos em que fazia viagens longas para ir trabalhar. Estava colocada longe por causa da antiguidade (pausa)...

Err... tenho com eles uma boa relação, e sinto todo o apoio que preciso, assim como a minha irmã, sempre tiveram com as filhas uma grande preocupação. Sinto-me mais ligada à minha mãe, mas é só porque estou mais tempo com ela. O meu pai passa muito tempo no consultório, atende sempre os pacientes que precisam, muitas vezes aparecem de urgência com dores de dentes ou assim. O meu pai trabalha muito, por opção, mas também porque entende que na sua profissão as pessoas poderão estar a sofrer com dores desconfortáveis que, de algum modo, ele consegue melhorar.

Mais coisas... os meus pais deixaram-me escolher a área de estudos que eu gostava, não fizeram questão na escolha do meu curso, optei por uma área diferente da formação deles, tive liberdade para tomar essa decisão por mim mesma. Conhecia a realidade da profissão dos meus pais, no caso da minha mãe, aquando do início da carreira por vezes acontecia ser colocada numa escola diferente a cada concurso. Isso para mim não dava... *err...* eu não me enquadraria nessa vida, andar sempre em viagem, ou quando as colocações eram distantes de Coimbra andar com a bagagem às costas, *err...* era uma coisa que não me agradaria mesmo. E para os professores mais novos acho que não é expectável que a situação melhore nos próximos anos *err...* tenho uma amiga de infância que emigrou para Moçambique para dar aulas ao nível da escola primária...

Err... e pronto... ponderando todas estas coisas, porque hoje em dia não nos podemos dar ao luxo de não ter a empregabilidade em linha de conta, *err...* mas sobretudo porque gostava, sim, também não quero que pareça que calculei tudo

menos os meus gostos, gostar foi um dado fundamental na escolha *err...* acabei por decidir seguir uma área completamente diferente da área profissional dos meus pais. *Err...* e que mais hei-de falar?

ENTREVISTADOR – Os seus pais, apesar de não se oporem às suas decisões, como já referiu, ficaram agradados com a sua opção de estudar economia, no fundo uma área tão diferente dos exemplos que tem em casa?

VANESSA – Os meus pais gostaram da minha escolha. A minha mãe está sempre a falar da dificuldade que os colegas dela, sobretudo os mais novos, têm em conseguir colocação. Hoje em dia é difícil ser professor, mas eu também não gostava. O meu pai gosta muito do que faz e tem sucesso na profissão dele, mas sabe que eu não gostaria dessa profissão. Eu sou muito... como é que hei de dizer? *Err...* tenho muito apoio da minha família, mas sou independente nas escolhas do que gosto de fazer. Na relação com a minha família posso contar com tudo, afetivamente, monetariamente, mas os meus pais também sabem que, apesar de prezar a minha liberdade, o meu sucesso e realização pessoal é muito importante para mim... para todos, é como se fosse um pacto de lealdade. Quando decidi estudar economia foi também porque acho que esta área... era uma área que, posteriormente, me poderia dar diferentes saídas profissionais. Como acho que já referi fui sempre uma boa aluna e responsável. Gosto de estudar e devo fazê-lo como exemplo para a minha irmã também. O facto dos meus pais viverem bem e terem um nível de vida muito alto, não justifica que não dê o meu melhor. *Err...* de resto... concluí a licenciatura em julho de 2013 e durante o meu percurso académico estudei, participei nas praxes académicas, colaborei em atividades desportivas ligadas à Associação Académica de Coimbra e ainda dei uma pequena colaboração no núcleo de estudantes do meu curso. Aproveitei estas experiências extracurriculares para... bem, que também foram importantes no meu percurso de aprendizagem. Aprendi a trabalhar em grupo, em equipa, aprendi a vida de um

modo diferente. A trabalhar em equipa já estava habituada, mais a nível do desporto, pois pratico basquetebol desde os 10 anos. Depois quando terminei a licenciatura fiquei indecisa, não sabia bem se queria frequentar logo um mestrado, em Portugal ou noutra país, ou eventualmente optar por um trabalho, um estágio ou algo assim. Até porque queria pensar melhor no mestrado a frequentar, na mesma área, ou eventualmente em gestão e assim ficava em modo dois em um, na mesma universidade ou eventualmente em Lisboa ou no Porto. Bem... as dúvidas eram muitas, está fácil de ver... Os meus pais não se oporiam à minha decisão, qualquer que ela fosse. O meu pai disse-me que se eu entrasse na *London School of Economics* e precisasse de EUR 50000,00 para fazer um mestrado que não seria por isso que não o faria. E uma experiência internacional também não estava de todo fora de questão como disse, fosse ela um mestrado ou não. No entanto, e apesar das minhas dúvidas, optei por ficar em Coimbra, na mesma universidade, mas fazer o mestrado na área de gestão. Iniciei em setembro de 2013. Assim também pude continuar a jogar basquetebol por mais algum tempo, sem grandes mudanças, a equipa é muito importante para mim, conhecemo-nos bem e somos muito unidas. A maioria das minhas amigas de infância são do basquete. Agora que terminei o mestrado vou pensar na próxima etapa... quero dizer, terminei como quem diz, falta defender a tese, mas isso é o menos... pode passar por fazer voluntariado ou alguma atividade noutra país que é uma experiência que não tive durante o meu percurso académico... mas ainda é recente, portanto, ainda estou a descontraír...

ENTREVISTADOR – Fale-me um pouco dos seus rendimentos...

VANESSA – (risos)... os meus rendimentos resumem-se à minha mesada em conjunto com algumas prendas de familiares, em ocasiões especiais como o Natal ou o meu aniversário. Sou independente nas minhas decisões, que costumo ponderar, mas ainda não sou independente financeiramente. Como já referi os meus pais são o meu grande apoio, incluindo financeiro, *err...* e sei que nunca se oporiam

a apoiar-me em qualquer situação. Apesar de não ter rendimentos próprios, isso nunca foi uma preocupação para mim, mas sim, começa a chegar a altura...

ENTREVISTADOR – Com o mestrado praticamente concluído, ainda não há mesmo projetos futuros? O que lhe passa pela cabeça? Como se imagina num futuro a curto prazo e depois mais para a frente aos 40 ou 50 anos? Fale-me também um pouco dos seus hobbies...

VANESSA – *Err...* portanto, eu concluí o meu mestrado há dias, falta só defender a tese, e gostava que a minha prioridade fosse a independência financeira dos meus pais, mas vamos ver ainda... não vou ser escravizada só para poder dizer que ganho dinheiro... é uma situação a ver... se surgir uma boa oportunidade para começar a trabalhar e a ser independente, tudo bem, mas não vou aceitar qualquer tipo de situação laboral só para que isso aconteça...

Considero importante saber que posso sempre contar com o apoio dos meus pais a qualquer nível, quer de opiniões, quer monetariamente *err...* e é graças a eles que posso dizer que não estou disponível para aceitar qualquer coisa... claro que quero a minha independência, chegou a altura de dar esse passo, por nenhum motivo de conflito mas, *err...* mesmo porque sim, *err...* quero ter o meu dinheiro e fazer dele o que quiser, quando quiser, sem justificações, mas tem de ser uma coisa com pés e cabeça para valer a pena porque felizmente não preciso realmente dessa independência.

Mas pronto, o fundamental é que gostava de encontrar emprego na minha área. Eventualmente fora do país, para começar a desligar-me do meu pequeno mundo, do meu porto seguro. Deve ser giro ter uma vida a sério, com outro rigor de horários, ter de saber estar de acordo com a atividade profissional que desenvolver...

Para já fui aceite num estágio de seis meses em Bruxelas. Concorri enquanto estive a escrever a tese, mas só tem início em setembro. Ainda não sei se vou

realmente. É uma porta aberta, mas até setembro falta muito tempo. Entretanto gostava de integrar uma equipa de voluntários em África, em Maputo. É uma equipa que ajuda na instrução primária de crianças desfavorecidas. A ideia é ir com uma amiga minha que teve conhecimento deste projeto e me desafiou. Penso que se for vai ser uma experiência muito positiva. Observarmos, colaborarmos e ajudarmos nesta realidade, com certeza, muito diferente do que foi a nossa infância. Mas por outro lado é em julho e agosto. Estar sem fazer praticamente nada até julho e depois de voltar de dois meses em África, uma realidade que desconheço e que não sei como me vou dar, chegar a Portugal, fazer as malas e ter pouquíssimos dias até ir para Bruxelas começar um estágio, com tudo o que implica, em termos de arranjar casa e assim... não sei... a data de término do voluntariado até pode ser ligeiramente depois da data de início do estágio... *err...* logo aí terei de optar só por uma das coisas... é como disse... vamos ver ainda (pausa)...

Err... quanto aos hobbies, o basquete foi sempre o meu principal hobby. Também gosto de cinema, uma boa comédia, e de ler livros, sobretudo policiais. Agatha Christie é a minha escritora preferida. Tive tanto tempo... para todos estes hobbies, o basquete era o que mais tempo ocupava por causa dos treinos. Mas sim, tenho alguma preocupação com as minhas atividades futuras, poderei ter menos tempo, para atividades de lazer, da minha vida pessoal e das coisas que gosto de fazer. Tudo se resolve... e também estou muito entusiasmada com esta nova fase da minha vida, com o que virá a seguir, porque irá ser muito diferente, não é?

A médio/longo prazo espero uma carreira estável e poder recuperar as minhas horas de lazer, considerando que o mais certo é perdê-las nesta nova fase. Temos de saber definir prioridades, *err...* e para mim, como acho que para toda a gente hoje em dia, o sucesso profissional confunde-se muito com a realização pessoal... estou-me a mentalizar de que tenho de mudar um bocado o *chip* por mais que ainda possa adiar mais uns mesitos a entrada definitiva no mercado de trabalho. Mas pronto... para já sinto-me realizada e muito feliz com o meu percurso até ao momento: sou feliz, obtive uma média muito boa, que é o meu orgulho, mas também trabalhei

para a conseguir, embora não saiba muito bem se esse facto se irá revelar como uma mais-valia, tenho uma família equilibrada, bons amigos...

Err... família... mais a longo prazo... não é uma preocupação minha sinceramente... neste momento nem tenho namorado, e quanto a filhos... sim gostava, mas para mais tarde... agora quero liberdade total sem depender de ninguém e sem ter alguém a depender de mim... isso fica para quando a minha carreira profissional estiver definida e for estável. Aos 40 ou 50 anos? Não imagino nada, sinceramente. Agora sou feliz, livre, quero trabalhar, ter sucesso e viver a vida, o que tiver de vir virá...